



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

MESTRADO EM ANIMAÇÃO ARTÍSTICA

*Animação patrimonial e potencialidades turísticas:
Estudo sobre a freguesia da Sertã.*

Orientadora do Mestrado:

Professora Doutora Maria Madalena Leitão

Mestranda:

Joana Lopes

Novembro, 2013



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

***Animação patrimonial e potencialidades turísticas:
Estudo sobre a freguesia da Sertã.***

Joana Margarida Pires Lopes

Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Animação Artística, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

O Júri

Presidente: Professor Doutor Domingos Fernando da Cunha Santos

Vogal: Professora Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão

Vogal: Professor Doutor Xerardo Pereiro Pérez

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai que por tudo o que é será sempre uma figura de força e inspiração para mim. Ao meu companheiro por todo o apoio e incentivo ao longo de todo este percurso. À minha avó Maria do Céu pelos sábios conselhos sobre a importância do tempo de trabalhar com afinco e a importância do tempo de descanso revitalizador. À minha restante família, avó Arminda, Cristina, Rafaela, Elisa, Beatriz e Guilherme, por tudo o que representam para mim.

A todos os docentes que me acompanharam ao longo do meu percurso de formação e em particular à minha orientadora Professora Doutora Madalena Leitão que sempre me apoiou ao longo de todo este processo.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a elaboração deste estudo.

Aos meus colegas de licenciatura e mestrado em particular ao Abel Luís e Ana Guterres por estarem sempre disponíveis para trocar ideias e opiniões comigo.

Palavras-chave

Animação Patrimonial, Animação Artística, Património Cultural, Património Natural, Turismo e Comunidade.

Resumo

Um dos pressupostos da Animação, independentemente da sua área de atuação, é o empoderamento e capacitação dos seus públicos-alvo. Partindo desta asserção tenta apresentar-se um Projeto, em torno do património cultural e natural da freguesia da Sertã, no qual a comunidade assuma um papel de destaque. A este modelo de animação, dinamização e revitalização do património cultural e natural com base no contributo e mobilização da comunidade chamou-se Animação Patrimonial. Nesta última, a Animação Artística tem um papel relevante através do contributo das diferentes áreas artísticas e do recurso a propostas externas de produção artística inspiradas na identidade cultural local, o que favorece a abertura de novos caminhos ao próprio património cultural existente. Esta perspetiva de intervenção no território visa o desenvolvimento local em vários setores, social, cultural, ambiental e económico.

Para compreender se este projeto tinha condições de poder ser implementado e envolver a comunidade, realizou-se um inquérito a uma amostra da população da freguesia, com mais de 18 anos. Quando do tratamento dos dados recolhidos, verificou-se que a maioria das pessoas inquiridas se mostrou disponível para colaborar na divulgação do património local junto de turistas ou visitantes.

Acredita-se que esta modalidade possa ser um contributo para o desenvolvimento de práticas de turismo alternativo nas regiões e que daí possam resultar experiências enriquecedoras, quer para os turistas, quer para a comunidade anfitriã.

Keywords

Heritage Animation, Artistic Animation, Cultural Heritage, Natural Heritage, Tourism and Community.

Abstract

One of the assumptions of Animation, regardless of their area of expertise, is the training and empowerment of their target audiences. From this assertion was tried to present a Project, around the cultural and natural heritage of Sertã, in which the community takes a prominent role. This model animation, energizing and revitalizing the cultural and natural heritage based on the involvement of the community was called Heritage Animation. In the latter, the Artistic Animation plays an important role through the contribution of different artistic fields and the use of external proposals of artistic production inspired by the local cultural identity, which favors opening new paths to their own cultural heritage. This perspective seeks the intervention within local development in various sectors, social, cultural, environmental and economic.

To understand if this project had conditions be implemented and involve the community, was carried out a survey to a sample of the population of Sertã, with more than 18 years. Regarding the treatment of the data collected, it was found that the majority of respondents were willing to assist in dissemination of the local heritage to tourists or visitors.

It is believed that this method can be a contribution to the development of alternative tourism practices in the region and that may ensue enriching experiences, either for tourists or for the host community.

ÍNDICE

Introdução	1
CAPÍTULO I – Enquadramento Teórico	4
1. Património Cultural e Animação Artística	4
1.1 Definição de património cultural e natural	4
1.2. Principais perspetivas conceptuais de património cultural.....	7
1.3 Animação Cultural e Artística	10
2. Turismo e Animação Patrimonial.....	14
2.1 Conceitos gerais de turismo	14
2.2 Turismo Comunitário.....	15
2.3 Turismo Apropriado	19
2.3 O perfil do turista	25
2.4 Turismo e a Animação Patrimonial	30
3. Animação Patrimonial e potencialidades turísticas.....	33
3.1 Distinção entre Animação Patrimonial e Animação Turística.....	33
3.2 Animação Patrimonial na perspetiva da Animação Comunitária	34
3.3 O papel da Educação Patrimonial no âmbito da Animação Patrimonial.....	35
3.4 A Animação Artística como parte integrante da Animação Patrimonial.....	37
3.5 Animação Patrimonial, Turismo Apropriado e Desenvolvimento Local.....	41
CAPÍTULO II – Objetivos e metodologia do Trabalho de Projeto	46
1. Apresentação geral	46
1.1 Tema de estudo e questões da Investigação	46
1.2 Objetivos do Projeto de Animação Patrimonial.....	47
1.3 A Escolha do Tema	47
2. Metodologia utilizada.....	48
2.1 Recolha de dados secundários.....	48
2.2 Recolha de dados primários	49
2.3 A constituição da Amostra.....	50
2.4 A recolha e tratamento de dados	51
Capitulo III- O contexto: A Freguesia da Sertã.....	53
1. Caracterização Geral da Freguesias da Sertã.....	53
1.1 Caracterização populacional.....	54
1.2 Caracterização socioeconómica	55

1.3 Caracterização cultural	56
2. Património Natural e Cultural existente	57
3. Espaços e Equipamentos Culturais e Desportivos	71
4. Grupos Culturais locais.....	72
5. Caracterização da oferta turística	77
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	78
1. Análise dos resultados obtidos com aplicação de inquéritos por questionário	78
1.1 Caracterização da população inquirida	78
1.2 Dados recolhidos e considerações sobre os mesmos	80
1.3 Síntese Interpretativa.....	112
CAPÍTULO V – Projeto de Animação Patrimonial e Turismo Apropriado.....	114
1. Descrição sumária do projeto À PORTA.com	114
1.1 Fases do projeto À PORTA.com.....	115
2. Público - A quem se destina o projeto?	122
3. Como funciona a plataforma À PORTA.com.....	122
4. Impactos previstos no território	123
5. Viabilidade Financeira do Projeto.....	124
6. Cronograma.....	126
7. Recursos	127
7.1 Recursos humanos	127
7.2 Recursos logísticos	128
8. Orçamento.....	128
9. Exemplos Práticos:.....	130
Considerações Finais.....	133
Bibliografia	136
Anexos e Apêndices	142
Anexo 1 – Guia Turístico Sertã.....	144
Anexo 2 – Lendas da Freguesia.....	145
Anexo 3 – Rezas, Crenças e Superstições da freguesia.....	147
Apêndice 1 - Inquérito aplicado aos habitantes da freguesia	150

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Conceito de Ativação Patrimonial	37
Figura 2- Contributo da Ativação Patrimonial para o desenvolvimento local.....	45
Figura 3 - Mapa do concelho da Sertã.....	54

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Matriz-História	24
Tabela 2- Tipos de turistas segundo Cohen	28
Tabela 3 Tabela 3- Diferenças entre o modelo de desenvolvimento Funcionalista e Territorialista.	42
Tabela 4- Festas e Romarias da Freguesia da Sertã	61
Tabela 5-Património Religioso Edificado: Capelas da freguesia da Sertã.....	70
Tabela 6- Associações e Coletividades na Freguesia da Sertã	76

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Número de inquiridos segundo a distribuição por sexo	78
Gráfico 2- Percentagem de inquiridos segundo distribuição por sexo.....	79
Gráfico 3- Distribuição dos inquiridos por faixas etárias	79
Gráfico 4- Distribuição dos inquiridos por sexo e faixas etárias.....	80
Gráfico 5- Distribuição dos inquiridos por sexo e habilitações literárias	80
Gráfico 6- Questão 1: Auto avaliação de conhecimentos sobre o património cultural e natural da região	81
Gráfico 7- Questão 1: Auto avaliação de conhecimentos sobre o património cultural e natural da região por sexo.....	82
Gráfico 8- Questão 1: Autoavaliação de conhecimentos sobre o património cultural e natural da região de acordo com as habilitações literárias.....	82
Gráfico 9- Questão 1: Distribuição percentual da autoavaliação de conhecimentos de acordo com as habilitações literárias	83
Gráfico 10- Questão 1: Distribuição percentual da autoavaliação de conhecimentos de acordo com as faixas etárias.....	84
Gráfico 11- Questão 2: Áreas de conhecimentos relativamente ao património local	85
Gráfico 12- Questão 2: Áreas de conhecimentos relativos ao património local por sexo	85
Gráfico 13- Questão 2: Áreas de conhecimentos relativos ao património cultural e natural da região de acordo com as habilitações literárias.....	87
Gráfico 14- Questão 2: Áreas de conhecimentos relativos ao património cultural e natural da região de acordo com as faixas etárias.....	88
Gráfico 15- Questão 3: Interesse em alargar conhecimentos sobre o património local.....	89

Gráfico 16- Questão 3: Interesse em alargar conhecimentos sobre o património local de acordo com o sexo	89
Gráfico 17- Questão 3: Análise percentual do interesse em alargar conhecimentos sobre o património local de acordo com o sexo.....	90
Gráfico 18- Questão 3: Análise percentual do interesse em alargar conhecimentos sobre o património local de acordo com as habilitações literárias	90
Gráfico 19- Questão 3: Análise percentual do interesse em alargar conhecimentos sobre o património local de acordo com a faixa etária.....	91
Gráfico 20- Questão 4: Interesse participar em formações subordinadas ao tema do acolhimento turístico	92
Gráfico 21- Questão 4: Interesse participar em formações na área do turístico de acordo com o sexo	92
Gráfico 22- Questão 4: Análise percentual de acordo com o sexo	93
Gráfico 23- Questão 4: Análise percentual de acordo com as habilitações literárias	93
Gráfico 24- Questão 4: Análise percentual de acordo com as faixas etárias.....	94
Gráfico 25- Questão 5: Disponibilidade para fazer voluntariado ou prestar serviços que permitissem ao turista/visitante conhecer o património/região.....	94
Gráfico 26- Questão 5: Disponibilidade para fazer voluntariado ou prestar serviços que permitissem ao turista/visitante conhecer o património/região de acordo com o sexo.....	95
Gráfico 27- Questão 5: Análise percentual de acordo com o sexo	95
Gráfico 28 - Questão 5: Análise percentual de acordo com as habilitações literárias	96
Gráfico 29- Questão 5: Análise percentual de acordo com as faixas etárias.....	96
Gráfico 30- Questão 6: Diferentes tipos de contributos a proporcionar ao turista	97
Gráfico 31- Questão 6: Diferentes tipos de contributos a proporcionar ao turista de acordo com o sexo	98
Gráfico 32 - Questão 6: Diferentes tipos de contributos a proporcionar aos turistas de acordo com as habilitações literárias	99
Gráfico 33- Questão 6: Diferentes tipos de contributos a proporcionar aos turistas de acordo com as faixas etárias.....	99
Gráfico 34- Questão 7: Regime de realização das atividades propostas	100
Gráfico 35- Questão 7: Regime de realização das atividades propostas de acordo com o sexo ..	100
Gráfico 36- Questão 7: Análise percentual do regime de realização de atividades de acordo com as habilitações literárias	101
Gráfico 37- Questão 7: Análise percentual do regime de realização de atividades de acordo com as faixas etárias.....	102
Gráfico 38- Questão 8: Opinião sobre o turismo enquanto mais-valia para a região	102
Gráfico 39- Questão 8: Opinião sobre o turismo enquanto mais-valia para a região de acordo com o sexo	103
Gráfico 40- Questão 8: Análise percentual sobre opinião relativamente ao turismo enquanto mais-valia para a região de acordo com as habilitações literárias.....	103

Gráfico 41- Questão 8: Análise percentual sobre opinião relativamente ao turismo enquanto mais-valia para a região de acordo com as faixas etárias	104
Gráfico 42- Questão 9: Opinião sobre a importância da população local no desenvolvimento turístico da região	104
Gráfico 43- Questão 9: Opinião sobre a importância da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com o sexo	105
Gráfico 44- Questão 9: Análise percentual sobre a importância da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com as habilitações literárias.....	105
Gráfico 45- Questão 9: Análise percentual sobre a importância da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com as faixas etárias	106
Gráfico 46- Questão 10: Opinião sobre o envolvimento da população local no desenvolvimento turístico da região	107
Gráfico 47- Questão 10: Opinião sobre o envolvimento da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com o sexo	107
Gráfico 48- Questão 10: Análise percentual sobre o envolvimento da população local no desenvolvimento turístico.....	108
Gráfico 49- Questão 10: Análise percentual sobre o envolvimento da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com as faixas etárias	109
Gráfico 50- Questão 11: Opinião sobre fatores que motivam os turistas a visitar a freguesia....	110
Gráfico 51- Questão 11: Opinião sobre fatores que motivam os turistas a visitar a freguesia de acordo com o sexo.....	110
Gráfico 52- Questão 11: Opinião sobre os fatores que motivam os turistas a visitar a freguesia de acordo com as habilitações literárias	111
Gráfico 53- Questão 11: Opinião sobre os fatores que motivam os turistas a visitar a freguesia de acordo com as faixas etárias.....	111

LISTA DE ABREVIATURAS

CMS- Câmara Municipal da Sertã

INE - Instituto Nacional de Estatísticas

IPI- Inovação Projetos e Iniciativa

OMT - Organização Mundial do Turismo

PRIVETUR - Associação Portuguesa de Turismo em Espaço Rural

QREN- Quadro de Referência Estratégico Nacional

UNESCO- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Introdução

Viajar faz parte da essência humana, desde os tempos ancestrais que o ser humano se desloca, procura novos lugares, novos povos, novas culturas. As motivações das viagens variaram ao longo dos séculos, a busca por “mares nunca de antes navegados”, a busca de riqueza, ou o simples prazer da descoberta levaram o ser humano a partir à aventura. As viagens deram oportunidade a uma nova fruição dos lugares abrindo-se espaço ao turismo. Hoje em dia não concebemos uma vida sem conhecer outros países, outras culturas, outros modos de estar e viver. Este desejo amplamente difundido por toda a sociedade, leva a que o turismo, na atualidade, seja um fenómeno em franco crescimento. Encontramos, nos dias de hoje, várias formas de vivenciar a experiência turística, sendo cada vez mais aqueles que já não procuram apenas um turismo de sol e mar. O turista tornou-se mais exigente e as suas motivações de viagem mais abrangentes, procurando um maior contacto com a cultura e património endógeno dos lugares que visita.

Nesse sentido, é urgente olhar para a nossa identidade cultural como uma mais-valia turística e elemento diferenciador. É urgente que esta mais-valia nos ajude a encontrar novos paradigmas para o desenvolvimento dos territórios e que este desenvolvimento parta dos interesses e necessidades da comunidade. Com base no pressuposto anterior, defende-se a ideia dos recursos patrimoniais tangíveis e intangíveis como possíveis recursos turísticos dinamizados pelos habitantes locais. Neste trabalho final, onde se apresenta um projeto de animação patrimonial para a freguesia da Sertã, tenta-se expor uma visão na qual o desenvolvimento local é baseado também no património endógeno, tendo como fim último o desenvolvimento do turismo da região. Defende-se a ideia de que a associação entre os habitantes locais, a animação e o património natural e cultural do território poderá levar a um progresso a nível social, cultural e, inclusive, económico, uma vez que esta dinâmica pode promover o desenvolvimento na área do turismo e consequentemente de todos os sectores que com este se relacionam direta ou indiretamente. Deste modo, o trabalho projeto tem como finalidade apresentar uma intervenção em Animação Patrimonial e Artística que potencie turisticamente o território da freguesia da Sertã, tendo como ponto de partida os seus recursos patrimoniais. O Projeto apresentado pretende que a comunidade assuma um papel de destaque na valorização e preservação do património autóctone e assim se possibilite a médio e a longo prazo a implementação de um modelo de turismo apropriado.

Para atingir a finalidade definida foi necessário colocar algumas questões de partida:

- Qual o nível de conhecimento que a população inquirida considera possuir sobre o património local?
- Qual o nível de receptividade da população inquirida em aplicar esses conhecimentos de forma a participar num projeto de animação patrimonial?

-Qual a área ou áreas do património endógeno sobre a(s) qual(ais) os membros da comunidade inquiridos detém maior interesse em participar?

O presente trabalho de projeto encontra-se estruturado em cinco capítulos que se passam a apresentar de forma sucinta.

O primeiro capítulo contempla a fundamentação teórica do estudo através da revisão da literatura sobre diferentes conceitos. Os conceitos abordados passam pela conceção geral de património natural e cultural e turismo sendo também explorados outros conceitos de cariz mais específicos nomeadamente animação patrimonial e artística, turismo apropriado e comunitário.

No segundo capítulo são apresentados os objetivos da investigação bem como as questões que orientaram este estudo e projeto. É neste ponto que se revelam os aspetos referentes à metodologia adotada para a elaboração do presente estudo.

Já no terceiro capítulo é feito o enquadramento da freguesia em estudo focando aspetos que a caracterizam a diferentes níveis designadamente, populacional, económico, cultural, entre outros.

O quarto capítulo é dedicado à análise e discussão dos resultados obtidos através do questionário aplicado aos habitantes da freguesia, tentando-se quantificar o nível de motivação dos habitantes em participar num projeto de animação patrimonial. Neste ponto, também se pretendeu verificar se variáveis como o sexo, a idade ou as habilitações literárias influenciam as respostas dos inquiridos.

Por último, o quinto capítulo apresenta o projeto final no âmbito da Animação Patrimonial e Turismo Apropriado. Este projeto resulta da análise e reflexão dos dados obtidos na freguesia em estudo, tendo em consideração o seu enquadramento territorial, populacional, bem como os recursos patrimoniais endógenos.

“Através da interpretação, a compreensão, através da compreensão, a apreciação, através da apreciação, a proteção.”

Freeman Tilden

CAPÍTULO I - Enquadramento Teórico

1. Património Cultural e Animação Artística

A Animação do património e o turismo que em torno desta possa surgir poderá ser uma opção de progresso para várias regiões, considerando a possibilidade de serem criadas novas oportunidades de trabalho para a comunidade local, bem como um melhoramento de qualidade de vida dos habitantes. É neste contexto que surge também uma oportunidade para a animação, uma oportunidade de melhorar não só o destino turístico mas também a experiência de quem o visita. Sendo o presente estudo subordinado ao tema da animação patrimonial e turismo, tenta-se compreender como estes conceitos se poderão interligar e enriquecer-se reciprocamente. No presente capítulo, será feita uma abordagem a diferentes conceitos fundamentais para contextualizar o projeto a desenvolver nomeadamente Património Cultural e Natural, Animação Cultural e Artística, Turismo e Animação Patrimonial.

1.1 Definição de património cultural e natural

Antes de mais é importante fazer uma breve consideração sobre o conceito de património, segundo Bucho, património é uma palavra originária do latim *patrimonium*, que etimologicamente tem origem na palavra pai (pater) tendo como significado, bens de família, isto é, herança transmitida de geração em geração (2010, p.51).

Património cultural distingue-se do conceito de património, no sentido que o segundo se refere a bens individuais normalmente materiais e o primeiro a bens coletivos, podendo ser de dimensão tangível ou não. Neste prisma, património trata-se de bens que herdamos da nossa família por exemplo, já património cultural abrange tudo aquilo que herdamos da nossa cultura e que nos define enquanto povo.

Muitas confusões conceptuais se têm gerado em torno destes conceitos, como afirma Pereira (2009), “a noção de património cultural não é exatamente a mesma que a noção de património nem que a de cultura. Esta é uma das confusões conceptuais mais frequentes entre os investigadores e entre os agentes da patrimonialização” (p.140), por isso importa que desde já se faça a clara distinção entre um e outro conceito.

Tomemos como exemplo Bucho que apresenta uma visão atual sobre o termo património definindo-o no contexto de património cultural “Podemos dizer que o património compreende entidades tangíveis e intangíveis que detêm valores e qualidades apreciadas pelas culturas num determinado momento da sua história”(2010, p.52), na perspetiva de Pérez esta seria uma possível definição para património cultural.

Em termos legislativos existe a distinção clara entre um e outro conceito, segundo o nº 1 do artigo 2º da lei nº 107/01, entende-se por património cultural “ todos os bens que, sendo

testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização.”

Dentro desta perspetiva são considerados património cultural, bens imóveis, tais como, igrejas, castelos, palácios, casas, praças, entre outros. A par dos bens imóveis encontram-se também os bens móveis onde se incluem obras de arte, artefactos do passado, objetos artesanais e outros objetos de natureza móvel.

No nº 4 deste mesmo artigo, são ainda considerados património cultural “bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas”.

Dentro dos bens imateriais, também designados por património cultural intangível, encontra-se o folclore, as festividades, expressões da oralidade, os saber-fazer, contos, lendas, mitos, crenças, músicas, danças, jogos tradicionais, gastronomia, enfim, um conjunto de modos de estar e características que apesar de não serem visíveis como um monumento, ilustram e caracterizam toda a cultura de um povo.

A valorização do património cultural imaterial viu-se intensificada em 2003, ano em que a UNESCO organizou a “Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial”, onde ficaram definidos os parâmetros para a classificação deste género de património cultural.

Para efeitos desta Convenção, considera-se património cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões - bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados - que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. O património cultural imaterial manifesta-se nos seguintes domínios:

- a) Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial;
- b) Artes do espectáculo;
- c) Práticas sociais, rituais e eventos festivos;
- d) Conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza;
- e) Aptidões ligadas ao artesanato tradicional. (UNESCO, s.d, em linha)

Esta convenção definiu, ainda, como objetivos:

- a) A salvaguarda do património cultural imaterial;
- b) O respeito pelo património cultural imaterial das comunidades, dos grupos e dos indivíduos em causa;
- c) A sensibilização, a nível local, nacional e internacional, para a importância do património cultural imaterial e do seu reconhecimento mútuo;

d) A cooperação e o auxílio internacionais, no quadro de um mundo cada vez mais globalizado, que ameaça uniformizar as culturas do mundo aumentando simultaneamente as desigualdades sociais. (UNESCO, s.d, em linha)

Esta convenção veio fomentar uma valorização de bens imateriais, muitas vezes vistos de uma forma diminuta quando comparados ao património tangível. A par desta valorização veio ainda sensibilizar para a importância da preservação de bens intangíveis que muitas vezes se perdem, à medida que a sociedade se torna mais globalizada. Rezas, cantares, expressões da oralidade, mezinhas e outros saberes tradicionais facilmente caem no esquecimento se não forem devidamente passados às gerações vindouras, perdendo-se deste modo uma riqueza cultural imensa.

Entre 17 de Outubro e 21 de Novembro de 1972 a UNESCO organizou a Convenção para a proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. Neste encontro foram apresentadas medidas para a proteção do património mundial, cultural e natural, sendo também apresentada a definição de património natural:

Para fins da presente Convenção serão considerados como património natural:

Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;

As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação;

Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista a ciência, conservação ou beleza natural. (UNESCO,1972, em linha)

Dentro do património natural encontram-se muitas vezes Parques e Reservas Naturais. Em Portugal são considerados património natural pela UNESCO o Alto Douro Vinhateiro, Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico nos Açores e Floresta Laurissilva na Ilha da Madeira.

Para além deste património natural com reconhecimento a nível mundial pela UNESCO, Portugal apresenta lugares de grande beleza. De norte a sul do país encontram-se praias, serras, florestas, enfim, uma enorme variedade de paisagem natural com características de fauna e flora particulares que em muito enriquecem o património natural português.

Esta diversidade paisagística torna qualquer viagem neste país, numa experiência única e rica, cabendo a cada turista, visitante ou habitante local preservar estes tesouros naturais.

Definido o conceito de património natural e clarificada a distinção entre património cultural e património e tomada a consciência de que para uns autores património é sinónimo de património

cultural, avançamos para uma reflexão mais aprofundada sobre algumas conceções em torno do património cultural (terminologia defendida e usada ao longo do presente trabalho de projeto).

1.2. Principais perspetivas conceptuais de património cultural

Relativamente ao património cultural existem, segundo Pereiro (2009), cinco interpretações e posturas perante o mesmo.

Tradicionalista ou Folclorista

Nesta perspetiva, são abrangidos no conceito de património cultural bens materiais e imateriais representantes da cultura popular pré-industrial. Como afirma Pereiro “os defensores desta postura consideram o património cultural como objeto e apenas relicário do passado” (2009, p.142), adotando uma postura conservacionista. Esta noção assenta sobretudo numa perspetiva monumentalista, tomemos como exemplo uma ilustração de Pereiro “monumentalizam o moinho e pensam-no como um monumento e não como cultura de trabalho”(2009, p.143), ou seja, há quase uma desconstrução da identidade do património em si.

Esta é uma visão que muito empobrece o verdadeiro valor do património cultural. Não é possível contar a história de um moinho como se este fosse apenas um monumento feito de pedras. Cada construção ou artefacto que chegou até ao presente traz consigo uma história. É nesta história, nesta ligação objeto-Homem, que se encontra o verdadeiro valor do objeto em causa. O valor do património cultural está na forma como nos relacionamos com ele. Como podemos dinamizar uma atividade de animação patrimonial em torno de um moinho sem falarmos dos moleiros, sem falarmos das gentes que davam vida ao espaço?

Esta noção em torno de património cultural está longe de ser a mais apropriada quando se fala em animação ou animação patrimonial.

Construtivista

Segundo esta perspetiva o património cultural é consequência do processo de construção e evolução social. Clarificando melhor esta noção, o património cultural é consequência da valorização de certos bens patrimoniais e desvalorização de outros de acordo com os valores e padrões de grupos dominantes que fazem esta seleção. Um exemplo ilustrativo usado por Pereiro, que explica claramente este modelo trata-se do caso da ditadura franquista, que valorizava património cultural associado à sua ideologia e desvalorizava ou proibia obras como “Guernica” de Pablo Picasso que representava os horrores do sistema vigente (2009, p.143).

Neste ponto de vista, o património cultural é usado como uma representação simbólica das identidades dominantes e uma forma de expansão e representação das suas ideologias (Pereiro, 2009, p.143).

Uma vez mais é apresentada uma noção relativamente ao património cultural que pouco ou nada tem que ver com os valores e princípios defendidos pela animação cultural. Em animação aposta-se na integração e igualdade entre indivíduos. Não podemos desconsiderar aquilo que são os valores culturais de uma comunidade só porque esta se encontra em minoria face a outro grupo de pessoas.

Segundo Pereiro, este modelo levou a que muitos países deixassem de considerar património cultural o legado deixado por culturas indígenas, dando como exemplo o caso do Brasil (2009, p.143), esta atitude perante a cultura de pequenas comunidades, revela uma profunda falta de sensibilidade por padrões culturais legados pelos antepassados desses povos e que no fundo ajudam a definir a cultura de todo um país. Durante a “Convenção sobre a Protecção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais” organizada pela UNESCO em 2005, foram criados princípios orientadores que, entre outros aspetos, pretendiam proteger e promover o desenvolvimento das expressões culturais de culturas minoritárias, “Tendo em conta a importância da vitalidade das culturas, inclusive para as pessoas pertencentes a minorias e povos indígenas, que se manifesta em sua liberdade de criar, divulgar e distribuir as suas expressões culturais tradicionais e de a elas ter acesso, de forma a beneficiá-los para seu próprio desenvolvimento” (UNESCO,2005, em linha).

Um animador nunca poderá adotar um modelo que fomenta a exclusão e a desigualdade entre grupos e culturas.

Patrimonialista

O património cultural está centrado na “recuperação das memórias do passado, a partir de uma perspetiva presente, para explicar a mudança dos modos de vida”(Pereiro, 2009, p.143) ou seja, dentro desta conceção o património está sempre em constante interpretação mediante o tempo presente.

Nesta perspetiva e como defende Pereiro “o património cultural é uma intervenção na cultura e os bens patrimoniais representam - metonímica e metaforicamente- formas de vida e identidades de um grupo humano num tempo e num espaço concretos” (2009, p.144). Normalmente este património cultural é definido, legislado, regulamentado e administrado pelo Estado e administração pública, sendo normalmente selecionado como elementos de património cultural objetos raros, singulares e que tenham sobrevivido ao longo do tempo.

Nesta abordagem o património cultural é gerido pela administração pública tratando-se assim do modelo adotado pela maioria das autarquias portuguesas. Tomemos um exemplo em concreto para a melhor compreensão do conceito. A Moagem - cidade do Engenho e da Artes, no Fundão, é um exemplo deste tipo de intervenção. A autarquia recuperou num edifício fabril de importância considerável para a cidade e transformou-o num espaço cultural. Neste processo o património não fica cristalizado, adapta-se ao contexto do presente e com uma visão para o futuro. Um outro exemplo também no concelho do Fundão, em Alpedrinha, é o Festival dos Chocalhos, esta iniciativa que tem vindo a ser desenvolvida há já vários anos, revitalizou a rota da transumância, dinamizando uma série de iniciativas culturais em torno da pastorícia, transformando uma atividade da vida rural, num evento, num espetáculo de valorização da identidade cultural local.

A questão que surge é se a comunidade tem efetivamente um papel ativo no desenvolvimento destes projetos, se há um envolvimento das gentes locais no desenrolar do processo cultural. É

possível que em algumas autarquias isto se possa verificar, no entanto, na maioria delas, os programas e projetos culturais, mesmo os que são em torno do património, são apresentados à comunidade já na fase de implementação.

Esta visão Patrimonialista poderá ser explorada de uma forma interessante pela animação nas suas diversas vertentes, no entanto é fundamental que neste processo a comunidade seja envolvida e que se descentralize o poder de decisão, dando oportunidade à população local de intervir de uma forma ativa.

Produtivista ou Mercantilista

Esta visão de património cultural centra a sua postura no turismo, a sua preocupação está diretamente relacionada com fatores económicos em que o património cultural é entendido como uma fonte de riqueza que pode ser explorada e servir para ultrapassar problemas como o desemprego e fomentar o consumo através do turismo cultural. Nesta ótica o património cultural passa a ser um ativo dentro de um economia pronta a rentabilizá-lo o mais possível.

Um dos problemas apontados a esta perspetiva tem que ver com a sobre-exploração turística que “nem sempre considera como os diferentes grupos sociais se apropriam do património cultural de forma desigual” (Canclini, 1999 apud Pereiro, 2009, p.145), levando a uma exploração massiva do local sem considerar a comunidade.

Segundo Pereiro, esta visão centra-se no espetáculo, no consumo, no atrativo turístico, com desvalorização de qualquer tipo de papel interventivo por parte da comunidade em todo o processo (2009, p.145).

Esta visão centrada sobretudo numa perspetiva economicista também não deve ser adotada no contexto da animação patrimonial uma vez que o bem-estar e qualidade de vida da comunidade devem ser os principais aspetos a defender em qualquer área de intervenção da animação. Deve evitar-se cair no erro de querer desenvolver projetos que atraiam e agradem a muitos excursionistas e turistas mas que em contrapartida se opõem às vontades e desejos da população local. Deve sempre gerir-se o equilíbrio entre aquilo que é vantajoso para a comunidade local e os interesses turísticos de modo a encontrar a solução mais proveitosa para ambas as partes, considerando que a opinião dos habitantes locais terá sempre primazia sobre a opinião do sector turístico.

Participacionista

Esta abordagem relativamente ao património cultural assenta num processo democrático onde a comunidade define o que se conserva ou não de acordo com as necessidades sociais do momento. Nesta conceção o principal destaque está nas pessoas, isto é, defende-se primeiro o interesse do artesão e só depois o interesse do artesanato (Pereiro, 2009, p.145). Esta perspetiva valoriza a partilha de poder, metodologias de intervenção comunitárias e participativas, sendo o património cultural visto como “um instrumento de autodefinição e autoconhecimento

identitários que promove as chaves de compreensão da cultura e o fortalecimento da autoconsciência para a diversidade cultural (Pereiro, 2009, p.145).

Este modelo dá a possibilidade de ser a comunidade a gerir os seus recursos patrimoniais, no contexto da animação, sendo este o conceito que melhor se enquadra nos pressupostos que esta defende.

Mediante as várias perspetivas abordadas torna-se importante refletir qual o modelo que melhor se adequa no contexto da animação e em particular da animação patrimonial. A fusão do modelo Patrimonialista (mas com a aposta no envolvimento da comunidade), com o modelo Participacionista poderão ser, a meu ver, as duas formas mais interessantes de abordar as questões do património cultural.

1.3 Animação Cultural e Artística

Após a abordagem às diferentes possibilidades de intervenção sobre o património cultural, abordar-se-ão os conceitos de Animação Cultural e Artística e a sua relação com os bens patrimoniais.

A reflexão sobre o papel das comunidades na vida cultural dos seus territórios e na dinamização do património cultural existente obriga a uma análise a duas dimensões conceptuais no âmbito da política cultural, a primeira a democratização cultural e a segunda a democracia cultural.

Segundo Serrano e Puya (2006), a democratização cultural é “ la cultura al alcance de todos, mediante una difusión cultural desde las instituciones”(p.158), neste pressuposto, as autoras consideram que, a difusão de bens culturais junto do público está ao encargo do poder institucional. Prosseguem afirmando que neste modelo “sólo la alta cultura, valor sacralizado, merce ser difundida; para que se produzca desarrollo cultural es suficiente com que haya un encuentro entre la obra y el público”(p. 158).

Segundo a afirmação, o modelo de democratização cultural promove essencialmente a cultura de elite e nesta ótica a animação cultural é entendida como uma forma de difusão cultural através da mediação entre o objeto artístico e o público que o aprecia. As autores ilustram esta reflexão afirmando que “(...) la animación podría considerarse como una mediación entre ele arte y el pueblo, como un instrumento útil de difusión cultural(...)”(p. 158).

Também Trilla (2004) considera que neste paradigma “A cultura é um património que se deve conservar e difundir, mas cuja produção continua a estar nas mãos de sectores muito minoritários do conjunto social” (p. 23).O autor prossegue afirmando que deste modo, “democratiza-se o consumo cultural, mas a definição e a criação da cultura permanece elitista” (p. 23).

Ao contrário da democratização cultural, onde o público é espectador do produto artístico ou cultural que lhe é apresentado, na democracia cultural, os indivíduos são dotados de instrumentos/recursos que lhes permitem ser responsáveis e atores da dinâmica cultural do território onde se inserem. As mesmas autoras progridem na sua análise aos dois modelos de intervenção cultural afirmando que “ Democracia cultural es la posibilidad de que cada cual viva y realice la cultura, mediante la actividad personal, la creatividad y la participación”(p.158).

Neste modelo a animação cultural é compreendida como uma metodologia que potencia e estimula a participação dos indivíduos ou grupos nas dinâmicas culturais. Neste pressuposto o público liberta-se do papel de espectador e assume o papel de ator, ultrapassa a posição de público-consumidor e adota a posição de criador.

Serrano e Puya defendem que nesta ótica “El animador, para fomentar el desarrollo de la democracia cultural, debe potenciar la participación y la creatividad intentando buscar nuevas formas de expresión cultural”(p.161).

Também Trilla considera que no modelo da democracia cultural a Animação é “o instrumento da “democracia cultural”(…)Não é um meio de difundir, mas uma forma de transformar a potencialidade das comunidades para a gerar”(2004, p. 23).

No âmbito da Animação Cultural e Sociocultural é possível encontrar vários autores que são unânimes na defesa de um modelo que permita aos cidadãos não só disfrutar de uma oferta cultural, mas também, assumir um papel ativo nas dinâmicas culturais do seu território.

Caride, defende nitidamente esta ideia, referindo que a animação sociocultural, no contexto da intervenção cultural, deve adotar metodologias participativas proporcionando aos cidadãos a possibilidade de ser protagonistas e autores das suas próprias expressões culturais.

O direito à cultura (...) já não se entende como um mero direito a observar ou consumir qualquer tipo de expressão ou manifestação cultural desde o simples papel de público espectador, mas sim a participar dentro nos processos socioculturais, a converter-se em actor protagonista, em que cada qual tenha a oportunidade de criar as suas próprias expressões culturais, como um imperativo ético indissociável no que diz respeito à dignidade das pessoas. (2007, p.65)

Tal como Caride também Pose defende a animação cultural como uma estratégia que promove a cidadania cultural:

A dimensão cultural da animação tem origem, possivelmente, num moldar do conceito amplo de cultura, imaginada e criada no quotidiano, não vinculada estritamente às artes, senão aos valores, aos hábitos e às atitudes sociais. Impõe-se uma visão de cultura como património e meta comum, ao alcance de todos, na construção de novas formas de relação, de expressão e de comunicação social. (Pose, 2008, p.54)

No âmbito da Animação Artística, Bento (2008), defende que a arte é a projeção da identidade cultural (p.540) e que a mobilização das comunidades em torno das expressões artísticas deve ser feita com base nos seus interesses e nas tradições locais. A participação dos cidadãos nas dinâmicas culturais e artísticas fazem parte do processo de cidadania.

A arte, a cultura e a cidadania fundem-se numa emergência catalisadora de mudança e de inovação. Os apelos à participação surgem a partir dos interesses das populações e assentam fundamentalmente nas suas tradições, nas suas práticas culturais e artísticas e no seu desejo de conhecer o mundo. (Bento, 2008, p.540)

Álvaro Cunhal no ensaio, A Arte, o Artista e a Sociedade, apresenta também uma visão que valoriza a participação dos povos como elementos ativos do processo criativo e artístico no enriquecimento e criação de valores estéticos:

A imaginação artística dos povos envolve gerações, num quase inimaginável longo processo criativo, que, mantendo vivas mesmo que não evidentes as origens, as enriquece e traduz com elementos e valores estéticos novos. (1996, p.111)

A Animação Artística deve também promover estratégias que permitam a permanência dos artistas locais nos seus territórios, enriquecendo o mesmo de capital humano e artístico. Além de fomentar a permanência de artistas locais deve, tal como a animação cultural, enfatizar a participação ativa dos cidadãos nos processos artísticos e criativos locais.

Neste pressuposto é também interessante o ponto de vista de Álvaro Cunhal quando se refere à arte em relação ao povo:

Quando se fala de uma arte voltada para o povo, para a sua vida e as suas aspirações e da mensagem que o artista, com a sua obra, leva ao povo, não se pretende que, no domínio da arte e da criatividade artística, o povo seja apenas objecto e destinatário. O povo é também autor, é também criador de valor estético. A criação popular funde o talento individual com o talento colectivamente considerado. (1996, p.111)

Este empoderamento da comunidade no âmbito da Animação Artística permite não só um desenvolvimento do todo (comunidade) como nas partes (indivíduo), isto é, cada elemento encontra nestas dinâmicas comunitárias formas para o seu próprio desenvolvimento pessoal.

A utilização das expressões artísticas no âmbito da Animação Artística favorece no sujeito o desenvolvimento da imaginação, criatividade, sensibilidade estética, bem como, um incremento ao nível da sua capacidade de expressão. Sobre este assunto Bento (2011) considera que:

É por esta razão que as expressões artísticas, em contexto de animação sociocultural, traduzem a essência da vida das pessoas, isto é, ajudam a identificar a origem ou a fonte da sensibilidade, da imaginação e da criatividade. É então preciso estimulá-las e desenvolvê-las. Para além desta função, a actividade artística em contexto de animação sociocultural subverte todo o tipo de limitações. É esta subversão que a torna um instrumento de dimensão cultural bastante consistente ao serviço da pessoa, das populações e das comunidades e que se traduz no desenvolvimento estético, emocional, intelectual, expressivo e social do indivíduo e do grupo. (2011,p.258)

Para Lauret e Cohen (2009), os projetos artísticos promovem no indivíduo a capacidade de explorar, imaginar, comunicar, demonstrar originalidade, aprender por comparação, aprender a lidar com a tensão, entre outras (p.10).

Os mesmos autores consideram que estas capacidades são adquiridas através da prática das expressões artísticas, sendo que, estas devem igualmente contribuir para a construção da identidade cultural do indivíduo:

L'approche culturelle déconnectée d'une pratique artistique et ignorante de la fréquentation des oeuvres se priverait de la dimension poétique et sensible qu'apporte une éducation artistique et culturelle pluridimensionnelle. Elle est, en revanche, ce qui permet d'inscrire chaque oeuvre et les pratiques personnelles de chacun dans un contexte

social et historique, et participe en ce sens à la construction de l'identité culturelle de l'individu. (2009,pp 8-9)

Sobre este tema, do trabalho artístico junto de comunidades, também Petra Koppers (2007) considera que se trata de uma forma de promover o desenvolvimento de um grupo de pessoas ao nível da expressão e criatividade:

I understand community performance to be work that facilitates creative expression of a diverse group of people, for aims of self expression and political change. Community performance are communally created. They are not individually authored: the end product, if it comes into existence, is not predetermined by an artist who directs people towards this goal. Instead, the outcome is (relatively) open, maybe within a thematic field opened up by the facilitator, but full of spaces and times for people to creat their own expressive material. (2007,p.4)

Os projetos de Animação Artística a desenvolver dentro das comunidades poderão incidir sobre qualquer forma de expressão artística, desde a expressão dramática, à expressão musical à expressão plástica, incluindo todas as outras formas sobre as quais a arte se pode desenvolver. Caberá ao animador decidir, em conjunto com a comunidade, qual a área artística sobre a qual se deverá desenvolver o projeto. As metodologias adotadas na execução do projeto devem ter em conta o contexto no qual a comunidade se insere, as suas especificidades, as suas necessidades e expectativas. Sobre este assunto, Bosco (2007), considera que não existem fórmulas pré-definidas na conceção e implementação destes projetos na medida em que cada comunidade é uma comunidade e como tal as metodologias deverão estar adaptadas às suas características particulares. A este respeito a autora que desenvolve a sua reflexão sobre o contexto específico do teatro social e o seu papel no âmbito comunitário, refere que:

(...)As formas teatrais e artísticas e as metodologias de trabalho não são predefinidas, mas resultam em cada caso adaptadas ao grupo e à comunidade em questão.(...)

O modo como as pessoas são convidadas a participar, a dramaturgia dos momentos festivos e as formas de comunicação são cuidadosamente estudadas tanto a partir do ponto de vista artístico como social.(2007, p.21)

Considera-se que no contexto da Animação Cultural e Artística devem favorecer-se os processos participativos que capacitam os indivíduos a assumir um papel ativo nas intervenções culturais do seu território, no entanto, é também importante que sejam simultaneamente apresentadas criações artísticas para que os atores locais possam também fruir de outras formas de expressão artística que não as suas.

Defende-se este ponto de vista de forma a evitar cair no extremo de encerrar os atores locais na sua “redoma artística/cultural”. Considera-se que uma abertura a diferentes expressões artísticas e culturais amplia a visão artística e uma visão ampliada da realidade cultural só poderá contribuir para um enriquecimento da sua própria produção cultural.

Através da Animação Cultural e Artística o animador poderá criar sinergias dentro da comunidade que visem a salvaguarda e a revitalização do património material e imaterial local.

Tal como os autores citados anteriormente, acredita-se que a partir de uma intervenção artística junto de uma comunidade é possível promover mudanças ao nível coletivo e pessoal.

2. Turismo e Animação Patrimonial

Neste ponto será desenvolvido o conceito genérico de turismo seguindo-se posteriormente uma abordagem a dois tipos de turismo, turismo apropriado e turismo comunitário, que podem ser desenvolvidos com a participação da comunidade.

2.1 Conceitos gerais de turismo

Segundo Rey, inicialmente o turismo era uma atividade destinada à classe nobre e burguesa. Com o surgimento do direito a férias remuneradas, a possibilidade de viajar alargou-se à classe trabalhadora (2008, p.627). Hoje em dia não concebemos uma vida sem conhecer outros países, outras culturas, outros modos de estar e viver. Este desejo amplamente difundido por toda a sociedade, leva a que o turismo seja um fenómeno em franco crescimento.

Segundo Domingues:

Turismo: Fenómeno sócio-económico e cultural que se baseia na deslocação de pessoas para locais diferentes da sua residência habitual, onde permanecem por períodos superiores a 24 horas, com objectivos de lazer, utilizando as facilidades de alojamento, alimentação e outras oferecidas no destino.(1990, p.279)

Domingues apresenta, nesta mesma obra, outra definição: “Turismo: Conjunto de actividades profissionais, relacionadas com o transporte, alojamento, alimentação e actividades de lazer destinadas a turistas” (1990, p.280).

Mambeti e Braga citando Mathieson e Wall, apresentam a definição defendida por estes autores, “O turismo pode ser considerado como o movimento temporário de pessoas para locais de destino distintos de seus lugares de trabalho e de morada, incluindo também as actividades exercidas durante a permanência desses viajantes nos locais de destino e as facilidades para promover as suas necessidades” (2004, p.2, em linha).

As mesmas autoras prosseguem referindo a conceção de Andrade relativamente ao conceito de turismo “Um conceito mais técnico descreve o turismo como o conjunto de serviços que tem por objetivo o planeamento, a promoção e a execução de viagens, e os serviços de receção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais” (2004, p.2, em linha).

Manbeti e Braga concluem que uma definição adequada de turismo deve “ considerar o turismo como actividade económica e social, tanto pelas motivações que o originam e determinam, quanto pelas implicações e efeitos que exerce nos sistemas económico, social e ambiental dos lugares receptores, bem como nos de origem dos viajantes” (2004, p.2, em linha).

Firmino (2007) afirma que o “turismo é um fenómeno psicológico, sociológico e económico que se desenvolve no seio de um sistema turístico. Este envolve os turistas, a indústria turística, as organizações públicas e privadas e os destinos turísticos” (p.91).

2.2 Turismo Comunitário

A par do conceito genérico de turismo, existem conceitos mais específicos e que importa abordar, tendo em consideração que o projeto que se pretende apresentar não se centra num modelo de turismo geral, muito menos massificado, sendo, pelo contrário, inspirado em dois modelos específicos de turismo alternativo, nomeadamente o turismo comunitário e o turismo apropriado.

Como a própria designação sugere, turismo comunitário, implica um forte envolvimento por parte da comunidade, além deste envolvimento ativo, alguns autores sugerem que este modelo diverge em muitos aspetos do turismo de massas.

De forma a melhor compreender em que diverge o turismo de massas dos modelos de turismo alternativo é importante recuar no tempo e viajar à década de setenta, época em que se desencadeia uma revolução no sector turístico.

De acordo com Pires, as fontes conceptuais do turismo comunitário têm origem no paradigma de turismo alternativo que, como já foi referido, começou a emergir na década de setenta, altura em que o turismo de massa começava já a dar sinais dos seus impactos negativos nos destinos turísticos. Na tentativa de encontrar soluções para os problemas que haviam surgido à conta da exploração massiva dos destinos e de forma a evitar a proliferação desmesurada e incauta deste modelo turístico, iniciaram-se os debates em torno desta temática. Ao longo das décadas de setenta e oitenta organizaram-se inúmeros seminários e conferências envolvendo entidades como a UNESCO, a OMT(Organização Mundial de Turismo), a TEN (Tourism European Network), entre outras, a partir dos quais começaram a emergir novas visões e paradigmas sobre a prática turística. (Pires, 2002, p.37)

As novas perspetivas em torno do turismo apontavam para uma necessidade de tornar este sector mais sustentável quer a nível social, económico, cultural, quer ambiental.

A par dos seminários e conferências nos quais se teorizava sobre as questões alusivas ao modelo de turismo alternativo, começam também a emergir nas décadas de setenta e oitenta, na europa, em particular na Finlândia, Noruega e Suíça, manifestações contra a “invasão turística” e a favor de formas de turismo sustentável. É a partir deste contexto, por um lado teórico, desenvolvido nos seminários e conferências, por outro prático, no caso das manifestações cívicas, que começam a germinar no terreno formas diferentes de turismo. (Pires apud Krippendorf, 2002, p.38)

Pires citando Krippendorf, refere o caso emblemático nesta mudança de paradigma, que ocorreu numa pequena localidade, Erschmatt na Suíça, onde os habitantes locais criaram uma associação comunitária com o objetivo de defender a sua visão sobre um turismo mais sustentável. De acordo com este autor, nos estatutos desta associação encontravam-se expressas algumas preocupações nomeadamente “preocupação com a preservação das paisagens, com a geração de benefícios para a população local, com o bem-estar das gerações futuras, com a criação de

empregos alternativos, além do temor em relação à especulação da terra” (Pires apud Krippendorf, 2002, p.38).

Este novo modelo de turismo começou a proliferar em várias partes do mundo também devido ao contexto social, político e cultural que se vivia em vários pontos do globo.

Assim, as manifestações da contracultura, que tiveram como cenários principais a Europa e os Estados Unidos e que foram movimentos de libertação político-ideológicos surgidos em oposição à sociedade tecnológico-industrial e consumista, cujas bandeiras de luta incluíam as questões ecológicas e ambientalistas, o antimilitarismo, o pacifismo e os direitos das minorias, emprestaram o seu carácter contestatório e inovador às aspirações por um “turismo alternativo”, como movimento de reação ao “turismo massificado” então dominante. Há, portanto, uma relação de contemporaneidade histórica e, ainda, de identidade filosófica desses acontecimentos, no sentido do seu significado transformador das relações sociais e de mudança de mentalidade na perspectiva cultural na trajetória humana. (Pires, 2002, p.43)

É nesta conjectura de factos que germinaram e proliferaram formas de turismo alternativo e que, ao longo dos anos seguintes, foram amadurecendo os seus conceitos e as suas propostas de atuação tendo sempre por base a preservação dos recursos naturais e culturais e do benefício recíproco entre turistas e anfitriões.

A disseminação deste modelo amplo de turismo e a introdução de novas variantes neste modelo levou à discussão se a terminologia “turismo alternativo” seria a mais adequada uma vez que dentro desta ótica se praticam diferentes modalidades de turismo levando a uma ambiguidade do conceito. Verificou-se, no final da década de oitenta, que o conceito de turismo alternativo se encontrava fragmentado em subconceitos e que era importante distinguir as suas variantes. Deste modo surgiu um amplo léxico de termos associados ao conceito geral de turismo alternativo. (Pires, 2002, pp87-92)

Na tentativa de fazer um levantamento das denominações associadas ao turismo alternativo, Pires fez um levantamento ao longo de três anos (1995-1998) em documentos académicos, artigos científicos, periódicos e em publicidade das designações específicas associadas a este termo mais geral. Na sua pesquisa, Pires, encontrou sessenta designações específicas associadas ao modelo de turismo alternativo designadamente, turismo sustentável, turismo ecológico, turismo, ecoturismo, turismo rural, turismo de contacto, turismo suave, turismo com base local, turismo cultural, turismo participativo, turismo responsável, turismo ético, entre muitas outras e também turismo apropriado. Pires considera que seria um trabalho inútil aprofundar ainda mais este levantamento devido à variação de terminologia e a novos conceitos que vão surgindo, de qualquer forma, esta pesquisa clarificou o quão vasta é a lista de designações que se associam a formas de turismo alternativo. (Pires, 2002, pp.92-97)

É também na ótica do turismo alternativo que podemos enquadrar o turismo comunitário uma vez que os princípios de um são também os princípios do outro.

Segundo Bursztyn, Bartholo e Delamaro entende-se por turismo comunitário um modelo de turismo alternativo cuja exigência de infraestruturas e serviços turísticos é menor do que ocorre

no turismo massificado e que visa sobretudo a valorização das riquezas naturais e culturais da região "O turismo alternativo de base comunitária busca se contrapor ao turismo massificado, requerendo menor densidade de infraestrutura e serviços e buscando valorizar uma vinculação situada nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar" (2009, p.86). Esta menor exigência ao nível de infraestruturas é um fator positivo pois permite implementar este modelo de turismo em zonas onde o desenvolvimento a este nível é mais diminuto.

Outro aspeto favorável é a primazia que este conceito atribui à questão do respeito e valorização pela identidade cultural dos locais e seus anfitriões.

A este respeito, Bursztyn et al., referem que o modelo de turismo comunitário para além de respeitar a cultura, tradições, modos de vida dos locais, pode servir como mecanismo de resgate e revitalização do património cultural. Além desta visão Bursztyn et al. defendem que no turismo de base comunitária existe uma relação de igualdade entre os turistas e os anfitriões e nunca o contrário.

Esse turismo respeita as heranças culturais e tradições locais, podendo servir de veículo para revigorá-las e mesmo resgatá-las. Tem centralidade em sua estruturação o estabelecimento de uma relação dialógica e interativa entre visitantes e visitados. Nesse modo relacional, nem os anfitriões são submissos aos turistas, nem os turistas fazem dos hospedeiros meros objetos de instrumentalização consumista. (Bursztyn et al., 2009, p.86)

Irving defende também esta ideia de igualdade entre o turista e o habitante local. Esta autora acredita que, ao invés da imagem estereotipada que muitas vezes é formulada, na qual se ilustra, de forma errónea, tanto o turista como a comunidade, o turismo de base comunitária deve fomentar uma imagem de igualdade, partilha e oportunidade entre turistas e anfitriões.

(...) implica não apenas a interpretação simplista e estereotipada de um grupo social desfavorecido que recebe "outsiders" curiosos e ávidos pelo exotismo em seu convívio cotidiano, para o aumento de sua renda e melhoria social, mas, antes de tudo, significa encontro e oportunidade de experiência compartilhada. (Irving, 2009, p.113)

Também Santos recorrendo a uma afirmação de Ribeiro refere que nas experiências de turismo comunitário deve existir esta experiência compartilhada traduzida pela distribuição de benefícios:

Turismo comunitário é (...) uma forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão dos recursos patrimoniais comunitários, como o arranjo das práticas democráticas e solidárias no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação de serviços turísticos, com vista a fomentar encontros interculturais de qualidade com os visitantes. (Santos apud Ribeiro, 2010, p.122)

Irving aborda a sua reflexão sobre o tema do turismo comunitário, explicando qual o papel da comunidade dentro do mesmo. Apesar de muitas vezes se verificar uma necessidade de

elementos externos à comunidade que sirvam como elementos mobilizadores do turismo comunitário, é fundamental que os habitantes locais sejam envolvidos de forma participativa. Esta participação levará a um ambiente de “protagonismo social” onde os habitantes assumem um papel de destaque na tomada de decisões e no desenvolvimento do próprio processo turístico.

Neste caso, embora frequentemente atores externos funcionem como “indutores” do turismo de base comunitária, se a iniciativa não tiver motivação endógena e expressar o desejo dos grupos sociais locais, ela certamente não atenderá às demandas de desenvolvimento local e nem contribuirá para o protagonismo social, condição essencial para este tipo de turismo. O protagonismo social resulta do sentimento de pertencimento e do poder de influência sobre os processos de decisão, e só pode ser expresso plenamente quando o ator social se reconhece como agente do processo de construção da realidade e da dinâmica de desenvolvimento. (2009, p.112)

Como já se verificou, esta preocupação sobre o papel das comunidades no sector turístico tem vindo a ser debatida ao longo das últimas décadas por vários autores e entidades nacionais e internacionais. Em 1999 os membros da Organização Mundial do Turismo OMT, apresentaram ao mundo “O Código de Ética Mundial do Turismo”. Neste importante documento, foram apresentados os princípios éticos da prática turística compostos por dez artigos fundamentais para este sector. O quinto artigo apresentado no referido documento intitula-se “O turismo, actividade benéfica para os países e comunidades de acolhimento”, enfatiza a importância das comunidades nos destinos turísticos e a necessidade de esta também obter, através da prática turística, benefícios económicos, sociais e culturais. É possível ler na primeira alínea:

1)As populações locais estão associadas às actividades turísticas e participam equitativamente nos benefícios económicos, sociais e culturais que geram, e nomeadamente na criação de emprego directo ou indirecto que daí resulta. (OMT,1999, p. 9)

É interessante verificar a ênfase que diversos autores atribuem à questão da partilha quando se fala em turismo comunitário

Irvin alerta para o facto deste tipo de processos participativos e justos quer a nível económico, social e cultural, nos quais a comunidade é fortemente envolvida, serem por norma lentos, exigindo metodologias capazes de lidar com as especificidades locais. Nesta ótica, projetos desta natureza devem ser estruturados a longo prazo de forma a possibilitar todo o trabalho relativo à própria mobilização da comunidade.

(...) é também fundamental que se compreenda que os processos participativos são lentos, envolvem custos adicionais nem sempre considerados nos orçamentos em planeamento turístico, e exigem um elevado investimento em formação de recursos humanos e

construção de arcabouços metodológicos capazes de lidar com as especificidades locais e gerar respostas. Sendo assim, não se pode imaginar iniciativas de curto prazo com o objetivo de mobilização dos atores locais para o turismo de base comunitária, principalmente pelas questões culturais envolvidas. (Irvin, 2009, p.114)

Outra problemática associada ao turismo comunitário, que indiretamente se relaciona com as questões de tempo e o prazo alargado que esta prática exige, é a impossibilidade de replicação de projetos desta natureza. Projetos de sucesso numa determinada região, podem não vingar se implementados noutros territórios, uma vez que cada zona tem características culturais, sociais, económicas que divergem e às quais cada projeto terá que se adaptar.

Maximino, citando Gascon e Canada, apresenta o conceito de turismo comunitário justamente associado a esta ideia de impossibilidade de replicabilidade.

(...) um tipo de turismo de pequena dimensão, estabelecido em zonas rurais e no qual a população local exerce um papel significativo no respetivo controle e gestão, através das suas estruturas organizativas. (...) não existe um modelo de turismo comunitário aplicável universalmente, pois este tem de ser adaptado às características do contexto e da população local e, conseqüentemente, uma experiência sustentável e com êxito num determinado contexto pode ser considerada como referência, mas nunca como exemplo a replicar. (Maximino, 2011, p.29)

Projetos assentes na filosofia de turismo comunitário, exigem um profundo diagnóstico da realidade local, uma análise aos recursos existentes, às oportunidades, ameaças, forças e fraquezas que o território apresenta. Estudos com esta profundidade exigem tempo e uma capacidade de análise adequada da realidade.

Como aprofundaremos de seguida, o turismo apropriado apresenta uma função específica para a comunidade, onde os habitantes locais assumem o papel de intérpretes do seu património e seus guardiões, no turismo comunitário, existe uma visão mais global sobre qual o papel da comunidade no desenvolvimento turístico da região. Pode afirmar-se que em muitos pontos turismo apropriado e turismo comunitário corroboram e são complementares como se passará a ilustrar.

2.3 Turismo Apropriado

Como já foi apresentado, além da conceção geral de turismo, ao longo das décadas, foram sendo criados novos paradigmas em torno deste conceito. Também já foi clarificado que o conceito de turismo apropriado surge associado ao vasto léxico do turismo alternativo, resta agora fazer uma abordagem mais profunda sobre este termo de forma a compreender a sua importância para o projeto final.

Em várias pesquisas, na tentativa de encontrar um modelo de turismo que se adaptasse ao conceito de animação patrimonial que o projeto final pretende demonstrar, encontrou-se um conceito bastante interessante denominado por Turismo Apropriado. Esta designação de “turismo

apropriado” não é muito comum em literatura lusófona sendo mais utilizada em literatura estrangeira, nomeadamente norte americana.

Na Encyclopedia of Tourism, encontra-se a definição de turismo apropriado como se segue:

Appropriate Tourism emerged as a response to political and sociocultural quest of the past two decades, as well as to disillusionment with mass tourism. It is associated with sustainable and soft tourism forms. It emphasizes small-scale development, recognition of needs other than those of material consumption, and preservation of the quality and stability of both natural resources and human resources. (Jafari,2003 p.27, em linha)

Com base na definição anterior podemos afirmar que o modelo de turismo apropriado surgiu no âmbito do turismo alternativo e como tal, da necessidade de criar um modelo opcional ao turismo de massas que permitisse a sustentabilidade dos recursos naturais e humanos das regiões. Este conceito, de turismo apropriado, foi desenvolvido por Gabriel Cherem, um professor de Eastern Michigan University, que tentou dar um papel de destaque às comunidades anfitriãs no sector turístico.

Segundo Cherem, no artigo “ Interpretação comunitária: A chave para o turismo apropriado”, a origem do conceito de Turismo apropriado advém de uma conceção anterior denominada de Interpretação Comunitária. Em 1984, G.Cherem, foi convidado pela University of Hawaii para apresentar dois seminários sobre o conceito de interpretação comunitária. O mesmo autor prossegue revelando que o conceito de interpretação comunitária teve origem na sua reflexão sobre a importância de capacitar as comunidades na interpretação do seu património e foi teorizado em 1980. Em 1982, Cherem, explica que resolveu verificar a aplicabilidade real do seu conceito e criou um programa em Rochester, Nova Iorque, de interpretação comunitária, que implementou nessa cidade. Posteriormente, o mesmo projeto foi implementado em Chelsea no Michigan. O interesse no Havai por este tema era crescente e por essa razão foi aplicado em 1984 um programa, *Intrepret Hawaii*, baseado nos conceitos desenvolvidos por Cherem. O objetivo era capacitar elementos da comunidade local, tais como, professores, guias turísticos, colaboradores em hotéis, entre outros, a interpretar o património local. Deste modo foram facultados conhecimentos aos participantes sobre o património cultural e natural que lhes permitiram melhorar a sua interação com os visitantes (Cherem, 2000, p.206).

Com a implementação destes programas de interpretação comunitária, Cherem, verificou que deveria existir uma ligação entre este conceito e o turismo. A partir desta reflexão Cherem voltou a desenvolver um novo conceito, a que denominou Turismo Apropriado. Cherem definiu este conceito como “ o turismo que vem da identidade cultural de uma região e ajuda a perpetuar a identidade cultural de uma área” (2000, p.206) e enumerou ainda os onze princípios sobre os quais o Turismo Apropriado se devia desenvolver:

Princípios do Turismo Apropriado

1. Auxilia ativamente na perpetuação do património cultural, histórico e natural de uma região

2. Enfatiza e divulga a identidade cultural de uma área como sendo única no mundo
3. Baseia-se na aplicação de habilidades de interpretação patrimonial
4. Capacita os anfitriões locais a interpretar seu próprio património para os visitantes
5. Faz com que os anfitriões locais valorizem seu património e melhorem suas relações com visitantes e suas capacidades de prestação de serviços
6. Ajuda a perpetuar estilos de vida e valores locais
7. Capacita os anfitriões locais a planejar e proporcionar experiências culturais autênticas e significativas para seus visitantes
8. É “transcultural”, no sentido que anfitrião e visitante recebem uma experiência de enriquecimento mutuamente gratificante
9. Representa uma programação que pode ser implementada em qualquer nível de desenvolvimento turístico, em praticamente qualquer ambiente turístico
10. Representa uma abordagem de “valor agregado” ao turismo, uma vez que aumenta o nível e a profundidade do serviço genuíno prestado aos visitantes
11. Representa uma abordagem do desenvolvimento do turismo sustentável, pois respeita e enfatiza o património de uma região e capacita seu povo como verdadeira base para desenvolvimento turístico. (Cherem, 2000, p.206)

Nos onze princípios apresentados por Cherem é possível ficar com uma ideia geral do que o modelo de Turismo Apropriado defende, é enfatizada a questão da preservação e valorização do património existente como base da identidade cultural. A identidade cultural deve ser encarada como elemento diferenciador e por isso preservada numa era de globalização e homogeneização cultural. O turismo apropriado defende o empoderamento dos habitantes locais uma vez que os capacita, os torna intérpretes do seu património, seus guardiões e sendo também quem interage diretamente com os turistas. Este modelo visa o enriquecimento recíproco entre anfitrião e turista, através das interações e experiências vividas por ambos. Apresenta a possibilidade de se adotar o modelo de turismo apropriado em qualquer região independentemente do seu desenvolvimento turístico, ou seja, pode ser implementado em regiões com índices de desenvolvimento turístico e infraestruturas turísticas reduzidas. Baseia-se num modelo de turismo sustentável que preserva e defende o meio, o património e a comunidade onde é desenvolvido.

No desenrolar das suas pesquisas Cherem desenvolveu um instrumento de pesquisa que permite documentar e categorizar” de maneira equilibrada, todas as histórias de identidade patrimonial de uma região através dos tempos” (2000, p.207).

Para desenvolver um projeto de interpretação comunitária ou turismo apropriado é fundamental fazer um levantamento exaustivo dos recursos patrimoniais existentes, nesse sentido, Cherem criou um instrumento a que chamou matriz de identidade cultural ou matriz-história onde poderiam ser registadas as informações recolhidas.

Considerando que cada região e cada comunidade têm um património natural e cultural único e que esse património tem origem num passado e se propaga para um futuro, Cherem criou uma

tabela onde fosse possível organizar esse património no presente mas também no seu passado e ainda apontar para a sua condição futura.

Na matriz-história, Cherem criou duas categorias, a primeira alusiva ao Património Cultural e a segunda respeitante ao Património Natural. Dentro da categoria do património cultural existem quatro subcategorias:

- Cultura não-material
- Pessoas seleccionadas
- Cultura material
- Paisagens culturais

Entende-se por cultural não material “todos os valores, atitudes, crenças, normas e ou outros aspetos da cultura presentes nas mentes e nos corações de um grupo específico de pessoas. Esses elementos não-materiais ajudam a definir aquela cultura e a tornam singular no mundo” (Cherem, 2000, p.207). Podemos afirmar que a cultura não material diz respeito aos aspetos culturais não tangíveis que de algum modo caracterizam a comunidade, esses aspetos, como afirma Cherem, podem ter que ver com vários critérios que estão presentes no íntimo dos locais, nomeadamente os seus valores morais, as suas convicções que depois se manifestam através da forma de estar e ser da própria comunidade.

A segunda subcategoria designada de “pessoas seleccionadas” diz respeito a pessoas da comunidade que através da sua forma de estar sejam uma representação viva do património intangível. No fundo, Cherem defende que, estas pessoas são um elemento representativo da cultura local e que materializam os valores defendidos pela cultura onde se inserem.

Refere-se a um indivíduo, específico, famoso ou não, que de alguma forma incorpora um importante elemento daquela cultura. Pode ser um artista ou um mestre artesão. Pode ser uma figura muito conhecida, homem ou mulher, que incorpore características altamente valorizadas pela cultura em questão. Pode ser também um indivíduo comum, que através dos seus hábitos de trabalho, padrões de vida, e/ou hábitos religiosos, incorpora aquilo que é muito valorizado naquela cultura. Pessoas seleccionadas são corporificações da cultura não material (Cherem, 2000, p.207).

Na subcategoria referente à cultura material, enquadram-se todos os elementos tangíveis do património cultural, nomeadamente, construções, artefactos, objetos, entre outros. Cherem afirma que a cultura material “Representa os objetos e artefactos tangíveis, os prédios e as várias outras estruturas produzidas por uma cultura” (2000, p.207).

Este autor defende que a cultura material de um povo é dependente da sua cultura imaterial não se podendo dissociar um do outro, pois diferentes culturas não-materiais originarão diferentes culturas materiais “Todos os elementos da cultura material são totalmente dependentes da cultura não material. Diferentes culturas não-materiais, formas de crenças e pensamento irão proporcionar diferentes culturas materiais” (Cherem, 2000, p.207).

A última subcategoria apresentada refere-se às paisagens culturais, no fundo esta subcategoria é uma junção entre o património cultural e o património natural, na medida em que esta paisagem

é a marca das pessoas sobre a terra, Cherem afirma que se trata de “ uma intersecção entre património cultural e o património natural”(2000, p.207). No fundo é a forma como o ser humano, através das suas construções, interage com o património natural “ (...) a paisagem cultural é a marca da humanidade sobre a terra. Ela é mais uma expressão da cultura não-material. A paisagem cultural é a configuração de prédios, estruturas, paisagens rurais e outras características da paisagem que aquela cultura específica impôs ao ambiente natural” (Cherem, 2000, p.207).

Quanto à categoria de património natural Cherem apresenta seis subcategorias:

- Paisagens culturais (como já foi referido é o ponto de intersecção entre património cultural e natural)
- Plantas
- Animais
- Terra
- Água
- Clima

Estas subcategorias são bastante óbvias, Plantas e Animais referem-se à fauna e flora local. A categoria Terra diz respeito às características topográficas da região, relevos e formas existentes. A subcategoria Água refere-se às características hidrográficas da região, nomeadamente ao nível do solo, como rios, lagos, ribeiras ou no subsolo como lenções de água, entre outros. A categoria de Clima diz respeito aos padrões climáticos da região. Cherem refere que todas as subcategorias alusivas ao património natural, apesar de serem registadas em separado, para uma melhor organização de dados, devem ser interpretadas como um todo uma vez que todas juntas criam o ecossistema local (Cherem, 2000, p.207).

Segue a tabela de matriz-história criada por Cherem onde se enquadram as categorias e subcategorias explicadas anteriormente.

Na tabela apresentada é possível verificar os campos que devem ser preenchidos com os conteúdos que fazem parte quer do património cultural quer do natural, bem como a sua evolução ao longo dos tempos. Os tempos definidos por Cherem dividem-se em, Futuro, Contemporâneo, Histórico e Pré-histórico.

	Patrimônio Cultural (recursos de turismo cultural)				Patrimônio Natural (recursos de ecoturismo)				
	Cultura não-material	Pessoa selecionada	Cultura material	Paisagens culturais	Plantas	Animais	Terra	Água	Clima
Futuro	1	5	9	13	17	21	25	29	33
Contemporâneo	2	6	10	14	18	22	26	30	34
Histórico	3	7	11	15	19	23	27	31	35
Pré-histórico	4	8	12	16	20	24	28	32	36

Tabela 1- Matriz-História
 Fonte: Cherem, 2000, p.207

3.1.1 Guardiões do passado e Contadores de histórias

A matriz história serve para organizar as histórias que correspondem à identidade patrimonial da região. No âmbito da interpretação comunitária e do turismo apropriado, Cherem considera que todos os locais têm estas histórias e que estas se podem encontrar em diferentes estados. As histórias dos locais podem estar vivas, mortas ou adormecidas e que o propósito da interpretação comunitária é “descobrir, reviver, contar e perpetuar, o máximo possível estas histórias” (Cherem, 2000,p. 207).

Dentro da sociedade no geral e, dentro das comunidades especificamente, existem pessoas que se interessam por estas histórias, que as descobrem, estudam, documentam, preservam. A estas pessoas Cherem designou storykeepers. Storykeepers podem ser entendidos como guardiões do passado e neste conceito, na atualidade, enquadram-se antropólogos, biólogos, historiadores, entre outros. Existem no entanto culturas em que este papel é assumido por elementos da própria comunidade, Cherem (2000, p.208) exemplifica o caso de algumas culturas africanas em que um membro do grupo é responsável pela salvaguarda das histórias naturais e culturais da região.

Storykeepers podem ainda ser considerados aqueles elementos da comunidade, ou não, que assumem o papel de “contadores de histórias”. Estes elementos adotam um papel de guia ou intérprete e, contando as histórias preservadas pelos guardiões do passado, fazem-nas chegar ao habitantes locais ou a turistas que visitem a região.

Cherem considera que a base da interpretação comunitária e do turismo apropriado é esta ligação com as histórias da identidade patrimonial “Quando as histórias sobre a identidade patrimonial única de uma região são entendidas, organizadas, preservadas e contadas para os

residentes e para os visitantes, temos a base sólida para uma interpretação comunitária e um programa de turismo apropriado” (Cherem, 2000, p.208).

O papel dos storykeepers, dentro da comunidade, quer como contadores de histórias, quer como guardiões do passado, ajuda os habitantes locais a interpretar e valorizar o seu património, a sua região e a sua identidade cultural. Esta capacitação das comunidades permite que um turista que visite a região tenha um contacto mais profundo com a cultura local e que viva experiências mais autênticas, por outro lado. Um outro aspeto bastante positivo da interpretação comunitária é a fomentação de uma aprendizagem e um interesse entre os habitantes locais sobre o seu próprio património cultural e natural.

2.3 O perfil do turista

Após uma reflexão sobre diferentes abordagens do turismo, importa refletir sobre os tipos de turista. Será que todos os turistas são iguais e são motivados pelos mesmos fatores? A resposta é não. Existem diferentes formas de viver o turismo, de o praticar e são também muitas as possíveis motivações do turista. Neste ponto será feita uma abordagem ao perfil geral do turista e posteriormente uma análise a perfis específicos com diferentes motivações com o objetivo de perceber qual o perfil que procura a prática do turismo apropriado e comunitário.

Firmino (2007, p.137) citando Cooper e Lewis, apresenta um conjunto de dados que definem o perfil do turista no início do século XXI:

- “Procuram melhor serviço;
- São mais educados e podem procurar produtos que têm um elemento de educação e informação - às vezes conhecido por *edutainment*;
- Estão mais conscientes em termos ambientais e podem procurar operadores turísticos, alojamentos e destinos preocupados com a preservação do ambiente;
- Têm maior mobilidade;
- As mulheres depõem de um maior rendimento disponível;
- Estão preparadas para gastar mais do seu rendimento disponível em viagens;
- São mais críticos e mais dispostos a expressar a sua insatisfação;
- Comparam mais os vendedores, quando o preço é uma questão a analisar;
- Optam por férias mais curtas com um horizonte de planeamento mais reduzido;
- Procuram produtos que são mais baseados em actividades do que em produtos passivos;
- Pretendem pacotes turísticos individualizados, que resultam de um maior segmento de mercado;
- Procuram valor para o seu dinheiro, incluindo o tempo gasto no planeamento e viagem;
- Assim, eles podem ser incluídos em mais de um segmento de mercado pré-definido” (sublinhado pela autora)

Dos tópicos acima referidos, é pertinente refletir em particular sobre os que entendemos sublinhar, pois é nestas novas características, que o turista apresenta, que se abrem nichos de mercado para o desenvolvimento e empreendedorismo em animação patrimonial no contexto turístico.

Se antes o turista se limitava a viajar até um determinado local, agora o turista procura vivências, experiências, contacto com as gentes dos locais. Os turistas e excursionistas buscam mais que uma simples viagem de lazer, procuram novas aprendizagens baseadas em atividades dinâmicas e cada vez mais inovadoras. Deste ponto de vista abre-se uma oportunidade de trazer ao espaço turístico uma nova dimensão, mais rica, viva e animada.

Atualmente tem-se a visão de um turismo não só assente nas infraestruturas mas também em atividades recreativas e identidade cultural traduzida através dos valores simbólicos e bens intangíveis. Manbeti e Braga citando Droulers e Milani apresentam uma noção de turismo dentro desta filosofia, que dá enfoque justamente a esta necessidade que o turista tem de ver satisfeitas as suas expectativas:

Característico de uma sociedade de consumo, o turismo como um todo estruturado é um produto composto por bens e serviços, tangíveis e intangíveis. Assim, o produto turístico inclui recursos e atrativos naturais e artificiais, equipamentos e infraestruturas, serviços, atitudes recreativas, imagens e valores simbólicos, constituindo-se num conjunto de determinados benefícios capazes de atrair certos grupos de consumidores em busca de uma satisfação das suas motivações e expectativas. (2004, p.3)

Como resposta a estas necessidades emergentes a indústria turística tem vindo a apostar em formas de dinamizar os locais visitados. Esta dinamização dos destinos deve ter em consideração os diferentes perfis de turista que, como veremos no ponto que se segue, podem ser bastante diversificados e com motivações e interesses distintos.

2.3.1 Tipologias de turistas e formas de turismo na ótica de diferentes autores

A par da visão genérica apresentada anteriormente, sobre os turistas na atualidade, é importante explorar outras tipologias de turistas apresentadas por diferentes autores. Esta análise sobre perfis de turistas é fundamental, uma vez que se pretende desenvolver um projeto de animação patrimonial baseado num tipo de turismo apropriado, que em muito difere do turismo de massas. Tratando-se de um projeto que também tem como objetivo a captação de turistas ou visitantes é importante a clarificação das diferentes tipologias existentes dentro deste grupo. É fundamental compreender as motivações que caracterizam os diferentes tipos de turistas compreendendo também os impactos que uns e outros provocam nos territórios. Só a partir desta análise é possível ter uma visão clara sobre para quem se destina o projeto, que tipo de turista e que tipo de turismo queremos promover nas regiões.

Neste ponto serão destacadas as perspetivas de Cohen e Smith, abordadas por Xerardo Pérez, na obra *Turismo Cultural- Uma visão antropológica* e na obra *Turismo - Princípios, Práticas e Filosofia* da autoria de Goeldner, Ritchie e McIntosh. Foram escolhidos estes autores pois nas

suas categorizações de turistas e tipos de turismo, surgem duas categorias que se enquadram no perfil de turismo que o projeto pretende desenvolver. É certo que existem outros autores, igualmente importantes, e que também apresentam diferentes categorias e perfis de turista nomeadamente Urry, Feifer, Jacobsen, entre outros, no entanto, na impossibilidade de abordar tantas teorias, foram selecionadas aquelas que melhor se enquadram no estudo em questão. Tentou-se aceder às obras originais nas quais estes autores se basearam mas tratando-se de bibliografia estrangeira não foi possível aceder às mesmas em tempo útil.

2.3.1.1 Tipologias de turistas na ótica de Coehen

Segundo Pérez, Coehen, em 1972 terá dividido as tipologias de turistas em dois grandes grupos, Viajantes não Institucionalizados e Viajantes Institucionalizados.

O primeiro grupo correspondente ao “Viajante não institucionalizado” encontra-se dividido em dois subgrupos, os “drifters” e os “exploradores”.

Entende-se por turista drifter aquele que pratica um modo de turismo alternativo, que se distancia ao máximo das instituições turísticas como agências de viagens e operadores turísticos. Este turista “de mochila às costas” organiza a sua própria viagem e procura conhecer as zonas periféricas dos destinos procurados pelas massas. Este tipo de turismo apresenta um impacto mínimo nos locais por dois motivos, primeiro pelo reduzido número de turistas drifter e o segundo pelo facto deste turista se integrar na cultura de acolhimento. (Pérez, 2009, p.44)

Ainda na categoria de turista não Institucionalizado encontra-se o turista explorador. Pérez apresenta a visão de Cohen relativamente a este turista definindo-o como alguém que evita ao máximo os destinos procurados pelas massas e que tal como o turista drifter, também organiza de forma autónoma a sua viagem. O turista explorador tenta integrar-se na cultura local, no entanto nunca o faz na sua totalidade. (Pérez, 2009, p.44)

No que diz respeito ao grupo de “Viajantes Institucionalizados” existem duas subcategorias, a do turismo de massa individual e a do turismo de massa organizado. Pérez referindo Cohen (2009, p.44) explica que é considerado turismo de massa individual aquele que é praticado por indivíduos que selecionam e organizam a viagem regendo-se por duas premissas:

- O destino é escolhido de acordo com o seu prestígio e reconhecimento do local
- A viagem é organizada por agentes ou operadores turísticos, sendo que o turista apenas escolhe o itinerário e o tempo

Este tipo de turismo apresenta grandes impactos a nível económico e cultural. Prosseguindo com a descrição dos Viajantes Institucionalizados é apresentada a subcategoria dos turistas que praticam o turismo de massas organizado. Neste caso existem alguns elementos que caracterizam este tipo de turismo nomeadamente:

- As viagens são organizadas na íntegra pelos agentes ou operadores turísticos
- Pouca ou nenhuma intervenção do turista na tomada de decisões

- É criada uma “redoma” em torno do turista para que este conheça apenas o que é desejável
- Representação artificial do tradicional (Pérez apud Cohen, 2009, p.44)

De forma a clarificar a informação descrita segue um quadro resumindo sucintamente o perfil de cada turista apresentado.

Tipos de Turistas Segundo Cohen				
Categoria Geral	Sub Categoria	Características	Relação com a população nativa	Impactos no destino
Viajantes Não Institucionalizados	Drifter	Distancia-se da indústria turística; Organiza a sua própria viagem autonomamente	Integra-se de forma profunda na cultura local	Impactos mínimos
	Explorador	Distancia-se da indústria turística; Organiza a sua própria viagem autonomamente	Não se integra totalmente na cultura local	Impactos mínimos
Viajantes Institucionalizados	Turismo de massa individual	Seleciona o destino pelo prestígio Alguma intervenção na organização da viagem organizada por agentes de viagens	Pouco contacto	Forte impacto económico e cultural
	Turismo de massa organizado	Seleciona destinos massificados Viagem organizada na íntegra pelo agente de viagens	Pouco contacto; Contacto com uma representação artificial da realidade e cultura tradicional	Forte impacto económico e cultural

Tabela 2- Tipos de turistas segundo Cohen

Fonte: Adaptado de (Pérez apud Cohen, 2009, p.44)

Segundo Pérez em 1979, Cohen redefiniu as tipologias de turistas passando estas a ser:

- Turistas existenciais- nesta tipologia incluiu os peregrinos
- Turistas experimentais - nesta tipologia encontram-se os drifters apresentados na primeira teoria de Cohen
- Turistas de experiências - esta tipologia refere-se ao perfil de turista explorador referido anteriormente
- Turista de diversão -tipo de turista que procura divertimento no destino
- Turistas recreativos - tipo de turista hedonista que procura experiências que lhe proporcionem prazer e satisfação no destino. Associado ao turismo dos 4 “s” (sun, sand, sea, sex), ou seja, praia (sol, areia, mar) e sexo (Pérez apud Cohen, 2009, p.45).

Dentro dos perfis apresentados por Cohen podemos considerar que o projeto desenvolvido no último capítulo se destina essencialmente a um tipo de turista não institucionalizado, isto é, que não procura um destino turístico massificado e que se distancia da indústria turística. Podemos considerar que tanto os turistas experimentais, ou drifters, como os turistas de experiências ou exploradores, são os que apresentam um perfil mais adequado ao tipo de propostas que o projeto final apresenta.

A escolha deste tipo de turistas advém do facto de se tentar criar um projeto onde o próprio turista organize as suas experiências e que as mesmas sejam essencialmente baseadas num contacto e numa relação com a comunidade.

2.3.1.2 Tipologias de turismo na ótica de Smith 1977

Segundo Goeldner, Ritchie e McIntosh (2000) referindo a obra de Valene Smith publicada em 1977, *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*, existem diferentes tipos de turismo. Segundo esta autora a tipologia do turismo aparece diretamente relacionada com as formas de lazer escolhidas pelos indivíduos. Goeldner et al. (2000) explicam que Smith definiu então seis categorias que se passam a explicar:

- Turismo étnico
- Turismo cultural
- Turismo histórico
- Turismo de natureza
- Turismo de lazer
- Turismo de negócios

Entende-se por turismo étnico aquele em que o indivíduo procura um contacto muito próximo com a cultura anfitriã a fim de a observar e estudar. Este turista tenta conhecer a cultura e estilo de vida do lugar que visita. É frequente neste tipo de turismo a participação do turista em rituais, danças, cerimónias e visitas a casas nativas (Goeldner et al, 2000, p.196).

Os mesmos autores ilustram o turismo étnico referindo que “Esse tipo de turismo é exemplificado pelas viagens ao Panamá para estudar os índios San Blas ou à Índia para observar as tribos Assam, que vivem isoladas na colina” (2000, p.196).

Pérez acrescenta ainda que o turismo étnico se trata de uma forma de turismo com um forte cariz educativo, reservada a uma elite e apresentando um impacto mínimo no território (Pérez *apud* Smith, 2009, p.45).

No que respeita ao turismo cultural o turista tenta vivenciar o estilo de vida tradicional da comunidade anfitriã, nesse sentido, participa em festas, atividades de folclore e costumes locais. Associado a este tipo de turismo está a procura de lugares pitorescos e a possibilidade de provar a gastronomia local, assistir a festivais de folclore, danças e demonstrações de artesãos que pratiquem a arte como os seus antepassados (Goeldner et al, *apud* Smith, 2000, p.196).

Quanto ao turismo histórico os mesmos autores referem que o turista procura um contacto essencialmente com o património histórico edificado do local, como por exemplo, catedrais, monumentos, ruínas, procurando também conhecer o património museológico e locais históricos. Os autores acrescentam que “este tipo de turismo é facilitado porque as atrações já existem ou estão acessíveis nas grandes cidades”, referindo ainda que, esta vertente turística está essencialmente virada para o tipo de turismo de massas organizado, sendo composto por visitas guiadas (Goeldner et al, *apud* Smith, 2000, p.196).

Pérez também reflete sobre este tipo de turismo e turistas e acrescenta que estes manifestam “pouco interesse pelos anfitriões do presente”(2009, p.45).

Outra tipologia turística apresentada é o turismo de natureza, este tipo de turismo assemelha-se ao turismo étnico na medida em que há uma necessidade do turista se deslocar para lugares remotos. Ao contrário do turista étnico que dá maior ênfase à componente antropológica e cultural do destino, o turista de natureza, procura essencialmente o contacto com as atrações naturais do lugar. Muitas vezes a motivação deste turista centra-se na necessidade do contacto com o meio ambiente, com os elementos naturais virgens, na relação “Homem-Terra”. Os autores ilustram este tipo de turismo como sendo aquele que “é basicamente geográfico e inclui destinações como as Cataratas do Niágara, o Grand Canyon, o Parque Yellowstone, e outras maravilhas naturais” guiadas (Goeldner et al, *apud* Smith, 2000, p.196).

Turismo de lazer ou turismo recreacional é considerado por Pérez *in* Smith (2009, p.45) como aquele que se encontra associado aos 4”s” (sun, sand, sea, sex). O mesmo autor afirma que este tipo de turismo é fortemente marcado pela sazonalidade, tendo por isso picos de procura e épocas baixas.

Este tipo de turismo é ainda considerado por outros autores como aquele que representa um ambiente mais relaxado onde se enfatiza o contacto social em spas, banhos de sol, praias, estâncias de sky, entre outros. Este tipo de turismo é promovido pelos operadores turísticos através de imagens apelativas dos lugares que tentam promover (Goeldner et al, *apud* Smith, 2000, p.196).

Por último é apresentada a tipologia de turismo de negócios essencialmente composta por indivíduos que se deslocam para assistir a conferências, seminários, ou tal como o nome indica, para realizar negócios. Este tipo de turismo pode associar-se a outros já referidos anteriormente. (Goeldner et al, *apud* Smith, 2000, p.196).

Dos vários tipos de turismo que se podem praticar, na perspetiva de Smith, considera-se que o modelo de turismo cultural é o que melhor se enquadra no projeto final, visto ser aquele em que o turista tem um contacto próximo com a comunidade, participando nas suas formas de expressão cultural, sem no entanto, chegar ao ponto desenvolvido no turismo étnico em que a comunidade é alvo de estudo por parte do turista. Pretende-se que no projeto final se promova uma relação turista-comunidade baseada na igualdade e na informalidade, na troca de experiências e no enriquecimento recíproco dos intervenientes.

2.4 Turismo e a Animação Patrimonial

Como já verificamos, o turismo pode traduzir-se num forte potencial de desenvolvimento local, porém uma exploração massiva do espaço turístico pode trazer consequências nefastas e até a diminuição da qualidade de vida da população local. Se o objetivo é promover uma Animação Patrimonial com vista ao desenvolvimento turístico, é fundamental que o animador esteja

sensibilizado e consciente da importância da preservação do bem-estar da comunidade. Confrontemos então aspetos positivos e negativos do turismo.

Por um lado, como defende Lickorish e Jenkins um dos aspetos positivos do turismo tem que ver com a fixação de população e conservação da identidade local. Estes autores consideram que:

(...) o desenvolvimento do turismo oferece uma oportunidade para a comunidade permanecer intacta e diminuir o desvio de mão-de-obra para os ambientes urbanos. A manutenção e a permanência das comunidades no local são sempre a melhor forma de conservar a tradição e o estilo de vida. (2000, pp. 108-109)

Dentro desta perspetiva o turismo apresenta-se como uma oportunidade de emprego que oferece estabilidade económica aos habitantes e ainda a preservação de tradições.

Os mesmos autores defendem que a par desta vantagem no que diz respeito ao sector sócioeconómico, o turismo sendo gerido de forma sustentável pode “garantir a conservação, a longo prazo, de áreas de beleza natural” (Lickorish e Jenkins, 2000, p.109), ou seja, sinónimo da preservação do património natural e ambiental.

Para além das questões de preservação de património herdado dos nossos antepassados, o turismo pode contribuir para a renovação de áreas urbanas “ O turismo pode renovar as tradições arquitetónicas locais, na condição de que as peculiaridades regionais, a herança ancestral e o ambiente cultural são respeitados. Pode também servir como trampolim para a renovação de áreas urbanas” (Lickorish e Jenkins, 2000, p.109).

Como um aspeto bastante positivo do turismo destaca-se o facto de este permitir uma reativação da vida social, cultural, económica da região “o turismo pode (...) oferecer uma forma de reativar a vida social e cultural da população residente, revitalizando assim a comunidade local” (Lickorish e Jenkins, 2000, p.109).

Após esta breve amostra de aspetos positivos importa apresentar o reverso da medalha.

Torna-se essencial que o animador procure minimizar os aspetos negativos da intervenção turística, para que tal aconteça é fundamental uma clara noção destes aspetos e um olhar crítico sobre a realidade.

Um dos erros que podem ocorrer quando se trata de intervenções no âmbito da divulgação e Animação Patrimonial tem que ver com o facto desta se subjugar ao turismo em si. Ao apostar-se numa comercialização de atividades culturais em torno do património, seja ele tangível ou não, pode dar-se o caso de começar a ser instaurada uma pseudocultura “um folclore artificial para o turista, sem valor cultural algum para a população local nem para os visitantes” (Lickorish e Jenkins, 2000, p.109), isto é, a promoção de uma falsa cultura apenas com fins turísticos, tendo como possível consequência a descaracterização da própria identidade local. É muito importante, como já foi referido anteriormente que não se adote uma postura produtivista ou mercantilista em torno do património cultural.

A este fator negativo também se somam atividades ilegais tais como “o comércio ilegal de objetos históricos e animais, pesquisas arqueológicas não-oficiais, a erosão de valores estéticos”, como afirmam Lickorish e Jenkins (2000, p.109).

Cabe ao animador no contexto da Animação Patrimonial e ou Turística, não só o desenvolvimento de projetos que promovam o património local e que captem visitantes ao local, mas também uma forte aposta para a sensibilização da comunidade local sobre a importância da preservação, quer do património, quer da identidade local.

Uma das possibilidades para evitar cair no erro de criar uma pseudocultura com fins puramente centrados nos retornos económicos, passa por envolver fortemente a comunidade na definição daquilo que é a sua identidade cultural. A par de pesquisas bibliográficas, o animador deve estar no terreno, junto das pessoas, fazendo um levantamento da memória coletiva e criando sinergias na própria comunidade que promovam a recolha de dados sobre tradições, formas de estar e hábitos culturais.

Primeiramente esta postura leva a uma dinâmica participativa e comunitária muito mais enriquecedora e, segundo, fomenta o interesse da comunidade em ver desenvolvido um projeto genuíno centrado no seu próprio contributo. Como já referido anteriormente, esta visão de animação comunitária dentro do âmbito da animação patrimonial com fins turísticos, será certamente uma mais-valia não só para os habitantes locais, como também para os visitantes que acedem a uma cultura mais autêntica e verdadeira.

Um outro problema que o turismo acarreta tem que ver com o fluxo e intercâmbio de pessoas, cidadãos oriundos de diferentes partes do mundo com formas de estar e culturas diferentes. A miscelânea cultural que se gera nos destinos turísticos não é o problema em si, o problema é quando os visitantes não respeitam ou não estão sensibilizados para aceitar as normas ou condutas da população anfitriã, e vice-versa, quando a população local não aceita as formas de estar dos visitantes podendo originar conflitos interculturais. Como afirmam Lickorish e Jenkins “Em muitos países os turistas não estão sensíveis aos costumes, tradições e aos padrões locais. Às vezes se ofende sem intenção”(2000, p.106), levando a conflitos de ordem cultural.

Por outro lado também se pode verificar a adoção de padrões comportamentais dos visitantes por parte da comunidade local, levando à perda de identidade cultural (Lickorish e Jenkins, 2000, p.106).

Cabe ao animador sensibilizar, quer a comunidade, quer empresas que estão diretamente ligadas ao acolhimento dos turistas, para estas diferenças e gerir os constrangimentos que daí possam advir. Esta postura de aceitação e respeito mútuo é fundamental para o bem-estar e manutenção da qualidade de vida da comunidade e deve por isso ser um foco de relevo no âmbito da Animação Patrimonial e Turística.

3. Animação Patrimonial e potencialidades turísticas

Relativamente à Animação Patrimonial, deve ser referida a dificuldade em encontrar uma definição para este conceito. Inicialmente foram realizadas pesquisas em inúmeros livros associados à animação, ao património, ao turismo não conseguindo encontrar nenhum esclarecimento teórico. O termo Animação Patrimonial é frequentemente usado em contextos práticos, como por exemplo em cartazes culturais e programação cultural, no entanto, teoricamente pouco ou nada está escrito sendo bastante difícil apresentar uma definição clara sobre este conceito.

Os pontos que se seguem visam apresentar reflexões sobre o que une e o que separa a Animação Patrimonial de outras formas de Animação.

3.1 Distinção entre Animação Patrimonial e Animação Turística

A principal diferença entre Animação Turística e Animação Patrimonial tem que ver com o facto de a primeira estar mais focada no turista e na captação de visitantes, enquanto a segunda apresenta uma maior preocupação com a integração da população no desenvolvimento de projetos em torno do seu património. Acontece que muitas vezes a Animação Turística se desenvolve para pessoas exteriores à comunidade, ou seja os turistas, em contrapartida, a Animação Patrimonial defende a ideia do desenvolvimento de projetos para a comunidade e com a comunidade, podendo posteriormente levar a uma prática turística. A Animação Turística, como já foi referido, é feita para o turista, a Animação Patrimonial é feita para e com a comunidade podendo ou não levar ao turismo. Muitas vezes verifica-se que a Animação Turística é dinamizada por agentes e pessoas externas à comunidade, que apenas se limitam a conhecer o território e as suas potencialidades através de uma perspetiva económica que olha para o local como um bem comercializável/ vendável cujo objetivo final é a rentabilização e o lucro. Ao contrário desta visão, a Animação Patrimonial deverá estabelecer uma relação mais harmoniosa quer com os espaços quer com a comunidade e deve partir do interior, isto é, das pessoas locais para o exterior, ou seja, os possíveis turistas/ visitantes.

Se refletirmos sobre conceito de património cultural apresentado anteriormente, sabemos que se trata de um legado deixado pelos nossos antepassados. O património cultural de uma comunidade é algo seu, algo da sua história, dos seus antepassados e por ser tão único e precioso deve ser dinamizado e protegido por essa mesma comunidade. Façamos uma analogia, se herdamos uma casa dos nossos avós certamente teremos todo o gosto em sermos nós a guardar a chave dessa casa, a proteger os tesouros que esta tem dentro, a recordar as experiências que ali vivemos. Não faria sentido entregar a chave de algo que é nosso a um desconhecido. Entregando a chave ao desconhecido, poderia correr-se o risco deste deitar fora a velha cadeira por não saber que era nesta cadeira que passámos inúmeros serões a ouvir as histórias do avô, por não saber que tratando-se de um simples objeto, para nós esta cadeira tem um valor inestimável. Ora o mesmo se passa com o património cultural local, se a comunidade for desresponsabilizada de guardar e proteger aquilo que é seu, corre-se o risco de se perderem bens materiais e imateriais por serem geridos por agentes externos a essa comunidade que muitas vezes desconhecem o verdadeiro valor do que os rodeia.

Relativamente ao conceito de Animação Turística encontramos autores que a definem como “todas as formas organizadas e disponibilizadas para a ocupação dos tempos e estadia dos turistas” (Jacinto, 2003,243), uma visão que aposta na oferta para o turista e não para a comunidade.

Outros autores apresentam uma visão mais integradora da comunidade, vejamos o caso de Lopes:

A ideia de Animação turística tem, assim, por pressuposto a necessidade de se criar motivação e implicar o turista numa participação cultural e social que não descure o relacionamento com o meio e com as populações. A Animação turística rejeita, liminarmente, o turismo de praia, que isola as pessoas do espaço envolvente, não promovendo a interação e o relacionamento ativo”(2008, p.364).

Também Ventosa apresenta uma visão relativamente ao conceito de Animação de Turismo Rural onde a comunidade é envolvida, sendo neste caso uma visão que também se enquadraria no contexto da Animação Patrimonial:

(...)este tipo de animação turística tem muito mais pontos em comum com a Animação Sociocultural, caso que partilha não só a metodologia, as técnicas e os recursos, mas também determina objetivos, tais como a recuperação, o aproveitamento e a valorização do património antropológico, ecológico e cultural de um determinado território ou comunidade, oferecendo-o aos que vêm de fora e partilhando-o com os que nele vivem (2009, p.149).

No que diz respeito ao património cultural já tivemos oportunidade de constatar que entre este e a comunidade existe uma forte relação. Nesta perspetiva, não podemos dissociar desta ligação que existe entre as gentes de um determinado local e aquilo que é a sua pertença identitária o conceito de animação como modelo de intervenção que fomente uma participação ativa destas pessoas em torno da sua identidade. Se falamos em mobilização da comunidade em torno de um projeto centrado no seu património obrigatoriamente temos de falar de Animação Comunitária.

3.2 Animação Patrimonial na perspetiva da Animação Comunitária

Em Animação Comunitária o processo de responsabilização por parte da comunidade é o ponto fulcral de toda a dinâmica a ser desenvolvida. A citação de Marcelino Lopes, que a seguir se apresenta ilustra claramente esta ideia:

A Animação Comunitária integra a conceção de um modelo de intervenção que visa o ser, o saber, o saber fazer, o saber estar, para aprender a viver juntos, motivando uma participação ativa das pessoas, envolvendo-as, tornando-as progressivamente, conscientes de que a mudança e a melhoria das condições de vida dependem, em boa parte, da sua própria vontade, do seu empenhamento e das suas tomadas de decisão, em cada dia. Assim, esta é um repto à partilha de saberes e de experiências resultantes de uma vivência assente na convivência. (2008, p.375)

Esta noção de que cada elemento, cada um na sua individualidade, com os seus saberes, com a sua experiência, pode trazer algo para o grupo ou comunidade, que enriqueça e beneficie todos, é no fundo o resultado final de uma Animação Comunitária saudável e bem-sucedida.

A integração da população local no desenvolvimento de um projeto de Animação Patrimonial pode ser a chave para o sucesso desse mesmo projeto. Uma comunidade envolvida num programa em torno do seu património está sensibilizada para a importância da sua preservação e valorização, pois identifica esta herança que lhe foi legada pelos seus antepassados como um bem que lhe pertence e com o qual se identifica.

Magalhães defende esta ideia, assente também no âmbito da animação comunitária “A animação do património cultural só é possível e faz sentido, se existir previamente todo um trabalho que conduza à integração, inserção e envolvimento no projeto de animação por parte da comunidade”(s.d, p.2, em linha).

Magalhães aprofunda esta noção de Animação centrada na comunidade em torno do património cultural:

Neste contexto, o trabalho sobre o património só adquire sentido quando aquele é ponto de partida para um trabalho de animação, de intervenção, de participação, que implique o envolvimento de um grupo ou de uma população. (Reis, s.d., apud Magalhães, s.d, em linha)

No contexto da Animação Patrimonial é fundamental que o animador esteja perfeitamente enquadrado no contexto em que irá desenvolver o projeto. Ao contrário do animador turístico que cria o programa turístico a pensar primeiro nos visitantes, o animador patrimonial, deve em primeiro lugar pensar na comunidade e deve integrar nos seus projetos os habitantes locais. Esta integração não se deve ficar na simples implementação do projeto. O animador deve envolver desde logo a comunidade, desde a etapa do diagnóstico, até ao desenvolvimento do projeto, passando pela sua implementação e por fim na avaliação do mesmo. É fundamental que neste sentido se marque a diferença entre a Animação Turística e a visão de Animação Patrimonial que defendo. A Animação Patrimonial deve fomentar um envolvimento profundo da comunidade em torno do seu património cultural.

Também é essencial, como já foi referido anteriormente, que no âmbito dos projetos de Animação Patrimonial, o animador respeite e preserve o bem-estar e qualidade de vida da população local, evitando que sejam dinamizados projetos que posteriormente levem à exploração massificada do espaço ou da comunidade.

3.3 O papel da Educação Patrimonial no âmbito da Animação Patrimonial

A Animação Patrimonial é centrada no envolvimento da comunidade na revitalização do património endógeno, nesse sentido, é fundamental que a comunidade conheça esse património.

Um meio que tem vindo a ser utilizado de forma a dotar as comunidades de conhecimentos sobre o seu próprio património é a educação patrimonial. Existem vários autores que se debruçam

sobre o tema, destacando-se um número significativo de bibliografia brasileira, onde é possível encontrar inúmeros estudos de caso de projetos desta natureza.

Para Moares, citando Horta, educação patrimonial é “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no património cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento coletivo”(2010, p.169).

Dentro da bibliografia brasileira encontra-se um livro da autoria de Evelina Grunberg, “Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial”, criado com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que representa claramente a preocupação existente neste país relativamente ao seu património cultural. Neste manual a autora apresenta uma série de exercícios que podem ser implementados numa comunidade de forma a fomentar o conhecimento sobre o património endógeno e a sua preservação.

Grunberg considera que educação patrimonial de trata de um “processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural com todas as suas manifestações” (2007, p.5).

A mesma autora defende que quando se implementam projetos de educação patrimonial se deve adotar uma metodologia baseada em quatro etapas práticas.

Etapa 1- Observação

Na etapa de observação estão englobados exercícios de perceções sensoriais onde se podem realizar exercícios, a partir dos sentidos dos participantes, nos quais se explora o elemento patrimonial.

Etapa 2- Registo

Nesta etapa pretende-se que os participantes registem através de escrita, desenho, fotografias, entre outras, as informações sobre o elemento patrimonial e formulem deste modo reflexões mais aprofundados sobre o mesmo.

Esta 3 - Exploração

Neste ponto, os participantes fazem uma pesquisa complementar sobre o bem cultural em livros, jornais, junto de familiares, outras pessoas da comunidade, ou outras opções, O objetivo desta etapa, segundo a autora, é desenvolver a capacidade de análise e espírito crítico bem como a capacidade de interpretação.

Etapa 4 - Apropriação

Na última etapa é realizada uma recriação em torno do património, através das expressões artísticas, como a dramatização, dança, pintura, fotografia, ou outras formas de arte. Deste modo o bem patrimonial é valorizado ao ser alvo de um olhar artístico e criativo (Grunberg, 2007,p.6).

Vários autores defendem que a comunidade preserva e valoriza o património quando conhece esse mesmo património “Estudiosos de vários países e órgãos como a UNESCO já demonstraram com muita ênfase que a preservação do património cultural depende, principalmente, do conhecimento e de uma educação voltada à compreensão e valorização da diversidade” (Noelli, 2004).

Deve realçar-se que o objetivo da Animação Patrimonial é trabalhar com a comunidade as questões de preservação, revitalização e divulgação do património material/imaterial. Por si só este objetivo é o fim último desta modelo de animação, no entanto, a prática deste tipo de animação poderá levar ao desenvolvimento turístico e aí será importante adotar princípios defendidos quer pelo turismo comunitário, quer pelo turismo apropriado.

Segue um esquema clarificador do modelo de Animação Patrimonial onde esta surge a partir da fusão da Animação Comunitária e da Educação Patrimonial.

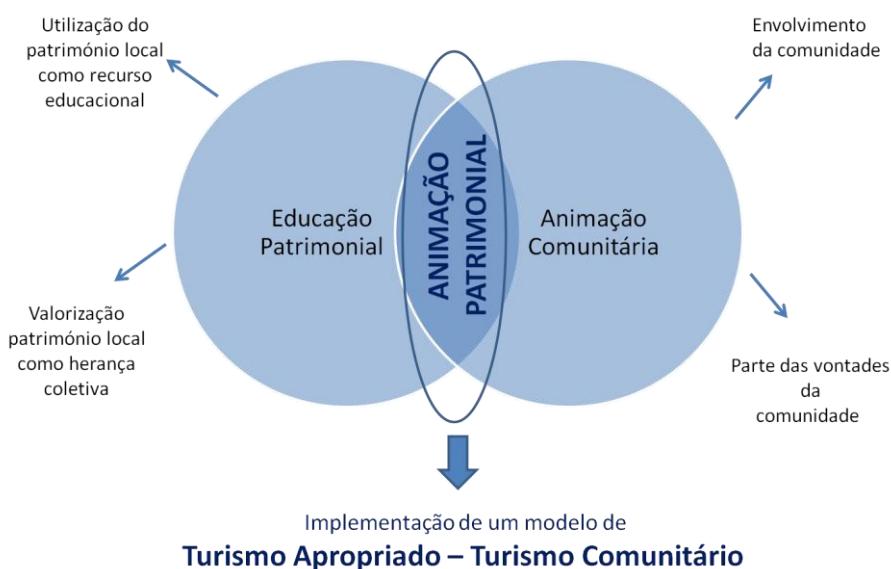


Figura 1- Conceito de Animação Patrimonial

Fonte: Autoria Própria

3.4 A Animação Artística como parte integrante da Animação Patrimonial

Podemos entender que a Animação Artística em torno do património cultural é uma forma de desenvolver Animação Patrimonial na medida em que a partir do património endógeno seja possível criar produtos artísticos. Neste caso, partindo do processo artístico e criativo existe uma revitalização do património existente. As artes permitem um novo olhar sobre a realidade e esta riqueza de perspetivas que a arte proporciona pode ser extremamente útil quando, em Animação Patrimonial, se tenta revigorar um elemento patrimonial esquecido, abandonado ou desvalorizado por uma comunidade. Existem inúmeros casos em que a partir de processos de criação artística inspirados num bem patrimonial foi possível promover esse património quer dentro da comunidade quer no exterior. Exemplo claro disso é o caso da artista plástica Joana Vasconcelos que ao conceber uma instalação artística no Castelo de Santa Maria da Feira

conseguiu mobilizar a comunidade na criação dessa peça. A comunidade foi convidada a criar uma enorme colcha em crochet que seria colocada na fachada do castelo durante o evento “Imaginarius”, um festival internacional de teatro de rua.

Vejamos um artigo de Francisco Mangas, publicado em Abril de 2007, no Diário de Notícias que retrata o envolvimento da comunidade neste projeto artístico:

Ao todo, na criação da ampla colcha - em crochet, com fio Águia branco n.º 6 e agulha n.º 2 - participam quase 500 mulheres e crianças do concelho da Feira. "O nosso objectivo foi desenvolver um trabalho sobre a identidade, envolvendo a população idosa e os mais novos", diz Renzo Barsotti, director artístico do Imaginarius, festival que decorre entre 17 e 19 de Maio.

O crochet, feminina arte quase em desuso, foi o ponto de partida para "afirmar a identidade" da região, numa época de mundialização. "É importante não esquecermos de onde vivemos", lembra Renzo Barsotti, o italiano que dirige o festival e pertence à Associação Sete Sóis Sete Luas.

A adesão à proposta de Joana Vasconcelos foi surpreendente. "Quase podíamos cobrir todo o castelo com panos de renda", afirma Rosa Bastos, funcionária do Centro de Apoio Social de Mozelos, que, ao lado de mais nove colegas, dava os últimos retoques na parte da peça colectiva.(...)

No atelier, a artista plástica, que gosta de integrar este tipo de materiais nas suas obras, receberá mais onze pedaços da colcha, criados por outros grupos, em vários pontos do concelho, que depois unirá.

Por um lado a artista envolveu a comunidade em torno de uma prática artesanal que estava a cair em desuso e por outro aplicou o produto final na fachada do castelo, criando uma possibilidade de se olhar para este monumento de um modo diferente.

É de imaginar que ao longo da elaboração da colcha os mais velhos tenham ensinado aos mais novos como fazer o crochet, deste modo para além da socialização entre gerações ocorreu também a transmissão do legado artesanal existente.

Este projeto permitiu ainda que a comunidade observasse de uma forma diferente dois dos elementos patrimoniais existentes. Por um lado o crochet deixou de ser simplesmente uma prática das senhoras mais idosas e passou a ser encarado como um elemento artístico da instalação e por outro o castelo ganhou nova vida ao ser decorado de uma forma inusitada.

Este olhar artístico sobre os dois elementos não só provocou o interesse dos habitantes locais, como é noticiado no artigo citado, como também o deve ter provocado nos elementos exteriores à comunidade que se deslocaram ao castelo para assistir ao festival “Imaginarius”.

É de frisar o cuidado que existiu em envolver a comunidade ao longo do processo, a partir desta experiência de participação ativa a comunidade pode apropriar-se de uma forma de expressão da sua identidade cultural e também sentir-se responsável na valorização do seu património.

Este é um bom exemplo de como a arte e a Animação Artística são formas de dinamizar o património e podem assumir um papel de grande importância quando se fala em Animação

Patrimonial. A partir deste exemplo podemos dizer que a Animação Patrimonial pode ser levada a cabo por intermédio da animação artística em torno do património. É portanto notória a relação de enriquecimento recíproco entre a Animação Artística e a Animação Patrimonial.

As artes podem e devem ser uma forma de revitalizar o património mas estas ações de revitalização devem ser feitas, sempre que possível com o envolvimento da comunidade.

Este envolvimento da comunidade e o uso do património numa dinâmica cultural e artística como a acima descrita remetem para o pressuposto defendido por Caride (2000) quando afirma:

No que diz respeito ao trabalho na cultura, trata-se de um desenvolvimento que transfere a dinâmica cultural às iniciativas locais, embora com pensamento global e visão plenária, que se insere num território pensado como tema, objecto e sujeito da cultura, onde a participação das pessoas é alentada, dos grupos e das instituições em projectos integrados de inovação e mudança social. Um desenvolvimento, afinal, em que se confirma o território como um espaço de socialização e identificação que transcende a geografia ou a paisagem, e onde as comunidades são o referente principal e substancial nas dinâmicas de auto-organização e participação social. (2000, pp.52-53)

Vejamos agora o caso de uma instalação artística, também centrada na identidade cultural de uma região, percebendo como a falta da participação da comunidade contribuiu para o fracasso da mesma.

Esta instalação artística remonta ao ano de 1996 e ocorreu na cidade de Aveiro. A artista envolvida no projeto “Sal” pretendia enaltecer a identidade coletiva através de uma instalação usando sal, elemento importante na economia e cultura local.

Conforme é relatado por Fortuna:

Tratou-se de uma cobertura de sal sobre toda a praça frente ao Município, atravessada por passeadeiras, que os transeuntes utilizavam, quais carregadores do sal, para circular pelo local. O projecto pretendia inscrever no espaço público uma simbolização da identidade local, utilizando o elemento supostamente mais marcante da economia e da cultura da cidade - o sal e a evocação dos marnotos. Tratava-se assim de ensaiar a conversão da arte em instrumento de identificação da comunidade local, numa relação espacializada com a cidade e a história cultural do lugar. (Fortuna, 2010, p.275).

A ideia da artista Catarina Baleiras teria até um fundo interessante, no entanto, como afirma Fortuna, esta instalação veio a gerar grande polémica no seio da comunidade, vejamos a razão:

Todavia, a instalação acabou por gerar forte contestação, liderada sobretudo pelos próprios marnotos, que questionaram a autenticidade da evocação da sua identidade cultural e de trabalho, ao mesmo tempo que reprovaram o facto de a instalação não usar o sal produzido localmente mas ter, antes, utilizado sal importado da Mauritânia, no que foi considerado uma afronta à história local. Após uma noite chuvosa, a obra surgiu danificada

e foi desinstalada. (Fortuna, 2010, p.275).

É notório que o insucesso desta instalação adveio sobretudo da falta de comunicação da artista com os habitantes locais. Num projeto desta natureza, onde o objetivo era, de certo modo, homenagear uma prática local era fundamental ter ocorrido uma interação entre a artista e a comunidade que permitisse compreender a verdadeira postura dos cidadãos face à exploração do sal e toda a cultura envolvente a esta prática.

Este erro grosseiro fomentou um sentimento de “não-identificação” com a obra por parte dos aveirenses, sendo que este sentimento se exacerbou ao saberem que nem o sal utilizado na obra era oriundo da região.

Este exemplo ilustra como não se deve usar a arte no âmbito da animação patrimonial. No caso descrito o objeto artístico foi usado numa lógica de democratização cultural, isto é, fazer chegar aos cidadãos um produto artístico, mas tal lógica revelou-se ser bastante inoportuna, quando o tema central do objeto artístico em questão estava tão intimamente relacionado com o público. Neste caso era notória a pertinência de adotar uma visão centrada na democracia cultural onde artista e comunidade, em conjunto, trabalhassem no produto artístico. A população contribuindo com o seu testemunho genuíno e perspectiva sobre o tema e a artista materializando essas vivências numa obra que fosse de encontro ao ponto de vista dos cidadãos.

Em suma, pode considerar-se fundamental que no contexto da Animação Patrimonial a Animação Artística seja desenvolvida com a comunidade evitando assim cometer erros como o que foi apresentado.

Deve considerar-se que a Animação Artística pode servir como motivação na comunidade para o desenvolvimento da Animação Patrimonial. As residências artísticas nas quais o artista tem possibilidade de se inspirar na comunidade, observando e interagindo com a mesma, ou projetos semelhantes ao da artista Joana Vasconcelos, são bons exemplos de como revitalizar o património cultural a partir da arte e dos cidadãos.

Só partindo de uma lógica participativa na Animação Artística em torno do património se pode chegar à Animação Patrimonial onde a comunidade é responsável pela preservação, valorização e divulgação do seu legado cultural.

A Animação Patrimonial defende a apropriação e o empoderamento da comunidade nas dinâmicas em torno da riqueza cultural tangível e intangível, nesse caso, as práticas artísticas e a oferta cultural centradas no património existente, devem também atuar de acordo com este paradigma.

É importante salientar o papel da Animação Artística neste campo uma vez que a criação de novos olhares sobre o património, a produção artística inspirada na identidade cultural de um povo ou região fomenta a vida e o dinamismo do património cultural em si.

Ilustremos esta ideia com o exemplo do artesanato. O artesanato mantém-se vivo enquanto os artesãos reproduzem o produto, no entanto, o artesanato é revitalizado e ganha outra dimensão quando ao invés de ser reproduzido é recriado. Neste caso o objeto artesanal recriado pela mão de artistas ou criativos alcança uma nova dimensão. Esta nova dimensão não só mantém o

artesanato vivo como o transporta a outros patamares fazendo-o evoluir para além da dimensão estática passando a uma dimensão dinâmica.

Contudo, é fundamental que os artesãos prossigam as suas reproduções de forma a garantir que este exemplo de identidade cultural não se perca ao longo dos anos. O que se propõe é uma abordagem artística que una passado, presente e futuro

É este o papel da animação artística no âmbito da Animação Patrimonial, proporcionar a dinâmica do património com a comunidade através de novas perspetivas sobre o mesmo, permitindo que os cidadãos conheçam e protejam o legado cultural mas que estejam também recetivos a contribuir para o crescimento da sua identidade cultural através da construção de novos patrimónios.

3.5 Animação Patrimonial, Turismo Apropriado e Desenvolvimento Local

Clarificado o conceito de Animação Patrimonial é então fundamental compreender de que forma o mesmo se relaciona com o conceito de turismo apropriado defendido por Cherem ou com o conceito de turismo comunitário defendido por vários autores.

A principal ligação entre Animação Patrimonial, turismo comunitário e turismo apropriado é que um se torna consequência do outro.

Um projeto de Animação Patrimonial só faz sentido evoluir para uma componente turística caso se aposite numa filosofia de turismo comunitário ou turismo apropriado.

Não teria qualquer sentido apostar num projeto em que se trabalhasse com a comunidade a sua relação com o património local, um projeto em que a comunidade aprendesse mais sobre a sua cultura, sobre a sua história, sobre os ancestrais da sua identidade e depois fosse implementado um sistema turístico massificado no qual a comunidade não tivesse qualquer participação.

Antes de mais importa conhecer o que se entende por desenvolvimento local, inúmeros autores têm refletido sobre esta temática apresentando várias abordagens sobre o conceito.

Segundo Santos, no artigo, “Dos modelos de desenvolvimento local aos projectos de animação cultural: conceitos, dimensões e desafios” o desenvolvimento local pode ser encarado e desenvolvido sobre diferentes paradigmas, podendo ser entendido, por um lado, numa perspetiva funcionalista ou por outro, numa ótica territorialista. (2011,p.1)

Santos considera que estas duas formas de intervenção são bastante divergentes, se por um lado, o modelo funcionalista atua numa ótica de satisfação dos interesses sectoriais e empresariais, por outro, o modelo territorialista aposta na defesa dos interesses da comunidade e território, através da sua qualificação e mobilização dos recursos existentes. A lógica de atuação dos dois paradigmas também diverge na medida em que na ótica funcionalista as dinâmicas sociais e económicas dos territórios advêm de estímulos externos, já na visão patrimonialista as dinâmicas existentes advêm da criação de sinergias entre os agentes locais.

O modelo territorialista aposta no empoderamento das comunidades tornando os cidadãos elementos ativos na toma de decisões. Este modelo defende ainda a atuação estratégica com base na defesa dos elementos diferenciadores através da valorização dos recursos endógenos e identitários.

Na tabela que se segue é possível verificar os aspetos em que os modelos divergem:

Dimensões de análise	Modelo Funcionalista	Modelo Territorialista
Objectivo	Utilização dos territórios e das comunidades locais e regionais como veículo de satisfação dos interesses sectoriais e empresariais	Qualificação dos territórios e das comunidades locais e regionais através da mobilização integral dos seus recursos
Lógica	Criação de dinâmicas sociais assentes em estímulos externos; vertical e funcional	Criação de dinâmicas sociais assentes na mobilização das energias internas; horizontal e territorial
Organização	Sectorial; atomista; território hospedeiro/objecto	Transversal; redes; território protagonista/sujeito
Recursos	Captação de investimento móvel internacional e inter-regional; valorização dos recursos financeiros e materiais (<i>hardware</i>); privilégio da grande escala	Apoio ao empreendedorismo de génese local e regional; valorização dos recursos imateriais organizacionais (<i>software</i> e <i>organware</i>); aproveitamento de iniciativas de pequena e média escala
Estratégias	Integração funcional	Diferenciação, inovação, afirmação identitária
Riscos potenciais	Deslocalização de actividades, <i>abafamento</i> do potencial de recursos local e regional	Auto-fechamento, esclerose institucional e organizacional
Papel dos aspectos culturais	Menor, despreciando	Maior, fundamental

Tabela 3 Tabela 3- Diferenças entre o modelo de desenvolvimento Funcionalista e Territorialista.

Fonte: Santos (2011, pp. 8,9)

É pertinente afirmar que no âmbito da Animação seja ela Cultural ou Patrimonial o desenvolvimento local seja baseado num modelo de cariz territorialista. Santos corrobora com esta opinião afirmando que “os projectos de animação cultural devem revestir um claro figurino territorialista, ou endógeno, porque só assim poderão constituir-se como verdadeiros instrumentos de valorização dos activos locais e de qualificação das comunidades” (2011,p.1).

Como o autor defende ao longo do artigo, o desenvolvimento local deve basear-se nos recursos endógenos permitindo a qualificação das comunidades. Esta estratégia de intervenção nos territórios que visa a mobilização de todos os recursos existentes pretende também reforçar a matriz identitária das regiões bem como favorecer o empoderamento das comunidades na tomada de decisões. (Santos, 2011, pp. 8,9)

Para além de Santos outros autores se têm debruçado sobre o conceito de desenvolvimento local, para Silva “Desenvolvimento (territorial) local é frequentemente interpretado como o paradigma mais recente do desenvolvimento”(2009, p.68), o conceito de desenvolvimento tem

vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos, na atualidade este paradigma assenta sobretudo numa perspetiva de desenvolvimento endógeno.

O autor prossegue desenvolvendo esta ideia ” É também conhecido sob a designação de desenvolvimento endógeno, integrado, comunitário e sustentável” (Silva, 2009, p.68), isto é, assente nas potencialidades e recursos locais.

Buarque apresenta-nos uma conceção bastante esclarecedora relativamente ao conceito “(...) o desenvolvimento local depende da capacidade dos atores e sociedades locais se estruturarem e se mobilizarem, como base nas suas potencialidades e matriz cultural, para definir e explorar, as suas prioridades e especificidades” (2002, p. 30, em linha).

O autor acima citado apresenta uma visão que responsabiliza os atores sociais, ou seja, a comunidade no processo do seu próprio desenvolvimento, apoiado sobretudo em potencialidades locais e na matriz cultural e identitária.

É sob este ponto de vista defendido pelos vários autores citados que se insere a Animação no contexto do património e turismo. Sendo a Animação Comunitária uma estratégia de ação que visa a mobilização das comunidades para o seu próprio desenvolvimento sustentável, é simples compreender que no contexto do património, basta que esta mobilização se desenvolva em torno deste, fomentando assim a procura e oferta turística.

Lopes partilha da mesma ideia afirmando:

Num conceito alargado de Animação, pretende-se que esta projete, junto do turismo, a sua capacidade técnica e metodológica de gerar processos participativos e criativos, de otimizar recursos humanos e outros, de promover a interação social, de potenciar o desenvolvimento social e pessoal, sempre com a preocupação central de levar a pessoa a um autodesenvolvimento que decorra de aprendizagens ativas. (2008, p.363)

Mais autores defendem esta perspetiva, tomemos como exemplo esta afirmação de Silva:

(...)o território que se quer também turístico, deve ser (re)construído envolvendo, e unindo, todos os “atores” que, no local “visionam” o seu futuro, usando a inovação, aprendizagem, as redes e a governância como fatores decisivos, e em que a coesão interna de todos os elementos que o compõem , aliada a uma necessária abertura ao exterior, se assumem como determinantes para o seu sucesso. (2008, p.84)

Ainda dentro deste contexto, Bucho apresenta o conceito de Animação Turístico-Cultural:

Podemos definir animação turístico-cultural do património como um conjunto de acções e serviços que permitem e que estimulam uma fruição turístico-cultural de qualidade, preferencialmente disponível em regime de permanência, dos valores patrimoniais em causa, resultando benéfica, não só para o visitante, como para o bem em causa, como para a comunidade onde se insere esse património. (2010, p.87)

Como breve resumo destas noções apresentadas por vários autores em torno do desenvolvimento no contexto turístico, segue uma citação de Silva muito elucidativa no que diz respeito à importância da mobilização dos atores sociais em prol de projetos de dimensão turístico-cultural:

O desenvolvimento (turístico) local constrói-se pelo embate quotidiano dos diferentes actores dos locais, movidos pelos seus interesses, e reprocessado pelas suas representações politico-sociais, pelas suas empresas, planeadores e governos, tendo como referencia os padrões de consumo dos actuais e novos turistas, as necessidades das populações locais, as expectativas de lucratividade e os imperativos de conservação ambiental, tendo sempre, como pano de fundo, a qualidade de vida das populações e dos cidadãos e a sustentabilidade. (2008, p.84)

Todos os autores citados apresentam a clara noção que o desenvolvimento local, nomeadamente o desenvolvimento local em torno do turismo, exige a participação da comunidade. Como afirma Silva na citação anterior, no contexto do turismo, defende-se que a linha de ação deve ter em conta as necessidades e expectativas do turista. Esta preocupação em oferecer algo que vá ao encontro do que o turista procura deve também ser explorado no contexto da animação patrimonial, sem nunca esquecer de auscultar se esta oferta interfere no bem-estar da comunidade local.

Sendo possível conciliar uma oferta de Animação Patrimonial em contexto turístico com os interesses e qualidade de vida da população, o animador deve desenvolver em conjunto com a comunidade projetos ricos e diversificados captando assim visitantes.

A maior afluência de visitantes aos locais turísticos pode acionar mecanismos de desenvolvimento económico que em muito podem contribuir para a melhoria de qualidade de vida da comunidade. Lugares visitados podem estimular a criação de novas ideias de negócio, sendo também um incentivo à inovação e empreendedorismo em vários sectores de mercado e também no sector da animação cultural.

A afluência de visitantes ao espaço turístico pode contribuir para o desenvolvimento cultural, estimulando a criação artística e a oferta cultural. A criação artística em diversas áreas pode contribuir para o desenvolvimento do próprio património cultural local.

A par do desenvolvimento artístico e económico a Animação Patrimonial pode também contribuir para o desenvolvimento educativo e cívico, fomentando hábitos de preservação e valorização patrimonial. A sensibilização para a importância do património cultural junto da comunidade poderá contribuir no futuro para a preservação da identidade cultural local. Citando Veríssimo, poderemos compreender de que modo estes projetos educativos promovem a herança cultural:

Projecto educacional desenvolvido a partir do Património Cultural, a Educação Patrimonial promove a identidade e visa a revitalização da herança cultural, através do conhecimento, da preservação, da animação e da consciência crítica e responsável que nos torna cidadãos

mais activos e também mais próximos das nossas raízes, numa interacção proveitosa com o meio onde nascemos ou vivemos. (Veríssimo, 2007, em linha)

Só uma comunidade desperta para a importância da preservação patrimonial, poderá oferecer um turismo de qualidade, baseado numa identidade rica e genuína. Esta noção deve ser desenvolvida e promovida por diversas entidades, escolas, autarquias, associações, empresas, entre outras, de modo a fomentar uma consciência cívica perante o legado deixado pelos nossos antepassados.



Figura 2- Contributo da Animação Patrimonial para o desenvolvimento local

Fonte: Autoria própria

CAPÍTULO II - Objetivos e metodologia do Trabalho de Projeto

1. Apresentação geral

O presente capítulo visa apresentar a metodologia utilizada para a realização deste estudo de cariz exploratório.

Este estudo surge da necessidade de uma reflexão sobre o papel da Animação em torno do património como meio mobilizador para o desenvolvimento turístico local em que a comunidade seja incluída de forma ativa.

Para o desenvolvimento da visão apontada anteriormente foi estudada a freguesia da Sertã.

A freguesia foi selecionada por corresponder à sede do concelho por apresentar património e recursos turísticos diversificados capazes de satisfazer as necessidades de quem decide conhecer a região. Outro fator de peso na decisão de estudar esta freguesia está relacionado com o maior número de documentos existentes sobre esta freguesia relativamente a outras do concelho e à maior facilidade em aceder aos mesmos. A par das características referidas, acresce ainda o facto de esta freguesia ter a particularidade de ser composta por uma zona urbana e por zonas rurais. Para o desenvolvimento do estudo foram recolhidos dados sobre a receptividade da população local em integrar-se num projeto de Animação Patrimonial baseado num modelo de turismo apropriado. Com base nos dados recolhidos elaborou-se um projeto de Animação Patrimonial com vista à dinamização dos recursos culturais e naturais existentes na freguesia com a participação ativa dos seus habitantes. O projeto apresentado visa sobretudo explorar a relação da comunidade com o seu património e fomentar um turismo que valorize a componente humana das viagens e as relações interpessoais entre os turistas e as pessoas da região.

1.1 Tema de estudo e questões da Investigação

A finalidade deste Trabalho de Projeto é a de propor uma intervenção em Animação Patrimonial e Artística que potencie turisticamente o território da freguesia da Sertã, tendo como ponto de partida os seus recursos patrimoniais. O Projeto apresentado pretende que a comunidade assuma um papel de destaque na valorização e preservação do património autóctone e assim se possibilite a médio e a longo prazo a implementação de um modelo de turismo apropriado.

Dado que era objetivo do Projeto envolver a comunidade teve necessidade de compreender a potencial receptividade dos elementos da população local em integrar-se de forma ativa num projeto de animação patrimonial com vista ao desenvolvimento de uma forma de turismo comunitário e apropriado na região. Deste modo, as questões subjacentes a este estudo, realizado a partir de inquéritos a uma amostra da população, foram as seguintes:

- Qual o nível de conhecimento que a população inquirida considera possuir sobre o património local?

-Qual o nível de recetividade da população inquirida em aplicar esses conhecimentos de forma a participar num projeto de animação patrimonial?

-Qual a área ou áreas do património endógeno sobre a(s) qual(ais) os membros da comunidade inquiridos detém maior interesse em participar?

1.2 Objetivos do Projeto de Animação Patrimonial

A partir da análise dos dados recolhidos na investigação, pretende-se apresentar um projeto de Animação Patrimonial na freguesia em estudo, que seja viável, que possa corresponder aos interesses e à disponibilidade da comunidade, que possa ser mobilizador de novas sinergias culturais e comunitárias e que possa responder às expectativas dos visitantes e turistas. Nesse sentido, são seus objetivos particulares os seguintes:

- Incentivar a população autóctone a conhecer e valorizar o seu património cultural e natural de forma a poder intervir ativamente na sua divulgação e em processos de animação a partir desse património.

- Favorecer a troca de saberes sobre o património local e a vivência de experiências com os visitantes e os turistas.

- Criar propostas, de âmbito cultural e artístico, que consigam mobilizar a população para uma participação coletiva, que incrementem não só uma maior abertura cultural e artística, como também possibilitem o desenvolvimento turístico da região.

- Potenciar o património cultural e natural e os saberes da população local, com vista a um incremento turístico, com a envolvimento da comunidade, com qualidade e sustentabilidade ambiental, económica, social e cultural.

. Nesse sentido o objetivo que se pretende atingir é potenciar turisticamente o território da freguesia da Sertã tendo como ponto de partida os seus recursos patrimoniais. O projeto apresentado pretende que a comunidade assuma um papel de destaque na valorização e preservação do património autóctone e assim se possibilite a médio e a longo prazo a implementação de um modelo de turismo apropriado.

1.3 A Escolha do Tema

No momento da escolha do tema foram várias as motivações que conduziram à produção deste Trabalho de Projeto subordinado à temática da animação no âmbito do turismo. Essencialmente, a escolha do tema parte do interesse pessoal pela temática. O facto de lecionar disciplinas de animação em contexto turístico também pesou no momento de escolha do tema, na medida em que é sempre enriquecedor e útil aprofundar conhecimentos na área em que se desenvolve a atividade profissional. Para além da motivação de cariz emocional que passa pelo apreço que

tenho em relação à freguesia em estudo, lugar onde cresci e vivi, existe também o facto de no presente a freguesia da Sertã ser alvo de um investimento no sector turístico. Deste modo, pareceu-me pertinente idealizar um projeto que pudesse também contribuir para o desenvolvimento turístico da freguesia.

2. Metodologia utilizada

A estratégia metodológica adotada ao longo das várias etapas deste Trabalho de Projeto assentou fundamentalmente na pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa exploratória no terreno.

A pesquisa bibliográfica obrigou a uma investigação ao nível de publicações e autores que se debruçaram e debruçam sobre o tema abordado.

A pesquisa documental implicou a investigação de dados estatísticos, estudos e documentos oficiais que permitiram a caracterização da freguesia em estudo.

Por último, no que respeita à pesquisa exploratória no terreno, esta baseou-se num modelo de investigação quantitativa através da aplicação de inquéritos por questionário aos habitantes locais. Este método permitiu analisar estatisticamente as informações obtidas e desse modo compreender com maior facilidade e clareza a opinião dos inquiridos perante as questões que foram colocadas.

2.1 Recolha de dados secundários

A recolha de dados secundários baseou-se essencialmente na revisão bibliográfica, através de artigos científicos e publicações sobre os temas abordados. Parte desta pesquisa foi realizada através da internet uma vez que, na atualidade, este instrumento nos permite aceder a livros e artigos internacionais não editados em Portugal. Além desta vantagem a informação recolhida na internet, em fontes fidedignas, permite o acesso, de uma forma muito célere, a informações que de outra forma seria difícil e moroso aceder. As bases de dados científicas, disponíveis online, são um bom exemplo de fontes seguras de informação, cujo acesso aos dados está bastante facilitado e acessível aos investigadores. A este nível foi consultadas várias bases de dados científicas nomeadamente, o Repositório do Instituto Politécnico de Castelo Branco, o RCAAP (Repositório Científico de Acesso Aberto em Portugal), Atualmente é possível contar também com informação disponibilizada por organismos oficiais que, devido à sua capacidade de recolha e tratamento de dados, permitem aos investigadores obter informações que em muito contribuem para o desenvolvimento e rigor do estudo.

Para Quivy e Campenhoudt estas entidades existem “principalmente para oferecerem aos responsáveis e investigadores dados abundantes e dignos de confiança, que aqueles não poderiam recolher por si próprios”(2008, p.201).

Relativamente a alguns dados genéricos sobre a freguesia recorreu-se essencialmente aos dados facultados por estudos do Instituto Nacional e Estatística, e da Porbase, sendo que algumas informações mais específicas foram recolhidas através de estudos desenvolvidos por diferentes organismos e em especial sobre a freguesia da Sertã.

Os mesmos autores, citados anteriormente, consideram que “É frequente o trabalho de um investigador necessitar de dados macrossociais, que apenas organismos oficiais poderosos, como os institutos nacionais de estatística, têm condições para recolher”(Quivy & Campenhoudt, 2008, p.201).

Ainda sobre este assunto, Carmo e Ferreira afirmam que estas fontes de informação permitem um acesso a dados importantes “Dados provenientes de Censos, de Anuários ou de Estatísticas Especiais, podem constituir elementos valiosos por exprimirem grandes tendências nos campos demográfico, social, económico e cultural, de outra maneira dificilmente percecionáveis” (2008, p.89).

Este tipo de fontes de informação apresenta algumas vantagens, nomeadamente a economia de tempo e a rentabilização dos estudos levados a cabo por estes organismos.

Quivy e Campenhoudt afirmam que o recurso a estas fontes de informação e metodologia de recolha de dados são vantajosos na medida em que proporcionam:

A economia de tempo e dinheiro que permite ao investigador consagrar o essencial da sua energia à análise propriamente dita.(...)

A valorização de um importante e precioso material documental que não para de se enriquecer devido ao rápido desenvolvimento das técnicas de recolha, de organização e de transmissão de dados. (2008, p.203)

Como já foi referido anteriormente, parte da recolha de informação foi feita com base em pesquisa bibliográfica

2.2 Recolha de dados primários

De acordo com Sarmento os dados primários “são pesquisados pelo investigador, com vista a satisfazer uma necessidade de informação presente e específica” (2008, p.10).

Também Neto considera este tipo de dados como sendo:

(...) aqueles diretamente coletados da sua fonte. Normalmente, não têm qualquer tratamento prévio exigem uma investigação de campo (...).Os dados primários possibilitam uma análise adequada aos propósitos da pesquisa, uma vez que permitem que técnicas de análise quantitativa e/ou qualitativa possam ser executadas nos dados brutos a fim de extrair as conclusões desejadas. (2009,p.27)

No caso do presente estudo a recolha dos dados primários consistiu na aplicação de inquéritos por questionário aos habitantes da freguesia da Sertã.

A necessidade de aplicação deste inquérito prendeu-se com o facto de não existirem estudos, junto desta população, que dessem respostas às questões que motivaram a investigação.

2.2.1 Inquérito por questionário

De forma a obter dados sobre a receptividade da população local em integrar de forma ativa um projeto de animação patrimonial foi necessário aplicar um inquérito por questionário. Segundo Quivy & Campenhoudt o inquérito por questionário consiste em:

(...) colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda qualquer outro ponto que interesse os investigadores (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.188).

De forma a permitir uma análise de respostas com maior exatidão foram criadas questões pré-codificadas. Segundo os mesmos autores esta técnica de definir possíveis respostas é aceitável na medida que:

Dado o grande número de pessoas geralmente interrogadas e o tratamento quantitativo das informações que deverá seguir-se, as respostas à maior parte das perguntas são normalmente pré-codificadas, de forma que os entrevistados devem obrigatoriamente escolher as suas respostas entre as que lhe são formalmente propostas. (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.188)

O inquérito por questionário aplicado (Apêndice 1) no estudo foi constituído por 11 questões, 3 de resposta fechada e 8 de escolha múltipla, sendo que 3 destas permitiam ao inquirido, acrescentar uma opção de resposta caso entendesse necessário.

2.3 A constituição da Amostra

O universo do estudo é composto pela população da freguesia da Sertã. Devido ao facto de a população alvo ser muito elevada, a constituição da população inquirida foi realizada através de métodos não probabilísticos. Primeiramente, utilizou-se a técnica de amostragem por quotas verificando qual o número total de elementos masculinos e femininos da freguesia e definindo, segundo o número de pessoas de cada sexo, a percentagem de elementos a inquirir de acordo com o género. De acordo com Carmo e Ferreira “Com esta técnica é possível atingir um objectivo idêntico ao que se consegue na amostragem aleatória: constituir uma amostra que seja um modelo reduzido da população” (2008, p.217). Sendo a freguesia composta por 6196 habitantes, 3250 mulheres e 2946 homens definiu-se que seriam aplicados 122 inquéritos correspondentes a 2% da população total. Realizaram-se 64 inquéritos a pessoas do sexo feminino, correspondentes a 2 % do universo de 3250 e 58 inquéritos a pessoas do sexo masculino, ou seja, 2% do universo total de 2946 indivíduos.

Após a definição de pessoas a inquirir de cada género, através da técnica de amostragem por quotas, utilizou-se uma outra técnica de amostragem, a técnica por conveniência ou acidental. Entende-se por amostras por conveniência ou acidental aquelas que são “Compostas por acaso, com os elementos que vão surgindo durante a fase de investigação até a amostra atingir o tamanho desejado” (Reis, 2010, p.77). Este processo de constituição da amostra apresenta alguns inconvenientes, nomeadamente, a impossibilidade de interpretar os resultados como representativos do universo em estudo. Neste sentido, os resultados apresentados apenas

representam a opinião dos elementos da população que fizeram parte do estudo, nunca podendo ser generalizados aos habitantes da freguesia em geral. Este método de amostragem foi selecionado devido ao facto de não ser possível de outro modo manter a viabilidade do estudo, dado que a aplicação de uma amostragem probabilística implicaria um maior dispêndio de tempo e recursos.

Como condição de inclusão na amostra, os inquiridos deveriam ser maiores de 18 anos, residentes, trabalhadores ou eleitores na freguesia em estudo e estar de acordo em participar voluntariamente no estudo.

2.4 A recolha e tratamento de dados

Foi aplicado um pré-teste do inquérito no dia 25 de julho de 2013 a um grupo de dez indivíduos de forma a verificar a organização, coerência e necessidade de alteração do mesmo. Posteriormente, entre os dias 29 de julho e 5 de Agosto de 2013, foi implementado o inquérito. Foram selecionadas zonas comerciais e lazer onde, por norma, se verifica uma maior afluência de população local, nomeadamente a Avenida Gonçalo Rodrigues Caldeira, Rua Cândido dos Reis, Alameda da Carvalha e Rua de Proença-a-Nova.

O método adotado para aplicação de inquéritos foi o de administração direta sendo, no momento, preenchidos pelos inquiridos.

De acordo com Quivy e Campenhoudt considera-se inquérito de administração direta “ quando é o próprio inquirido que o preenche. O questionário é-lhe então entregue em mão por um inquiridor encarregado de dar todas as explicações úteis” (2008, p.188).

Os inquéritos por questionário foram aplicados na presença da inquiridora de forma a serem esclarecidas algumas dúvidas que, eventualmente, pudessem surgir por parte dos inquiridos. As dúvidas foram esclarecidas de uma forma imparcial sem influenciar as respostas dos participantes.

Em casos excepcionais, que surgiram durante a implementação dos inquéritos, nomeadamente situações de analfabetismo foi adotado o método de administração indireta sendo que a inquiridora preencheu o questionário com base nas respostas facultadas pelos inquiridos.

No que diz respeito ao tratamento de dados recolhidos foi utilizado o programa excel no qual foram introduzidos os dados obtidos. Através deste programa foi possível aplicar fórmulas que facilitaram a análise estatística dos resultados bem como a sua apresentação através de gráficos circulares e de barras.

Tratando-se de uma amostra por conveniência ou acidental, composta por um número de inquéritos que apenas representa 2% da população local, não foram realizados cálculos para verificar a margem de erro uma vez que tal não faz sentido quando se trata de um estudo em que não se pretende generalizar os dados obtidos à população em geral.

“Se eu pudesse aqui ficar

*Quero abraçar os pinheiros como velhos companheiros
E mergulhar de um rochedo para o rio que corre, sem medo
Quero escalar o penedo de onde avisto o verde manto
Dos pinhais e arvoredos desta paisagem que canto*

*Cores que ainda me deslumbram depois de tanto as pintar
Nos recantos da memória onde sonho enfim voar
Como as aves que povoam estes céus ao madrugada
São as vozes que ecoam que me estão sempre a chamar
Brilham reflexos nas águas do rio que serpenteia
Em labirintos de vales que a solidão semeia*

*Ah se eu pudesse aqui ficar... Há sempre um destino a chamar
Alma viandante quer sair, futuras memórias descobrir*

*Quero abrir novos caminhos por trilhos desconhecidos
Quero rotas, quero estradas, viagens atribuladas
Quero perder as certezas das crenças, mitos e regras
Novas paragens e rumos onde há outros supra-sumos
Pelas curvas deste mundo anda a sorte assim escondida
Seja num vale profundo ou no cimo de uma ermida*

*Ah, se eu pudesse já sair, guiando as esperanças ao porvir
Alma resistente quer ficar, lembrando as histórias dos lugares
Ah, se eu pudesse aqui ficar...Há sempre um destino a chamar
Alma viandante quer sair, futuras memórias descobrir”*

Miguel Calhaz

Capítulo III- O contexto: A Freguesia da Sertã

1. Caracterização Geral da Freguesias da Sertã

No presente capítulo será feito um enquadramento e caracterização da freguesia da Sertã, em algumas circunstâncias serão apresentados dados gerais relativos ao concelho, uma vez que nem sempre foi possível encontrar dados específicos sobre a freguesia.

A origem do nome Sertã permanece incerta até aos dias de hoje, ao longo do tempo foram surgindo várias explicações sobre as causas que poderão estar na origem do nome, no entanto até ao momento não foi ainda decifrada a verdadeira história por trás do topónimo.

Rui Lopes (2013) na obra, História da Sertã, apresenta uma breve descrição e reflexão sobre as várias teorias, a este respeito, sugeridas por diferentes autores. Desde aqueles que acreditam que a origem da palavra advém do termo latino “sartago”, aos que creem que a palavra foi criada a partir da lenda de Celinda, passando pelos que admitem que o nome provém de um capitão romano de nome Certino ou de um general Sertório, existindo ainda outras teorias que fundamentam que a origem do termo advém das características topográficas do local. Apesar de tantas possíveis explicações, até ao momento, mantém-se a incógnita.

O Concelho da Sertã enquadra-se na NUT III, no Pinhal Interior Sul, fazendo parte do distrito de Castelo Branco. Este concelho com 45.313 hectares de área territorial é composto por 14 freguesias, nas quais se inclui a freguesia da Sertã. Segundo o Relatório de Sustentabilidade da Sertã a densidade populacional ronda os 35 habitantes por Km² (2009, p.19).

No mesmo documento é possível ler:

Os agrupamentos populacionais, de pequenas dimensões e dispersos pelo Concelho, situam-se numa fisiografia serrana de cabeços de xisto, envoltos por uma extensa área florestal, essencialmente de pinheiro bravo. As três grandes albufeiras das barragens que regularizaram o Rio Zêzere - Cabril, Bouçã e Castelo do Bode - completam a paisagem (IPI, 2009, p.19).



Figura 3 - Mapa do concelho da Sertã

Fonte: INE, Reorganização administrativa territorial autárquica, (2011b)

1.1 Caracterização populacional

De acordo com os censos levados a cabo em 2011 pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) a freguesia da Sertã é composta por 6196 habitantes sendo que 2946 são do sexo masculino e 3250 são do sexo feminino (INE, 2011a, em linha).

Segundo a *Agenda 21 Local do Município da Sertã*, estudo desenvolvido pela empresa Inovação Projetos e Iniciativa (IPI), a maioria das freguesias do concelho têm registado uma diminuição do número de habitantes. Segundo este mesmo documento, são cada vez menos os jovens a fixarem-se (IPI, 2004, em linha).

De acordo com o Plano Estratégico do concelho da Sertã, por cada 100 jovens até aos 15 anos existem 178 adultos com mais de 65 anos, este cenário permite caracterizar a Sertã e suas freguesias como territórios envelhecidos (CMS,2007, p.17).

O Plano estratégico do concelho da Sertã aponta para uma diminuição da sua população residente tendo, nomeadamente, entre 1991 e 2001 diminuído em 8,1% a população total. O documento avança a informação de que em 2001, o grupo etário mais representativo com maior peso na população - 31% - englobava os habitantes com idades compreendidas entre os 25 e os 49 anos. É ainda referido que o grupo etário com mais de 65 anos representava cerca de 26% da população do Concelho (CMS,2007, p. 42, em linha).

Apesar dos dados apresentados para o concelho indicarem um envelhecimento do território, a freguesia da Sertã será tendencialmente aquela com mais jovens e com uma estrutura menos envelhecida em relação a outras freguesias do Concelho. No documento, *Dinâmicas Populacionais e Projecções Demográficas do Município da Sertã* é possível ler que nesta freguesia existe:

(...)maior estabilidade entre os diferentes grupos etários e sexos; estrutura menos envelhecida; e evolução do peso relativo de cada um dos grandes grupos etários mais uniforme. Com efeito, é nas freguesias com maiores efectivos populacionais (onde se inclui a sede de concelho) que se concentra a maior parte dos equipamentos e serviços, assim como a maior empregabilidade, pelo que é também ali que a população em idade activa e jovem tende a fixar residência. Razão também pela qual registam os maiores níveis de natalidade (IPI, 2008, p.58).

1.2 Caracterização socioeconómica

Segundo o Plano Estratégico do Concelho da Sertã a freguesia da Sertã apresenta vários ramos de atividade que são a base de subsistência das famílias locais, entre as áreas com maior taxa de emprego destaca-se a construção civil, vários tipos de indústria, o comércio e a restauração. A autarquia também emprega uma percentagem dos residentes.

Nas freguesias de maior dimensão existem actividades económicas diferenciadas, desde a construção civil, indústria na área do papel, madeiras a confecções, possuindo também uma actividade comercial já com alguma expressão - comércio tradicional e restauração. (...)Enquanto nas freguesias da Sertã e de Cernache do Bonjardim as principais entidades empregadoras são, para além da autarquia, as indústrias e a construção civil, nas restantes freguesias os empregos existentes concentram-se na sua maioria em actividades relacionadas com a floresta. (CMS,2007, p. 48, em linha).

É importante frisar que os dados apresentados remontam a 2007, entretanto todo o território nacional sofreu alterações ao nível da construção civil devido à crise económica e a bolha imobiliária, deste modo é natural que na realidade se tenha verificado um decréscimo de trabalhadores ligados a este sector.

De acordo com o Relatório de Sustentabilidade tem ocorrido uma diminuição a nível empresarial no concelho:

A evolução do número de empresas reflecte a dinâmica demográfica existente e o momento económico menos favorável que se atravessa em Portugal. (...) entre 2005 e 2007 registou-se uma diminuição de empresas em muitos dos sectores de actividade, atingindo no caso do sector “transportes, armazenagem e comunicações” quase -30%. Ao mesmo tempo, registou-se um crescimento significativo em alguns subsectores dos serviços. (IPI, 2009, p.23)

Tratando-se de um concelho com grande área rural “A economia local depende largamente dos rendimentos do pinhal, complementada pela pequena agricultura familiar, de subsistência, assim como pelo incremento dos serviços de apoio às empresas” (IPI, 2009, p.19).

No sentido de incrementar o tecido económico da região a Câmara Municipal aprovou em maio de 2008 o, Regulamento de Concessão de Apoios às Empresas, através do qual se pretendia apoiar novos investimentos e empresas para o território. De acordo com o Relatório de Sustentabilidade o Regulamento de Concessão de Apoio às Empresas:

A concessão de apoios pode ter várias modalidades, nomeadamente, benefícios fiscais nos impostos que são receitas para o Município, isenções de taxas, agilização da apreciação dos processos de licenciamento, realização de obras de infra-estruturas no espaço envolvente afecto à instalação ou apoio financeiro na impossibilidade da concretização das obras referidas (IPI,2009,P.23).

Apesar desta tentativa levada a cabo pela CMS, a crise que veio a assolar o país nos anos subsequentes parece ter travado o desenvolvimento empresarial da freguesia.

1.3 Caracterização cultural

No Plano estratégico do concelho da Sertã é feita uma referência ao nível da dinamização cultural da freguesia.

Nas freguesias mais importantes do Concelho, Sertã e Cernache do Bonjardim, realizam-se várias atividades culturais que conferem um leque de ofertas mais ou menos alargado. Porém, à medida que as freguesias vão diminuindo de dimensão, vão diminuindo também as opções, reduzindo-se estas às festas populares que têm lugar uma vez por ano. Quanto à aderência da população às atividades culturais, as festas populares são mais procuradas. Quando se fala de cultura na Sertã é inevitável a rápida associação à Casa da Cultura da Sertã. (CMS,2007, p.46).

Efetivamente, a Casa da Cultura da Sertã, referida na citação anterior, é o espaço que acolhe o maior número de espetáculos de cariz cultural na freguesia.

Também no Clube da Sertã ocorrem com menos regularidade alguns espetáculos, sendo mais frequente neste espaço a ocorrência de sessões de cinema.

As atividades de dinamização cultural da freguesia passam essencialmente por concertos ao ar livre, concertos em equipamentos culturais, peças de teatro, exposições artísticas, exposições de artesanato.

Na biblioteca Padre Manuel Antunes ocorrem também diversas atividades de cariz cultural e artístico nomeadamente, sessões de animação da leitura, exposições, feiras do livros, encontros com escritores, sessões de música para bebés, entre outras.

A maior parte da dinamização cultural do concelho e da freguesia é da responsabilidade da autarquia, no entanto, também é possível assistir a alguns eventos organizados pelos bares que se encontram na vila. Essencialmente estes espaços apresentam concertos musicais de estilos diversificados.

No Plano estratégico do concelho da Sertã apresentado em 2007 era frisada a importância de elaborar uma agenda cultural de forma a rentabilizar os equipamentos culturais do concelho (CMS,2007, p.46). Constatou-se que esta estratégia de criar uma agenda cultural foi efetivamente implementada no território sendo que atualmente o município da Sertã apresenta um agenda bimestral onde é divulgada a programação cultural do concelho. A agenda é distribuída gratuitamente pelo município sendo ainda disponibilizada em formato digital no site do município.

Os cortes orçamentais no sector cultural a nível nacional parecem ter causado repercussões também na oferta cultural do concelho e conseqüentemente da freguesia. Apesar de se manter alguma oferta cultural verifica-se que foram reduzidos os números de espetáculos com orçamentos mais elevados sendo que são escolhidos mais frequentemente, por exemplo, músicos e bandas locais para a dinamização dos espaços e equipamentos culturais.

2. Património Natural e Cultural existente

Neste ponto será feita uma apresentação do património natural e cultural que caracteriza a freguesia sobre a qual se debruça o estudo. Grande parte da informação que se segue baseou-se no site do Posto de Turismo da Sertã, bem como na obra de Rui Lopes “História da Sertã”. A seleção destas fontes de informação deveu-se ao facto de os dados disponibilizados nestes meios serem os mais atuais e pormenorizados sobre a freguesia.

Outro aspeto que levou à pesquisa no site em questão é o facto de este ser a fonte de informação institucional a partir da qual muitos visitantes e turistas obtêm informações fidedignas sobre a região.

Os dados obtidos através destes meios foram complementados com outras fontes de informação nomeadamente estudos da autarquia sobre o concelho, outra bibliografia alusiva ao tema e documentos disponíveis no Fundo Local da Biblioteca Municipal Padre Manuel Antunes - Sertã.

2.1 Património Natural e zonas de lazer

De acordo com Lopes (2013), a nível geológico o concelho da Sertã, no qual se insere a freguesia, é caracterizado por xistos argilosos, gneisses e metagrauvaques (p.12).O património natural do concelho e também da freguesia é caracterizado pela mancha verde de pinhal e eucaliptal, que começa novamente a preencher as paisagens após os fogos que afetaram a região em 2003. Apesar destas duas espécies serem aquelas que atualmente mais se acentuam na paisagem nenhuma é considerada autóctone. Em tempos remotos a paisagem da região era essencialmente composta por carvalhos, castanheiros, azinheiras e pinheiros mansos. Percorrendo a região é possível encontrar em termos do coberto arbustivo variado composto por, urze, carqueja, giesta, carrasco, esteva e medronheiro (Lopes, 2013 ,p.13).

A paisagem local fica enriquecida pelos cursos de água que percorrem todo o concelho, sendo que a vila da Sertã se situa num ponto privilegiado caracterizado pela convergência de duas ribeiras, a ribeira do Amioso e a ribeira da Sertã.

Em termos climatéricos a região onde a freguesia se insere enquadra-se no tipo de clima mediterrâneo com influências continentais. Sobre este assunto Lopes afirma que, “O verão é extremamente quente e seco, com as temperaturas a ultrapassarem frequentemente os 30°C, ao passo que os invernos são muito frios, com noites de temperaturas mínimas negativas” (2013,p.13).

A par das características da paisagem natural apresentadas, existem ainda espaços onde a ação humana permitiu valorizar o património existente transformando-o em recurso turístico como é o caso da Praia Fluvial da Ribeira Grande. No plano estratégico de desenvolvimento são frisados estes recursos naturais:

O Concelho dispõe de importantes recursos naturais que constituem atrações turísticas pela sua beleza, destacando-se as albufeiras das barragens do Cabril, Castelo de Bode e da Bouçã. O Concelho dispõe ainda de duas praias fluviais nas freguesias da Sertã e Marmeleiro. Podem-se apreciar belas paisagens de vários miradouros, designadamente os miradouros da Bela Vista, da Nossa Senhora da Confiança e de São Macário. (CMS, 2007, p.55)

Praia Fluvial da Ribeira Grande

No Guia das praias fluviais e zonas balneares este espaço é denominado como “pérola da Sertã” referindo que:

A Praia Fluvial da Sertã fica situada em pleno coração da vila, para vantagem de quem não quer, ou prefere não usar, o automóvel. A ponte que atravessa a ribeira une a parte nova da zona antiga da vila, uma particularidade interessante para os curiosos que pretendam conhecer ruelas típicas da Sertã. O espaço está dotado das infraestruturas necessárias para garantir o bem-estar e a segurança dos visitantes, para além de se encontrar nas imediações da piscina municipal e junto a uma zona de lazer (Guia das praias fluviais e zonas balneares, 2013, p.114).

Esta zona recentemente requalificada a nível paisagístico é dotada de um parque de merendas, atraindo tanto locais como turistas quer pela beleza local, quer pela possibilidade da prática desportiva de modalidades tais como pesca e canoagem.

Serrada

A zona da Serrada nas margens da ribeira da Sertã, recentemente requalificada a nível paisagístico, representa a aposta do município em tornar a vila mais atrativa turisticamente. De acordo com a informação disponibilizada no site da empresa Greenarq, responsável pela requalificação paisagística deste espaço pode ler-se:

Este projecto situa-se no lugar da Serrada, concelho da Sertã, num terreno situado na margem esquerda da ribeira da Sertã, com uma área aproximada de 2.5ha.

A criação de um ambiente visual agradável a potenciar o bem-estar e conforto humano, para quem aceda ou se encontre na área de intervenção, ou a ela tenha acesso visual, foi uma ideia predominante, a par da manutenção da polivalência do espaço e, portanto, da possibilidade de utilização para eventos económicos e/ou culturais importantes para a região. (Greenarq, 2011, em linha)

Este projeto de arquitetura paisagística apresenta preocupações a vários níveis nomeadamente ao nível do conforto e da estética.

A circulação pedonal confortável dentro do parque, foi também uma preocupação, pelo que foi criada uma rede de caminhos, com relativa permeabilidade, que se interligam e

permitem o atravessamento fácil do parque e/ou o acesso às diferentes zonas de estadia aí existentes. (Greenarq, 2011, em linha)

Este espaço está dotado de zonas de descanso, zona de merendas, espaço com instrumentos de percussão de grandes dimensões, mini campo de futebol, circuitos pedestres, fonte, sanitários. É possível apreciar também neste espaço a obra de Paulo Moura, um busto em homenagem ao ilustre sertaginense Dr. Rogério Marinha Lucas.

Carvalha

A Alameda da Carvalha fica situada no centro da vila, junto ao Convento de Santo António e Ponte Romana. De acordo com o Padre António Lourenço Farinha a Carvalha é assim denominada porque:

ali foi feita nos tempos antigos uma plantação de carvalhos, um dos quais se tornou célebre não só pela sua invulgar corpulência, pois o tronco tinha a circunferência de 38 palmos, mas principalmente porque à sua sombra se realizou uma sessão magna da Câmara Municipal no século XIV (...) (1930,p.127).

Atualmente trata-se de uma zona de lazer muito apreciada quer pelos habitantes locais, quer por visitantes ou turistas, onde é possível desfrutar de uma vista sobre a ribeira e serrada. Neste espaço encontra-se um café com esplanada e um parque infantil.

2.2 Património Cultural

Neste ponto serão apresentados os elementos que compõem o património cultural tangível e intangível da freguesia da Sertã.

No âmbito do património intangível será feita uma abordagem sintética sobre o artesanato, a gastronomia, costumes e tradições, festas e mezinhas e património da oralidade.

Quanto ao património tangível focaremos os bens imóveis dado que são os que detêm maior representatividade na freguesia dividindo-os em dois grupos o grupo do património edificado civil e no grupo património edificado religioso.

2.2.1 - Património Intangível

2.2.1.1 Artesanato

Segundo a informação disponível no site do Posto de Turismo da Sertã o concelho regista um número significativo de artesãos, no entanto, estes artífices fazem parte de uma faixa etária mais envelhecida e, devido ao facto de não se verificar a existência de artesãos mais novos, a tendência é que algumas práticas artesanais venham a desaparecer.

A Sertã é muito rica em artesanato, ainda que sem grande expressão económica. Ao longo dos tempos, tem-se dedicado um razoável número de habitantes à sua produção. Atualmente, verifica-se uma tendência natural de desaparecimento, uma vez que os artesãos estão cada vez mais velhos e as gerações mais recentes tendem a procurar meios alternativos de sustento. (Turismo Sertã, s.d, em linha).

Segundo a mesma fonte, a freguesia da Sertã é caracterizada pelo artesanato em ferro, pela cestaria em vime, latoaria e cutelaria.

Faz-se cestaria em vime em Várzea do Pedro Mouro, na freguesia de Cernache do Bonjardim, Azinheira, na Freguesia de Marmeleiro e nas localidades de Outeiro da Lagoa e Pombas, na freguesia da Sertã.(...). Artigos em ferro são trabalhados em Catraia, Herdade (ambos na freguesia da Sertã), Tapada e Vale Centeio, na freguesia de Cabeçudo. É possível encontrar ainda cutelaria em Mougueira, freguesia da Sertã e, por fim, latoaria nas freguesias de Sertã e Figueiredo (Turismo Sertã, s.d, em linha).

2.2.1.2 Gastronomia

Na gastronomia da Sertã destacam-se várias iguarias que podem ser apreciadas nos restaurantes locais, nomeadamente: Bucho recheado; Cabrito à Fojo da Serra; Cabrito estonado; Cartuchos de amêndoa; Enchidos vários; Maranhos; Queijo de cabra e ovelha; Tigelada; Sopa de peixe. Dos pratos típicos enumerados o Bucho e o Maranho são os que mais se destacam e também os mais procurados. Esta situação em muito se deve à aposta realizada pelo município nos últimos anos em realizar o Festival Gastronómico do Bucho e do Maranho. Este evento tem sido usado nos últimos anos como, cartão-de-visita para a região, tendo a Câmara Municipal apostado fortemente na divulgação do mesmo.

A par do evento referido, também se verificou uma aposta na promoção da gastronomia local através da criação da confraria do Maranho:

Abrangendo os Concelhos de Mação, Oleiros, Pedrógão Grande, Proença-a-Nova, Sertã e Vila de Rei, foi constituída em Maio de 2003, a “Confraria do Maranho”, uma associação cultural, fundada com o intuito de defender, preservar e promover o património gastronómico e cultural da Região do Pinhal. (CMS,2007, p.54).

Segundo o levantamento realizado por Jaime Lopes Dias na sua obra, *Cozinha e Alimentação na Beira Baixa* um alimento que predominou como base da alimentação ao longo de muito tempo na região da Sertã foi a castanha “As castanhas constituíram mesmo a base da alimentação nos concelhos de Oleiros, Proença-a-Nova, Sertã e Vila de Rei, especialmente durante os meses de Novembro a Maio” (2003, p.26). É interessante verificar que apesar deste facto nenhuma das iguarias locais utiliza este alimento na sua confeção. Seria interessante, no âmbito da revitalização desta tradição alimentar, estimular a criação de receitas com base neste alimento.

2.2.1.3 Festas e Romarias

As festividades são um elemento transversal aos povos e suas culturas, através destas celebrações é possível compreender crenças, devoções e tradições de um povo. Em torno das festividades sejam elas de cariz pagão ou religioso, ou uma mistura de ambos, desenvolvem-se um conjunto de rituais e vivências coletivas de extrema importância quando se tenta caracterizar uma determinada cultura. Pela razão enunciada torna-se necessário conhecer algumas das principais festividades e tradições em torno das mesmas que se desenvolvem na freguesia em estudo.

Na Sertã as festividades estão por norma associadas aos santos padroeiros dos vários lugares que constituem a freguesia.

Esta forte relação dos habitantes locais com a religião parece remontar a tempos distantes e tem vindo a permanecer ao longo dos tempos.

A este respeito Lopes afirma que:

O cunho marcadamente religioso da população do município sertaginense ficou, desde cedo, bem plasmado na importância atribuída a festas e romarias. Apesar de não ser possível determinar com exatidão que festas aqui decorriam em tempos recuados, sabemos, por exemplo, que o Corpo de Deus e o Espírito Santo eram celebrados desde o início do século XV. As procissões traziam à Sertã elevado número de pessoas de lugares vizinhos e o tom majestático de algumas delas valeu-lhes grande fama. (Lopes, 2013, p.360)

Na tabela que se segue assinalam-se as festas de cariz religioso que ainda vigoram na freguesia:

Festa	Data comemorativa	Local
Festa em honra de S. Pedro	Último fim-de-semana de junho	Sertã
Festa em honra de Nossa Senhora dos Remédios	Dias 14 e 15 de agosto	Senhora dos Remédios
Festa em honra de S. Lucas	Quarto fim-de-semana de agosto	Outeiro da Lagoa
Festa em honra de Nossa Senhora da Graça ou Festa da Angelica	Segundo domingo de outubro	Senhora dos Remédios
S. Miguel Arcanjo e Nossa Senhora da Piedade	Agosto	Calvos
S. Tiago e Nossa Senhora das Dores	Junho	Codiceira
Nossa Senhora da saúde	Julho	Maxial e Maxialinho
Nossa Senhora da Penha de França e Senhor dos Aflitos	Setembro	Passaria
S. Domingos e Nossa Senhora da Conceição	Agosto	Serra de S.Domingos
Nossa Senhora da Nazaré	Agosto	Amioso
Rainha Santa Isabel	Jullho	Pombas
S. Sebastião	Janeiro	Sertã
S. António	Junho	Sertã
S. Pedro	Junho	Sertã

Tabela 4- Festas e Romarias da Freguesia da Sertã

Fonte: Adaptado de Lopes, 2013, p.360

2.2.1.4 Tradições e Costumes

Neste ponto serão abordadas as tradições e costumes mais relevantes da freguesia baseadas nas recolhas de Jaime Lopes Dias, conversas informais com habitantes locais e também segundo as minhas próprias memórias destes eventos.

No caso da bibliografia da autoria de Jaime Lopes Dias deve ressaltar-se o facto de apesar de nas referências bibliográficas estarem referidos os anos de 2002 e 2003, uma vez que são destes anos os livros utilizados, as primeiras publicações das recolhas deste autor remontam a 1962.

Na abordagem a esta temática verificaram-se duas situações que condicionaram o desenvolvimento deste ponto. A primeira tem que ver com a escassez de bibliografia específica sobre tradições desta freguesia em particular. A segunda está relacionada com a limitação

temporal que a própria elaboração do trabalho implica que inviabilizou a tentativa de realizar um levantamento aprofundado através de recolha de vídeos, depoimentos e realização de entrevistas.

Pelas razões enunciadas e também porque este projeto, apesar de referir as tradições existentes, está longe de se propor a atingir a profundidade de um trabalho de cariz etnográfico, far-se-á uma apresentação ilustrativa, mas sucinta, das tradições vigentes mais significativas.

Cantar as Janeiras - janeiro

A tradição de cantar as Janeiras mantém-se nos dias de hoje por toda a freguesia. Grupos de jovens ou pessoas mais velhas vão de porta em porta, nos primeiros dias de janeiro, entoando o cântico desejando um bom ano aos residentes da casa.

Na freguesia da Sertã existem dois grupos reconhecidos por manter viva esta tradição, os Escuteiros e a Banda Filarmónica da Sertã.

Fogueira de São João - junho

Em algumas aldeias da freguesia ainda é tradição na noite de São João acender uma fogueira comunitária.

Em alguns casos é frequente existir também nesta noite os típicos bailes tradicionais onde a população se junta em festa.

Sobre esta tradição Dias refere que:

Nas vésperas do dia de São João e de São Pedro queimam em Oleiros, em Proença-a-Nova e em Sertã, e em quase todas as povoações da Beira Baixa, rosmaninho em fogueiras acesas nas ruas, para que o cheiro e o fumo afugentem a bicharada que prejudica as pessoas, os animais, as casas e os campos. (2003, p. 80)

Também Jaime Lopes Dias refere outras tradições locais associadas ao culto a este santo padroeiro.

Em Outeiro da Alagoa (Sertã), queimam ruda, macela, alecrim verde sobre uma telha, e com o fumo esfumam as casas para evitar o horror das trovoadas, e os currais para que o mormo e a ronha não ataquem os animais. (2003, p.80)

Desfolhada do milho - agosto

Em agosto, depois do milho recolhido das terras, procede-se à sua desfolha. Normalmente esta atividade é realizada aos serões pelos vizinhos ou familiares que se juntam em casa uns dos outros entretendo-se nesta tarefa. Estes serões por norma são animados por conversas ou cantares.

Vindima - setembro

No mês de setembro nas zonas rurais da freguesia é a época da vindima. Apesar de não ser uma região muito conhecida pelos vinhos produzidos é comum entre as pessoas com hortas e terrenos o cultivo de uma vinha para posterior produção de vinho.

A produção do vinho nesta zona vem da própria filosofia de hospitalidade, em que sempre que existem visitas ou convidados, principalmente do sexo masculino, é comum a oferta de um copo de vinho da casa.

Também é frequente oferecer-se vinho quando alguém executa algum tipo de trabalho quer em casa, quer nas hortas dos donos da residência, como forma de reconhecimento do bom serviço prestado.

A prática da vindima é mais associada à mão de obra masculina, tal como os processos de fabrico do vinho que se seguem nos dias seguintes, que vão desde a pisa da uva, à fermentação, até à transfega (termo característico da região sinónimo de transferência) do vinho do lagar para os pipos.

A prova é feita, tradicionalmente, em novembro no dia de São Martinho.

Os Santos (Pedir os bolinhos) - novembro

Na freguesia da Sertã ainda está viva esta tradição. No primeiro dia de novembro, Dia dos Santos, as crianças juntam-se em grupos e vão de porta em porta “pedir os bolinhos” ou como também se costuma dizer “pedir os santos”.

À porta de cada casa as crianças dizem em coro “bolinhos, bolinhos em honra dos santinhos!”, sendo que os donos da casa devem oferecer algo ao grupo .

Segundo relatos de pessoas idosas, no seu tempo, as ofertas eram bens alimentícios como tremoços, grão, feijão, ou outro alimento excendentário que o proprietário pudesse dar.

Estes relatos corroboram com a recolha realizada por Jaime Lopes Dias na obra “Tradições e costumes da Beira” onde se pode ler que:

Na freguesia do Castelo (Sertã) bandos de crianças percorrem, no dia dos Santos, as povoações a pedir os Santos.(...)

Quase todas as casas de lavradores fazem os tradicionais “bolos das santos” de farinha de trigo e milho, ovos mel ou açúcar, canela erva-doce, para serem distribuídos, logo pela manhã, às crianças da casa. Aos estranhos dão geralmente tremoços, frua ou pão. (2003,p.110)

Ao longo do tempo a tradição de oferecer bens alimentícios foi sendo substituída pela oferta de dinheiro ou guloseimas.

A medida do atual governo, de eliminar este feriado religioso, poderá colocar em causa a continuidade desta tradição.

Apanha da azeitona - novembro

Relativamente a esta tradição, que remonta aos nossos antepassados, Lopes Dias descreve este momento da vida agrícola, numa linguagem muito poética:

O inverno aproxima-se, e quando a natureza parece entrar em letargo, quando os campos enregelados e tristes quase não têm que oferecer ao homem, começa a modesta oliveira, velho símbolo da paz, a mostrar as suas galas, a oferecer à Humanidade seus frutos verdes, arredondados, que em breve serão negros e brilhantes como puro azeviche.(...)

Geralmente no primeiro ou primeiros domingos de Novembro, lá estão homens e mulheres na casa dos respetivos patrões a escolher as escadas que os hão-de acompanhar pelos olivais, e a tomar conta das cirandas, das mantas ou toldos, e dos sacos onde hão-de apanhar e transportar a azeitona (2003,p.37).

Assim permanece na freguesia da Sertã, os olivais existentes e o vínculo da população local com a atividade agrícola permitiram que esta tradição se tenha mantido viva até aos nossos dias.

Nas aldeias onde residem elementos que apenas se dedicam à agricultura é comum existir uma dinâmica comunitária durante este período. Quando assim é, os vários habitantes da aldeia entreadjudam-se sendo que todos colaboram na apanha de azeitona uns dos outros. Esta filosofia, presente em várias aldeias, permite que não se gaste dinheiro a pagar a pessoas pelo dia de trabalho. Esta forma de troca de prestação de serviços permite que aqueles que são menos abastados possam também ter o seu azeite, pois de outra forma, não teriam capacidades económicas para suportar as despesas associadas à mão de obra.

Outra forma de realizar esta atividade é através do trabalho familiar em que todos os elementos mais próximos da família ajudam nesta tarefa.

Nos casos em que nem a entreadjudam nem o trabalho familiar é possível requisitam-se os serviços de pessoas habituadas a trabalhar no campo e paga-se por cada dia de trabalho.

Nesta tradição e em outras atividades agrícolas está patente uma certa filosofia sexista que considera a mão-de-obra masculina mais produtiva que a feminina e, por essa razão, o pagamento realizado aos homens é mais elevado do que o das mulheres.

Matança do Porco - dezembro ou janeiro

É bastante comum encontrar nas zonas rurais da freguesia da Sertã, famílias com animais como galinhas, coelhos, cabras e porcos. Esta produção tem sobretudo o objetivo de produzir carne para consumo próprio tal como leite e seus derivados. Associada à criação de animais está também a forma de proceder à sua matança que tem contornos especiais quando se trata de um suíno.

Nas pesquisas sobre a etnografia da Beira, Lopes Dias faz referência a este evento da vida rural e refere o caso particular da Sertã:

Costume velho da nossa província, todas as famílias que o podem fazer matam seu porco ou porcos nos meses de Inverno, geralmente em Dezembro e Janeiro.(...)

Em Outeiro da Alagoa (Sertã). Como em toda a Beira Baixa, é rara a família, que não mata, do Natal ao Carnaval, um ou mais suínos (conforme as suas posses).

A matança faz-se com a tradicional faca pontiaguda pelo matador ou por homem de casa, e o sangue é aparado num alguidar, coalhado e em seguida fervido.

Morto e limpo, o porco é dependurado e aberto para lhe tirarem todas as miudezas, fazendo a dona da casa os quinhões que é de uso oferecer a pessoas de família e vizinhos. (...)Concluídas estas operações, realiza-se a cachola, ceia para que são convidadas todas as pessoas da família e as de maior intimidade, onde se come e bebe, e reina grande alegria. (2003,pp.119-120)

Associada à matança dos animais existe uma forte crença de que as crianças não devem assistir a estes atos, pois a sua presença impede a morte rápida do animal e levando ao prolongamento do seu sofrimento. Apesar de não se encontrarem referências bibliográficas a esta superstição esta encontra-se bastante enraizada mesmo nos dias de hoje.

2.2.1.5 Património oral

Lendas

Na freguesia da Sertã existem algumas lendas, sendo a Lenda de Celinda, aquela que é considerada como mais conhecida e divulgada na região. Existem vários livros onde é possível ler esta lenda local, nomeadamente no livro do Padre António Lourenço Farinha, *A Sertã e o seu Concelho*, ou no livro de Jaime Lopes Dias, *Contos e Lendas da Beira*, neste último intitulando a lenda como “O Brasão da Sertã”. Em 2010 o município lançou um livro infantil com o objetivo de promover esta lenda local junto deste público.

Uma outra lenda com algum destaque na freguesia é a lenda da Nossa Senhora dos Remédios. Menos conhecida e para muitos desconhecida é a Lenda da Ribeira das Mouras da Sertã.

As lendas acima referidas podem ser lidas no anexo 2.

Rezas, Crenças e Superstições

Apesar de não serem tão conhecidas pelas camadas mais jovens, existem muitas rezas utilizadas pelas pessoas mais velhas em particular nas zonas rurais. Normalmente as rezas surgem associadas a problemas ou doenças que se tentam combater com o auxílio destas orações.

Jaime Lopes Dias procedeu ao levantamento deste costume da tradição na Beira sendo que no Anexo 3 - Rezas, Crenças e Superstições, é possível encontrar algumas delas.

Neste anexo foram transcritas rezas, orações e crenças que em alguns casos, apesar de já não serem muito utilizadas, permanecem vivas na memória das pessoas mais idosas.

2.2.2 Património Tangível

2.2.2.1 Património civil construído

Castelo

No site do Posto de Turismo da Sertã é possível aceder-se a alguma informação sobre este monumento. Quanto à sua origem pode ler-se que:

A tradição diz que o castelo de cinco quinas (algo raro no país) foi edificado pelo capitão romano Sertório, no ano de 74 a.C., e que fazia parte de uma rede de fortificações em volta da Serra da Estrela. Foi dentro das suas paredes que se desenrolou o episódio relatado pela famosa lenda da Celinda, em que esta intrépida mulher expulsou os

romanos, atirando sobre eles uma frigideira (sertage) com azeite a ferver. No entanto, escavações arqueológicas recentes concluíram que a sua ocupação inicial poderá remontar apenas ao período islâmico (séculos X e XI). (Turismo Sertã, s.d, em linha).

Na mesma fonte é referido que, ao longo dos séculos que se seguiram, o castelo entrou em ruína sendo que em 1936, por meio de subscrição popular, uma das torres do castelo foi reconstruída, assim como a Capela de São João Baptista.

De 1996 a 1998 o largo do castelo foi alvo de escavações arqueológicas das quais resultaram a descoberta de um celeiro, uma capela antiga, uma calçada datada dos séculos XV e XVI e cerâmicas árabes. Em 1999, o largo onde se encontra situado o castelo e o próprio monumento voltam a ser intervencionados. As obras da responsabilidade da Câmara Municipal levaram a efeito um projeto de requalificação de toda a área envolvente ao castelo. (Turismo Sertã, s.d, em linha).

As intervenções realizadas aos longo dos anos, são ainda nos dias de hoje, alvo de duras críticas pois como refere Lopes “Do castelo original, construído provavelmente pelos Mouros, nada resta atualmente, O que hoje se vê são reconstruções, pouco rigorosas, efetuadas em dois períodos diferentes do século XX (1936,1999)” (2013,P.23).

(Mais informações e imagem do castelo em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

Coreto

Este espaço construído em 1927 no largo da Igreja Matriz surgiu após uma subscrição pública de habitantes locais. Foi um espaço marcante da dinâmica cultural local nas décadas seguintes, uma vez que era neste sítio que a Banda Filarmónica União Sertaginense realizava os seus concertos diurnos ou noturnos muito apreciados pela população de então. (Turismo Sertã, s.d, em linha)

(Mais informações e imagem do coreto em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

Fonte da Boneca

De acordo com as informações recolhidas no site do Turismo da Sertã, inicialmente este espaço era designado por Fonte de São Pedro, no entanto, após obras de requalificação do espaço e zona envolvente, a população passou a designá-la de Fonte da Boneca, fazendo referência a uma escultura de mulher que foi colocada no topo da fonte. (Turismo Sertã, s.d, em linha)

Durante muitos anos este foi o único ponto de abastecimento de água da vila.

(Mais informações e imagem da fonte em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

Lagar de Vara

Situado na Alameda da Carvalha, este lagar é uma réplica do lagar de varas original que existia para a produção de azeite. (Turismo Sertã, s.d, em linha)

No presente, o lagar serve apenas para embelezar e enobrecer a zona e deixar como legado para o futuro sobre uma tradição característica da região.

(Mais informações e imagem do lagar em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

Ponte Filipina

Mais conhecida por Ponte da Carvalha, esta construção é um ícone da freguesia sendo muitas vezes usadas imagens da mesma para divulgação do concelho.

A ponte com cerca de 64 metros de comprimento é composta por seis arcos redondos de alvenaria de pedra. No site do posto de Turismo da Sertã pode ler-se que “O tabuleiro desenvolve-se em cavalete pouco pronunciado, quase horizontal de pedra. O sistema de reforço é composto por cinco talha-mares triangulares, a jusante”. (Turismo Sertã, s.d, em linha)

De acordo com Farinha, trata-se da ponte mais antiga da freguesia mas também do concelho. Segundo o mesmo autor, esta construção terá sido erigida no tempo dos Filipes. (1930, p.96)

No site do posto de Turismo da Sertã é possível obter mais informações sobre esta ponte:

Vulgarmente, conhecida por Ponte da Carvalha, Ponte Velha ou Ponte da Várzea, esta infra-estrutura foi construída durante o domínio Filipino, no século XVII, com o objetivo de, eventualmente, substituir uma outra ponte de origem romana existente nas imediações.(...) A ponte sempre assumiu uma importância fundamental e estratégica, sendo uma das portas de entrada na vila. Aliás, durante as invasões francesas, foi um dos locais utilizados pelos sertaginenses para se defenderem da entrada das tropas inimigas. (Turismo Sertã, s.d, em linha)

(Mais informações e imagem da ponte em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

Pelourinho

De acordo com Lopes (2013), o primeiro pelourinho da Sertã remonta ao século XVI, sendo que, desde a sua construção e durante os séculos seguintes nunca foi utilizado como patíbulo.

Após a revolução liberal de 1834 muitos pelourinhos foram destruídos por serem considerados elementos representativos da tirania do regime vigente até então. Por esta razão, em 18 de janeiro de 1874 o pelourinho da Sertã foi demolido. Alguns dos seus fragmentos foram guardados até ao ano de 1933, altura em que o governo decretou a classificação dos pelourinhos como imóveis de interesse público. Dois anos depois a Câmara Municipal iniciou as obras de reconstrução deste monumento ficando concluído no ano de 1937. (p.213)

O atual pelourinho situa-se no Miradouro Caldeira Ribeiro e de acordo com a mesma fonte é possível ler que:

Assenta em três degraus octogonais, com bastante altura, possuindo bordo superior boleado. O fuste desenvolve-se com as quinas ligeiramente chanfradas até ao capitel. Junto a este possui quatro fiadas de meias esferas bem salientes. O capitel tem secção quadrada com encordoamento a toda a volta. O remate em tronco de pirâmide de base quadrada apresenta quatro faces a esfera armilar, a Cruz de Malta, armas nacionais e

brasão de armas do concelho. Termina por um pináculo em pirâmide ligeiramente rinculado onde pousa uma esfera armilar em ferro (Lopes apud Sousa, 2013, p.213)

(Mais informações e imagem do pelourinho em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

Edifício dos Paços do Concelho

Segundo informações disponíveis no documento “Levantamento dos espaços patrimoniais do concelho da Sertã” disponível no fundo local da Biblioteca Padre Manuel Antunes, este edifício terá sido erigido em 1934 pelas mãos de Cassiano Branco, um dos arquitetos portugueses mais importantes da época. Neste documento, além da arquitetura exterior do edifício são também destacados algumas características no seu interior, designadamente os pilares centrais, os arcos e a escadaria. (Levantamento dos espaços patrimoniais do concelho da Sertã, sd., p.18)

(Mais informações e imagem do imóvel em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

2.2.2.2 Património religioso construído

Convento de Santo António

Segundo Lopes (2013), a construção deste edifício iniciou-se no dia 8 de julho de 1635 financiada por beneméritos do concelho.

Os religiosos do convento obtinham a sua base de sobrevivência através de esmolas oferecidas pelas pregações e sermões realizados no concelho.

Posteriormente, em 1772, os frades do convento começaram a dar aulas de latim e mais tarde alargaram as aulas para leitura e matemática, sendo por isso, neste período, um espaço de grande importância para a educação do concelho.

Em 1882, durante as lutas liberais, o convento foi usado como esconderijo de contestatários das causas miguelistas.

No ano de 1834 o governo decreta a extinção de ordens religiosas e o convento, na altura com sete frades, é encerrado.

Nos anos seguintes o edifício foi sendo habitado por vários civis e em 1920 a Câmara Municipal da Sertã adquire o imóvel de forma a sediar neste espaço o quartel da Guarda Nacional Republicana. Em 1995 a GNR abandona o espaço devido ao estado de degradação do edifício. Em 2010 foi obtida autorização pelas entidades competentes para a realização de um hotel neste imóvel sendo que as obras se iniciaram em 2012 e a inauguração do mesmo ocorreu em agosto de 2013. (pp.76-79)

(Mais informações e imagem do convento em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

Igreja Matriz

Este imóvel, considerado como de interesse público em 2003, está datado do século XV.

Lopes (2013) descreve a igreja matriz da seguinte forma:

O templo apresenta atualmente uma planta longitudinal composta por três retângulos justapostos. A fachada principal encontra-se dividida em dois registos (o primeiro cinge-

se a um portal de moldura retangular ladeado por colunas toscanas e o segundo a três janelas de moldura retangular), ao passo que no interior o corpo da igreja se divide em três naves, apartadas por quatro arcos torais quebrados, assentes com pilastras cruciformes. Lateralmente, a igreja compreende dois altares, dedicados a Nossa Senhora Do Rosário e ao Espírito Santo. (p.337)

A mesma fonte descreve a riqueza artística deste imóvel religioso composto por talha dourada barroca, tábuas tardo-maneiristas do “Pentecostes”, “Nascimento da Virgem”, “Anunciação”, entre outras.

(Mais informações e imagem da igreja em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

Capelas

A religião assume um papel importante na vida da freguesia e pelo número de capelas verifica-se a devoção existente aos diferentes santos padroeiros.

Na freguesia da Sertã existem, neste momento, dezasseis capelas. Sobre a maioria destes imóveis não foi detetada muita informação, sendo que os dados recolhidos se passam a apresentar na tabela que se segue.

Poderão ser consultadas imagens e informações adicionais sobre algumas das capelas no Anexo 1- Guia Turístico da Sertã.

Imóvel	Localização	Edificação	Informações de destaque
Capela de Santo Amaro	Sertã	Século XVI	-Retábulos em talha epi-maneirista de Gonçalo Prego -Frescos do século XVII nos altares colaterais
Capela de S. João Batista	Sertã- Largo do Castelo	Século XIII	- Primeira Igreja Matriz da Vila - Sofreu várias obras de restauro e reconstrução sendo que da capela original já só existem vestígios obtidos em escavações. -As obras da capela realizadas em 1936 foram financiada por habitantes locais emigrados em África.
Capela de São Sebastião	Sertã	Século XVIII	- Altar em talha dourada -Pinturas de brutesco no arco-mestre (danificadas)
Capela da Misericórdia	Sertã	Anterior a 1543	-Imóvel de interesse público -Templo de uma nave com dois altares laterais, duas sacristias. -Teto pintado com o brasão da Misericórdia -Paredes revestidas a azulejo figurativo, dividido em dois níveis, encimado por cornija de talha dourada -Retábulo em talha dourada com Cristo na cruz
Capela de Santo António	Sertã	Século XVII	-Interior revestido em azulejo do século XVII

Capela de N.ª Sra. da Conceição	Sertã	Século XVI	-Imóvel de Interesse Concelhio desde 2003 encontrando-se em avançado estado de degradação. Templo mandado construir por Francisco Ferraz foi adquirido ao longo dos anos por diferentes famílias tendo sido usado como sala de teatro durante alguns anos (antes de 1887).
Capela de S. Francisco	Marinha De Santo António	Ano 1952	Templo em ruínas mandado edificar por Angelo Henriques Vidigal na sua propriedade.
Capela de N.ª Sra. dos Remédios	Sra. dos Remédios	Indefinida	Os vestígios na construção e no espaço envolvente bem como alguns documentos existentes parecem indicar que esta igreja se encontra edificada sobre um antigo mosteiro templário. Vários autores referem que uma das muitas reconstruções que esta capela sofreu foi financiada por Nuno Álvares Pereira que aqui vinha rezar antes das batalhas.
Capela de N.ª Sra. da Saúde	Maxial da Estrada	Ano 1982	-Capela mandada edificar por subscrição dos habitantes locais
Capela de S. Facundo	Casalinho	Século XVI	-Templo situado no ponto mais alto do lugar Casalinho. -No seu interior existem imagens de S. facundo e Nossa Senhora.
Capela de S. Tiago	Codiceira	Ano 1950	- Capela construída por uma comissão de moradores da Codiceira.
Capela de S. Miguel	Calvos	Século XVI (data não comprovada)	---
Capela de S. Lucas	Outeiro da Lagoa	Século XVI	As reparações do edifício foram asseguradas pela população local.
Capela da Rainha Santa Isabel	Pombas	Ano 1956	Capela construída através da união de esforços dos habitantes da freguesia da Sertã
Capela S. João	S. João do Couto	1ª metade do século XX	Construção financiada por um benemérito (desconhecido). As romarias realizadas a esta capela até á década de 80 foram financiadas por cidadãos mais abastados.
Capela de N.ª Senhora da Nazaré (antiga)	Amioso	Entre os séculos XVIII-XIX	- Templo em ruínas
Capela de N.ª Senhora da Nazaré (nova)	Amioso	1974	- Templo construído através dos esforços dos habitantes locais consequência do templo antigo entrar em estado de degradação.

Tabela 5-Património Religioso Edificado: Capelas da freguesia da Sertã

Fonte: Adaptado de Lopes, 2013, pp.350,353, p.381

3. Espaços e Equipamentos Culturais e Desportivos

Na freguesia da Sertã é possível encontrar espaços que beneficiam quer residentes do concelho, quer visitantes ou turistas.

Neste ponto serão apresentados os equipamentos culturais e desportivos existentes na freguesia em estudo.

3.1 Espaços e Equipamentos Culturais

Biblioteca Padre Manuel Antunes

Segundo informações recolhidas no site da Biblioteca Padre Manuel Antunes, desde 1996 que a freguesia conta com uma biblioteca, durante os primeiros seis anos este espaço esteve sob organização e financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e instalada no rés-do-chão do edifício dos Paços do Concelho.

A partir de 2002 a biblioteca passa a estar sob alçada da Câmara Municipal. Em 2007 é transferida para a antiga Casa dos Magistrados (projeto de Cassiano Branco, 1941), o imóvel foi reabilitado para o efeito sendo atualmente composto por três pisos. Situada no centro da vila, na Avenida Gonçalo Rodrigues Caldeira, a Biblioteca Padre Manuel Antunes é composta por três áreas funcionais. No rés-do-chão encontra-se a receção e espaço de exposições. Neste espaço estão exibidas com regularidade (mensalmente) exposições de artesanato, pintura, fotografia, entre outras. No primeiro piso encontra-se a sala de leitura geral, destinada ao público adulto, onde também é possível aceder a um espaço multimédia.

O último piso é reservado ao espaço infante-juvenil e conta igualmente com um espaço multimédia, um espaço de audiovisuais (Biblioteca Padre Manuel Antunes, sd, em linha).

Esta biblioteca é responsável por uma parte considerável de atividades de cariz cultural que ocorrem na freguesia e que também atraem visitantes à zona. Um bom exemplo disso é a “Maratona da Leitura- 24 horas a ler” na qual são passadas 24 horas consecutivas a ler, esta atividade inédita no nosso país, tem sido alvo da atenção de diversos meios de comunicação que têm vindo a acompanhar o evento ao longo das suas edições.

Casa de Espetáculos e da Cultura da Sertã

Este equipamento cultural, inaugurado em 24 de junho de 2004, dispõe de uma lotação de 243 lugares acolhendo com alguma frequência concertos, peças de teatro, workshops, exposições. Neste espaço encontra-se também sediado o posto de turismo da Sertã.

(Mais informações e imagem deste equipamento cultural em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

Clube da Sertã

De acordo com as informações recolhidas no site do Posto de Turismo da Sertã, o edifício do Clube da Sertã terá sido iniciado em 21 de abril de 1913. A planta do edifício deve-se ao almirante Tasso de Figueiredo. A 25 de julho de 1915 foi inaugurado este imóvel que passou a albergar o Teatro Tasso em homenagem ao ator Tasso de Figueiredo (tio de Tasso de Figueiredo). Além do Teatro Tasso este edifício passou a albergar a sede do Grémio Certaginense,

coletividade que na época mobilizava os seus associados em torno de atividades de cultura e recreio.

Na década de 1930 o edifício sofre reestruturações de forma a possibilitar a projeção de filmes. Nas décadas seguintes o espaço voltou a sofrer intervenções de melhoramento (Turismo Sertã, sd, em linha).

Atualmente este espaço continua a ser a sede da associação com o mesmo nome que dinamiza uma série de atividades de cariz cultural e desportivo. A nível cultural esta associação apoia uma academia de música onde é possível aprender piano, bateria, contrabaixo, guitarra, canto e danças de salão. A nível desportivo esta associação tem um núcleo de pesca desportiva. O clube da Sertã é dotado de uma biblioteca com algumas centenas de volumes e um pequeno museu. De acordo com o Roteiro dos Museus e Espaços Museológicos da Região Centro:

O Museu é constituído por um conjunto de peças muito diversificadas: animais em clorofórmio e embalsamados, carcaças de diferentes animais, artefactos arqueológicos, armas de caça oriundas de África, esculturas africanas em pau-preto, cerâmica, azulejaria, trajo, numismática, notafilia e utensílios antigos diversos. (Faria, 2010, p.293)

Atualmente neste edifício funciona também um bar onde ocorrem frequentemente espetáculos de música ao vivo. No clube da Sertã é possível assistir a filmes, peças de teatro e outros espetáculos de cariz cultural.

(Mais informações e imagem deste equipamento cultural em Anexo 1- Guia Turístico da Sertã).

3.2 Espaços e Equipamentos Desportivos

Ao nível dos espaços e equipamentos desportivos destacam-se na freguesia o Campo de Jogos Doutor Marques dos Santos, o Pavilhão Municipal Gimnodesportivo e as Piscinas Municipais. O primeiro equipamento referido trata-se de um campo relvado para a prática desportiva de futebol onde está sediada a equipa do Sertanense Futebol Club.

O Pavilhão Municipal Gimnodesportivo trata-se de um equipamento desportivo com capacidade para várias práticas desportivas, nomeadamente futebol de salão, basquete, ginástica, entre outras.

No que diz respeito à Piscina Municipal é um equipamento relativamente recente, aberto ao público desde setembro de 2009, dotado de um tanque desportivo semiolímpico com 25 m com 6 pistas e um tanque de iniciação com 12,5 m x 8 m. A par do espaço destinado a práticas desportivas em meio aquático, tais como hidroginástica, natação, polo aquático, este equipamento tem ainda um ginásio e uma sala onde são praticadas inúmeras modalidades desportivas nomeadamente, yoga, zumba, cycling, aeróbica, entre outras.

4. Grupos Culturais locais

4.1 - Grupos culturais - Grupos Musicais e Músicos

Em termos de grupos musicais pode dizer-se que a Sertã tem sido, ao longo dos anos, uma terra de música e de músicos. Esta situação atípica para uma vila do interior do país suscitou o interesse por parte de alguns meios de comunicação tendo sido inclusivamente alvo de uma reportagem em 2011 por parte da Antena 1 “Sertã, a música fica no meio”.

A música representa um papel tão importante nas dinâmicas culturais do concelho e na própria freguesia que na referida reportagem a Sertã é designada como um “viveiro de músicos” onde é “rara a família que não tenha alguém que execute um instrumento ou cante numa banda”.

Os grupos que se vão descrever a seguir, de forma sucinta, são compostos por um ou mais músicos da freguesia.

Filarmónica União Sertaginense

Fundada em 1830 a Filarmónica União Sertaginense, mais conhecida por FUS, tem revelado ser ao longo dos seus anos de existência, um verdadeiro espaço de formação de jovens músicos no concelho uma vez que grande parte dos músicos da região passou por esta casa.

Os dois executantes mais antigos da banda neste momento são José Brito como Tubista e António Serrano como Trombonista. (Antena 1,2011)

Frente 704

Banda de Hip Hop, única a tocar este estilo musical na freguesia. É composta por quatro jovens que abordam temas sociais relacionados com a vida em meio rural. (Antena 1, 2011)

FUS Big Band

Trata-se de uma fusão de alguns músicos da Banda Filarmónica União Sertaginense com músicos de outros grupos musicais da Sertã designadamente, Miguel Calhaz e Rui Martins.

A FUS Big Band, tal como o nome indica, atua no estilo das Big Band Jazz. (Antena 1,2011)

Grupo Coral do Sertanense Futebol Clube

De acordo com Lopes (2013) este grupo foi fundado em 2008 e desde então conta com um vasto repertório e atuações em Portugal e no estrangeiro (p.437).

Human Origami

Trata-se de uma banda rock composta por cinco jovens. A particularidade deste grupo é ser composto exclusivamente por elementos do sexo feminino que tocam desde bateria, a guitarra e baixo elétrico. A banda Human Origami foi criada em janeiro de 2011 tendo já composto alguns temas originais. Nos seus concertos além das músicas originais tocam também covers de temas míticos de bandas rock. (Antena 1, 2011)

Popxula

Este grupo criado em 1987 é composto por Fernando Fachada, Miguel Calhaz, Pedro Bargão, Rui Martins e Marco Figueiredo. Assumiu-se inicialmente como banda de Rock and Roll foi criando o seu próprio estilo através de várias influências designadamente ao nível do rock, jazz, música tradicional portuguesa.

Lopes (2013) afirma que “Depois de inúmeros concertos, da edição de uma demo e de aparições em programas de televisão, a banda lançou o seu primeiro álbum “Quem?” em 2013 (p.437).

Esta banda é considerada um ícone da cultura local sendo que as suas atuações mobilizam sempre grupos de fãs de diferentes faixas etárias. (Antena 1, 2011)

Quartinto

Trata-se de um quarteto composto por Marco Crisóstomo no violino, Rui Martins na guitarra acústica, Ricardo Barbosa no oboé e Miguel Calhaz no contrabaixo e voz.

Esta banda interpreta essencialmente música de intervenção e música tradicional portuguesa às quais aplica arranjos inovadores ao utilizar instrumentos de orquestra na sua interpretação. (Antena 1, 2011)

Rockabilly

Este grupo composto por três elementos, Rui Martins, Miguel Calhaz e Fernando Fachada tocam música rock and roll, música dos anos 50. (Antena 1, 2011)

Soul Brothers Empire

Trata-se de uma banda fundada em 2008 que toca essencialmente música Reggae e temas originais também neste estilo. Composta por quatro elementos já atuaram em vários festivais/eventos destacando-se o Avante ou a Semana Académica de Coimbra tendo igualmente vencido vários concursos de bandas. (Antena 1, 2011)

Still

Banda composta por quatro elementos masculinos tocam covers de temas míticos de bandas rock. (Antena 1, 2011)

Trilhos- Novos caminhos da guitarra portuguesa

Grupo criado no ano de 2003 apresenta temas dentro do género musical worldmusic com uma fusão de música tradicional portuguesa e o jazz.

A grande inovação deste grupo passa por utilizar a guitarra portuguesa num registo diferente do fado onde habitualmente é utilizada em harmonia com os restantes instrumentos criando uma sonoridade única.

Os Trilhos já atuaram em conceituados palcos portugueses mas também no estrangeiro nomeadamente na Rússia e Cabo Verde.

Esta banda é composta por Marco Figueiredo no Piano, Rui Vinagre na guitarra portuguesa, Miguel Calhaz no contrabaixo e Joaquim Teles -Quiné na percussão. A originalidade e qualidade musical dos Trilhos, viu-se reconhecida em 2011 aquando da atribuição do prémio do concurso do Santander Totta, onde se valorizavam novos valores da música portuguesa e novas sonoridades.

Marco Figueiredo

Reconhecido entre os melhores pianistas portugueses da atualidade, participou no álbum de tributo a Carlos Paredes ao lado de músicos como Carlos Bica, Mário Laginha e António Pinho Vargas.

Marco Figueiredo, faz parte de várias bandas locais já referidas, tendo participação em outras bandas nacionais como Heart of Trio, Latin Groove ou Isabel Ventura Quarteto.

Este pianista tem também trabalhos a solo dos quais já resultaram dois álbuns.

Em 2008 lança o álbum “Outras viagens” e em 2011 “Fotografia”.(G Produções Culturais, 2012, em linha)

Miguel Calhaz

Miguel Calhaz é um músico freelancer, cantautor e contrabaixista que lançou em 2013 o seu álbum de estreia a solo "Estas Palavras" com o apoio da Antena 1.

Este músico venceu em 2011 o Prémio José Afonso (melhor canção original) no 3º Festival Cantar Abril em Almada com o tema "Estas Palavras".

Na página oficial do músico pode ler-se:

Participou em espectáculos de tributo a Zeca Afonso, Sérgio Godinho e Fausto com as formações "Os Cantautores" e "Emboscadas". Foi Músico convidado da formação "Danças Ocultas" e do cantautor Zeca Medeiros. Participou na primeira edição da Festa do Jazz no Teatro S. Luis em Lisboa, tocou nas comemorações do 10 de Junho no Centro Cultural Português na Cidade da Praia (Cabo Verde), Casa da Música, Teatro Rivoli (...)

Participou nos discos "Trilhos-Novos Caminhos da Guitarra Portuguesa", "Os Cantautores" (tributo a Zeca Afonso, Sérgio Godinho e Fausto), "Raíz" (do projecto com o mesmo nome), "Cordis" e "Outras Viagens" do pianista Marco Figueiredo. (Miguel Calhaz, sd., em linha).

4.2 Grupos Culturais - Teatro

O teatro marca a vida cultural da Sertã desde a década de 80 do ano de 1800, altura em que alguns habitantes locais começaram a apresentar peças de cariz amador através da Sociedade Instrução e Recreio, considerada a primeira companhia de teatro do concelho.

Existem registos que confirmam que no ano de 1892 a companhia era essencialmente formada por jovens da Sertã. Ao longo das décadas seguintes novas companhias surgiram e outras se extinguiram tal como os espaços de ensaios e apresentação. Normalmente estes grupos bem como as plateias dos seus espetáculos eram compostos pela aristocracia local.

A inauguração do Teatro Tasso (1915) trouxe o período áureo do teatro na freguesia que durou até à década de 40 tendo depois entrado num período de inatividade.

Em 1955 volta a surgir um novo grupo “Grupo Cénico de Amadores da Sertã que apenas durou cerca de quatro anos.

As décadas seguintes forma marcadas pela criação e extinção sucessiva de grupos de teatro amador. (Lopes, 2013, pp.438-445)

Companhia de Teatro da Sertã A.com.te.ser

Atualmente a Sertã conta com uma companhia de teatro. Esta academia fundada em 2011 é composta por 15 elementos sendo liderada por Zélia Machado. Desde a sua fundação o grupo já

levou ao palco duas encenações, “A Maluquinha de Arroios” (setembro 2011) e “Dama das Camélias” (outubro 2012). (Lopes, 2013, p.445)

4.2 - Grupos desportivos

Selinda BTT

De acordo com o site oficial da Selinda BTT, trata-se de uma associação, criada em 2003, sediada na freguesia da Sertã composta por habitantes do concelho. Esta associação sem fins lucrativos tem como objetivo promover o BTT da região através da organização de passeios e provas nesta modalidade desportiva. (Selinda BTT, 2013, em linha)

Sertanense Futebol Clube

Clube fundado em 11 de março de 1934 por Casimiro Farinha, Crispim Casimiro, Mário Florim e Manuel António. Este clube veio colmatar uma falha no campo do desporto sentida não só na freguesia como no concelho da Sertã. (Lopes, 2013, pp.477-478)

No presente a equipa conta com jogadores locais, nacionais e estrangeiros.

4.3 - Associações e Coletividades

Associação/ Coletividade	Local	Fundação
ACRAMIOSO- Associação Cultural e Recreativa do Amiso	Amioso	2004
Associação da Nossa Senhora da Penha de França	Passaria	2002
Associação de Caça e Pesca da Sertã	Sertã	1997
Associação Desportiva do Outeiro e Calvos	Outeiro da Lagoa	1998
Associação para Desenvolvimento, Apoio Social e Recreativa de Verdelhos	Verdelhos	2007
Associação Recreativa, Cultural e Desportiva do Alcainho	Aldeia da Ribeira	1998
Associação Recreativa, Cultural e Desportiva do Maxial e Maxialinho	Maxial da Estrada	---
Associação Recreativa, Cultural e Desportiva do Vale Porco	Vale Porco	---
Associação Selinda BTT	Sertã	2007
Clube Cultural, Recreativo e Desportivo S. Tiago	Codiceira	---
Grupo Desportivo de São Domingos	Serra de São Domingos	---
Sertanense Futebol Clube	Sertã	1934

Tabela 6- Associações e Coletividades na Freguesia da Sertã

Fonte: adaptado de Lopes, 2013, pp.484, 485

5. Caracterização da oferta turística

Para além de todos os elementos do património natural e cultural da freguesia, apresentados anteriormente, que funcionam como um recurso para o turismo da região, existem também produtos e serviços criados com o objetivo de enriquecer a experiência de quem visita esta zona do país.

Os pontos que se seguem viam esclarecer quais os produtos e serviços que a Sertã oferece aos seus visitantes e turistas designadamente ao nível da animação turística, do alojamento e da restauração.

5. 1- Visitas guiadas, percursos e geocaching

Atualmente o Posto de Turismo da Sertã disponibiliza uma série de atividades e serviços direcionados para visitantes ou turistas que se desloquem à região nomeadamente:

- Circuitos temáticos
- Visitas guiadas pelo concelho

É possível encontrar também inúmeros percursos pedestres em várias freguesias do concelho, dos quais se destacam aqueles que dizem respeito à freguesia da Sertã:

- Rota dos Aromas e Sabores
- Rota de Celinda

No concelho existem também vários pontos de Geocaching na freguesia da Sertã designadamente: Alameda da Carvalha; Capela de Santo António; Igreja Matriz de S. Pedro; Castelo da Sertã

5.2 Alojamento e Restauração

Na freguesia da Sertã é possível ficar hospedado em unidades de alojamento distintas que variam quer em termos de preço, quer em termos de conceito.

Relativamente ao alojamento da região pode ler-se no Plano Estratégico do Concelho da Sertã:

Segundo dados disponíveis no “INE” para o ano de 2001, o Concelho da Sertã dispõe de quatro estabelecimentos hoteleiros com capacidade de alojamento para 166 hóspedes, assegurados por 100 quartos. A estada média dos hóspedes nos estabelecimentos hoteleiros do Concelho, no ano em causa, foi de 1,6 noites, totalizando 8.154 hóspedes e 13.136 dormidas, tendo a taxa de ocupação sido de 24%, nesse ano. (CMS,2007,p.56)

Na freguesia em particular as unidades de alojamento existentes são: Casal da Cortiçada; Convento da Sertã Hotel; Hotel Larverde

Restauração

Um dos fatores que caracteriza a procura turística é a gastronomia que a região oferece. Associada à gastronomia estão sempre os restaurantes que a representam e através dos quais turistas ou visitantes degustam as iguarias locais. Na Sertã é possível encontrar vários restaurantes com a gastronomia da região designadamente: A Paragem do motorista; A Taskinha; Aurélio; O Regional; O Terminal; O Vilaça; Pic-Nic; Ponte Romana; Ponte Velha; Rotunda Doce; Santo Amaro.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

1. Análise dos resultados obtidos com aplicação de inquéritos por questionário

1.1 Caracterização da população inquirida

O objetivo da aplicação deste questionário foi analisar a recetividade dos inquiridos em participar num projeto de animação patrimonial e verificar as suas opiniões relativamente a questões relacionadas com o turismo da região.

Foram aplicados 122 inquéritos correspondentes a 2% da população total da freguesia composta por 6196 habitantes. Realizaram-se 64 inquéritos a pessoas do sexo feminino, correspondentes a 2 % do universo de 3250 que habitam a freguesia e 58 inquéritos a pessoas do sexo masculino, ou seja, 2% do universo total composto por 2946 indivíduos. Ao longo da análise de resultados será realizada uma comparação de respostas entre géneros de forma a compreender se existe uma divergência de opiniões entre os elementos de sexo masculino e feminino. Será igualmente feita uma análise às respostas de acordo com outras variáveis designadamente, habilitações literárias e faixa etária.

Os dados serão apresentados através de gráficos de barras e colunas de forma a facilitar a leitura e compreensão dos resultados obtidos. Sempre que necessário e de forma a facilitar a comparação entre resultados os valores obtidos serão apresentados sobre a forma de valores percentuais.

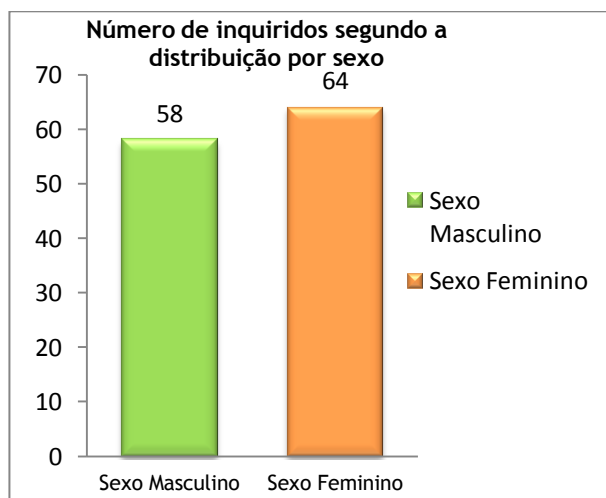


Gráfico 1- Número de inquiridos segundo a distribuição por sexo

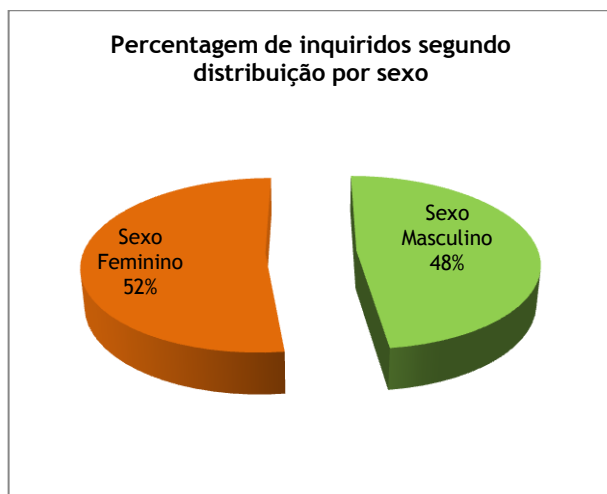


Gráfico 2- Percentagem de inquiridos segundo distribuição por sexo

As idades dos participantes situaram-se entre os 18 e os 88 anos de idade como se pode verificar no gráfico 3. O grupo etário que compreendia idades entre os 25 e os 34 anos foi o que obteve maior registo de participantes contando-se, neste grupo, 27 indivíduos (22,1%). A faixa etária entre os 35 e os 44 anos de idade registou 26 inquiridos (21,3). Com idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos foram inquiridos 21 indivíduos (17,2%). As faixas etárias entre 18 e 24 anos e 55 e 64 anos registaram cada uma a participação de 20 sujeitos (16,4%). A faixa etária a partir dos 65 anos foi a que registou um menor número de participantes sendo composta por 8 elementos (6,6%).

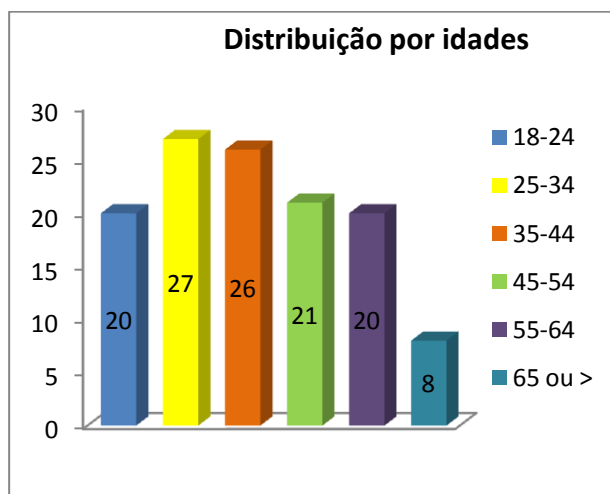


Gráfico 3- Distribuição dos inquiridos por faixas etárias

No que respeita à distribuição de faixas etárias por sexo, verifica-se que o grupo etário entre os 18 e os 24 anos contou com a participação de 11 elementos femininos e 9 masculinos. A faixa etária dos 25 aos 34 anos foi composta por 17 indivíduos do sexo feminino e 10 do sexo masculino, sendo assim a faixa com maior discrepância de participação entre géneros com uma diferença de 7 elementos entre os dois grupos. Dos 35 aos 44 anos foram inquiridas 15 mulheres e 11 homens. No que diz respeito ao grupo com idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos verificou-se a participação de 10 elementos femininos e 11 masculinos. A faixa etária dos 55 aos

64 anos registou a participação de 7 mulheres e 13 homens. O grupo com 65 ou mais anos contou com a participação de 4 elementos femininos e 4 masculinos

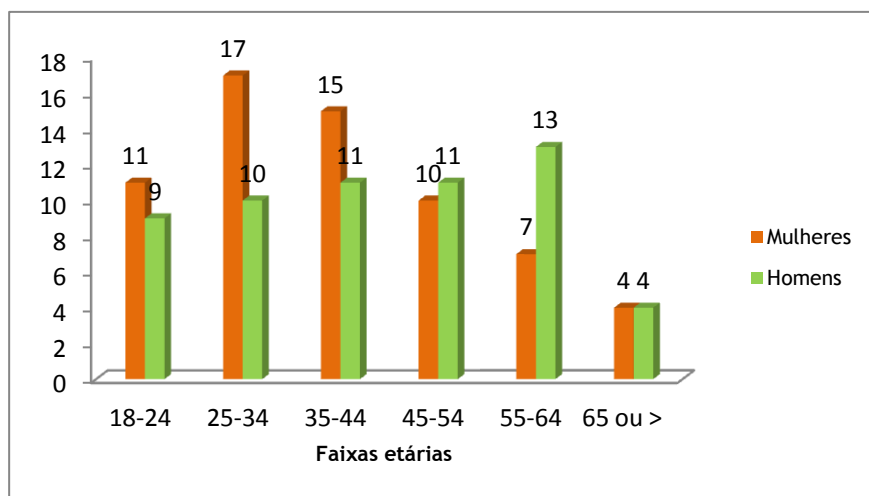


Gráfico 4- Distribuição dos inquiridos por sexo e faixas etárias

No que diz respeito às habilitações literárias apenas 1 pessoa (0,8%) do sexo feminino não apresentava escolaridade. Com frequência no 1º ciclo foram inquiridos um total de 15 sujeitos (12,3%) sendo 6 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Com frequência no 2º ciclo registaram-se 8 indivíduos (6,6%), sendo 3 do sexo feminino e 5 do masculino. Quanto ao 3º ciclo foram inquiridas 26 pessoas (21,3%), sendo 12 mulheres e 14 homens. O grupo do ensino secundário foi o que registou uma maior número de sujeitos sendo 29 do sexo feminino e 18 do sexo masculino, perfazendo um total de 48 inquiridos (38,5%). Quanto a elementos com grau académico de nível superior registou-se a participação de 25 elementos (20,5%), 13 do sexo feminino e 12 do sexo masculino.

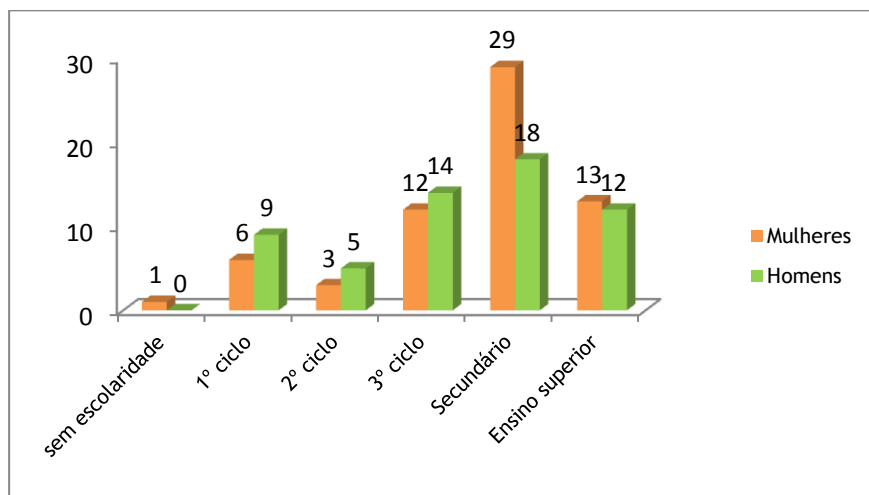


Gráfico 5- Distribuição dos inquiridos por sexo e habilitações literárias

1.2 Dados recolhidos e considerações sobre os mesmos

Para a apresentação dos dados recorreu-se, predominantemente a gráficos sendo que a sua sequência será análoga à ordem das questões apresentadas no questionário.

Como já foi referido, sempre que se considerar pertinente, serão analisadas diferentes variáveis na mesma questão nomeadamente, género dos inquiridos, idade e habilitações literárias. Segue-se o enunciado de cada questão, os respetivos resultados e uma breve apreciação dos dados obtidos.

Questão 1- Auto avaliação de conhecimentos sobre o património cultural e natural da região.

Na primeira questão tentou verificar-se o modo como os participantes no estudo se autoavaliavam em termos de conhecimentos relativamente ao património natural e cultural da região.

Dos 122 inquiridos apenas 1 (0,8%) respondeu que considerava não ter conhecimentos sobre o tema. Consideraram ter, poucos conhecimentos, 20 inquiridos (16,4%). Registando 86 elementos (70,5%), a opção alguns conhecimentos, foi aquela que abarcou um maior número de inquiridos. Foram registadas 15 pessoas (12,3%) que consideraram ter muitos conhecimentos sobre o património cultural e natural da região.

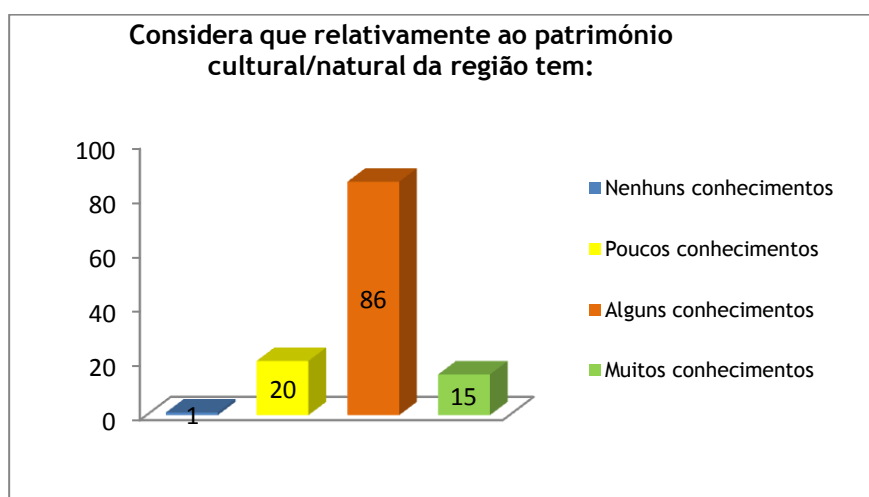


Gráfico 6- Questão 1: Auto avaliação de conhecimentos sobre o património cultural e natural da região

Quanto ao nível de conhecimentos por sexo verifica-se que ambos os sexos, na sua maioria, consideram ter “alguns conhecimentos”. Do sexo feminino foram obtidas 49 respostas neste sentido, já no sexo masculino foram obtidas 37 respostas. Nas restantes opções o sexo masculino apresenta valores mais elevados do que o sexo feminino. A opção “ nenhuns conhecimentos” contou apenas com uma respostas do sexo masculino. No que respeita a “poucos conhecimentos” 9 elementos do sexo feminino e 11 do masculino escolheram esta opção. Do total dos 122 inquiridos apenas 15 consideraram ter muitos conhecimentos sobre o tema, sendo que 6 foram do sexo feminino e 9 do masculino.

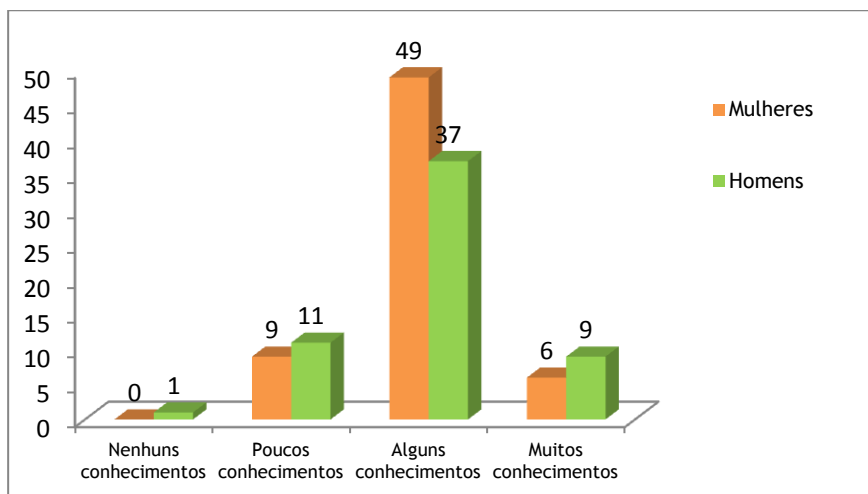


Gráfico 7- Questão 1: Auto avaliação de conhecimentos sobre o património cultural e natural da região por sexo

Passemos agora à análise dos resultados de acordo com o nível de escolaridade dos inquiridos. Neste caso é possível verificar que a opção mais selecionada “alguns conhecimentos” totalizou 86 respostas sendo estas distribuídas da seguinte forma, 1 inquirido não tinha escolaridade, 8 frequentaram o 1º ciclo, 4 o 2º ciclo, 19 o 3º ciclo, 36 o ensino secundário e 18 o ensino superior. A segunda preferência dos inquiridos incidu na opção “poucos conhecimentos” com um total de 20 respostas, sendo as mesmas distribuídas da seguinte forma, 4 pessoas com frequência no 1º ciclo, 2 com habilitações ao nível do 2º ciclo, 4 com frequência no 3º ciclo, 7 com habilitações ao nível do ensino secundário e 3 com formação académica superior. A terceira opção mais selecionada “muitos conhecimentos” foi selecionada por 2 inquiridos com habilitações ao nível do 1º ciclo, 2 ao nível do 2º ciclo, 3º ao nível do terceiro ciclo e quatro quer para o ensino secundário quer para o ensino superior. A opção “ nenhuns conhecimentos” foi apenas selecionada por um inquirido com escolaridade ao nível do ensino primário.

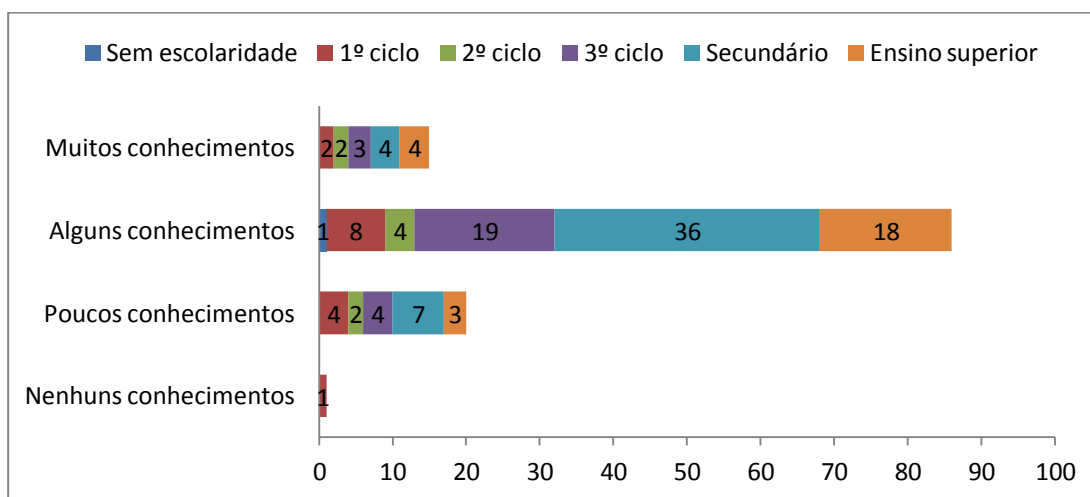


Gráfico 8- Questão 1: Autoavaliação de conhecimentos sobre o património cultural e natural da região de acordo com as habilitações literárias

O gráfico que se segue permite analisar a distribuição percentual das respostas dentro de cada nível de habilitação literária, compreendendo assim, qual o grupo que considera possuir mais ou menos conhecimentos. O grupo que considera ter mais conhecimentos corresponde aos inquiridos

com habilitações ao nível do 2º ciclo tendo somado nesta opção 25% das respostas obtidas dentro deste grupo. O segundo grupo que considera possuir mais conhecimentos diz respeito aos indivíduos com habilitações ao nível do ensino superior. É possível verificar que todos os grupos têm o maior valor percentual na opção “alguns conhecimentos”. É importante ressaltar que os 100% obtidos ao nível dos inquiridos sem escolaridade diz respeito apenas a 1 resposta, sendo importante analisar o gráfico tendo em consideração esta situação excecional. Um total de 77% de inquiridos com habilitações ao nível do ensino secundário considerou estar neste patamar de conhecimentos. Os inquiridos com habilitações ao nível do 3º ciclo e ensino superior apresentaram valores muito próximos totalizando 73% e 72%, respetivamente, nesta opção. Quanto aos que consideraram ter poucos conhecimentos, verifica-se um aumento do número de respostas neste sentido quanto menores são as habilitações literárias (com exceção dos valores do 3º ciclo e ensino secundário que são iguais). Com a menor percentagem (12%) encontram-se os indivíduos com habilitações académicas ao nível do ensino universitário. Tanto os participantes com habilitações ao nível do ensino secundário como ao nível do 3º ciclo apresentaram cada um 15% de inquiridos que consideraram ser dotados de poucos conhecimentos. Com 25% de inquiridos que consideraram ter poucos conhecimentos encontram-se os participantes com estudos até ao 2º ciclo, seguidos pelos inquiridos com habilitações ao nível primário que totalizam 27% de indivíduos com esta auto percepção ao nível dos seus conhecimentos. Quanto ao total de inquiridos apenas 7% (1 elemento) considerou não ter qualquer tipo de conhecimentos. Esta percentagem foi apenas verificada ao nível dos inquiridos com habilitações de 1º ciclo.

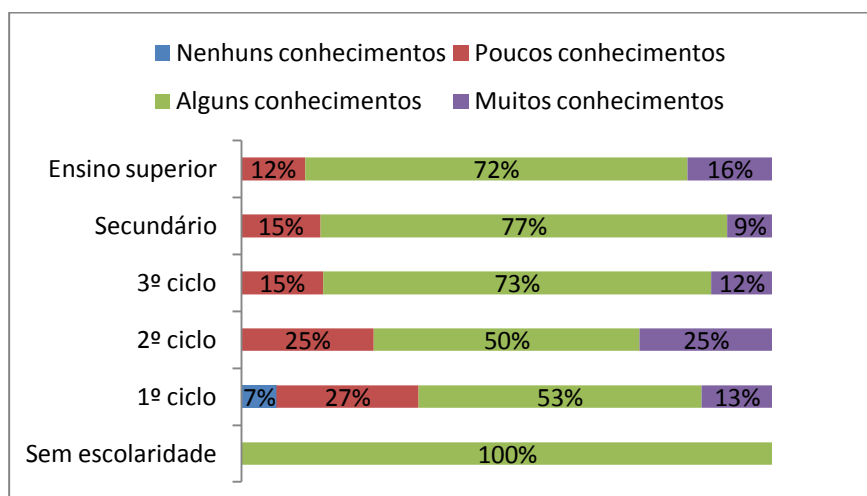


Gráfico 9- Questão 1: Distribuição percentual da autoavaliação de conhecimentos de acordo com as habilitações literárias

Quanto às respostas obtidas por faixas etárias é possível verificar que em todos os grupos a maior percentagem de respostas se centra na opção “alguns conhecimentos” com variações entre os 37,5% e os 76%. O grupo que considera ter mais conhecimentos é aquele cuja faixa etária corresponde aos 65 ou mais anos (25%), no entanto, é também neste grupo que se verifica uma maior percentagem de indivíduos que consideram ter poucos ou nenhuns conhecimentos nesta matéria, 25% e 12,5%, respetivamente.

É interessante verificar que a seguir a este grupo etário são os mais jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, que consideram possuir maiores níveis de conhecimentos no que diz respeito ao património cultural e natural da região (15%).

A faixa etária dos 45 aos 54 anos é a que apresenta a terceira maior percentagem ao nível da opção “muitos conhecimentos”. É neste grupo que também se verifica uma menor percentagem de indivíduos que consideram ter poucos conhecimentos (10%).

As faixas etárias dos 25 aos 34 anos (11%) e dos 55 aos 64 anos (10%) apresentaram valores percentuais muito próximos ao nível da opção “muitos conhecimentos”.

O grupo de indivíduos com idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos foi aquele cujo resultado das respostas apresenta a menor percentagem ao nível da opção “muitos conhecimentos” totalizando 8% de respostas neste sentido.

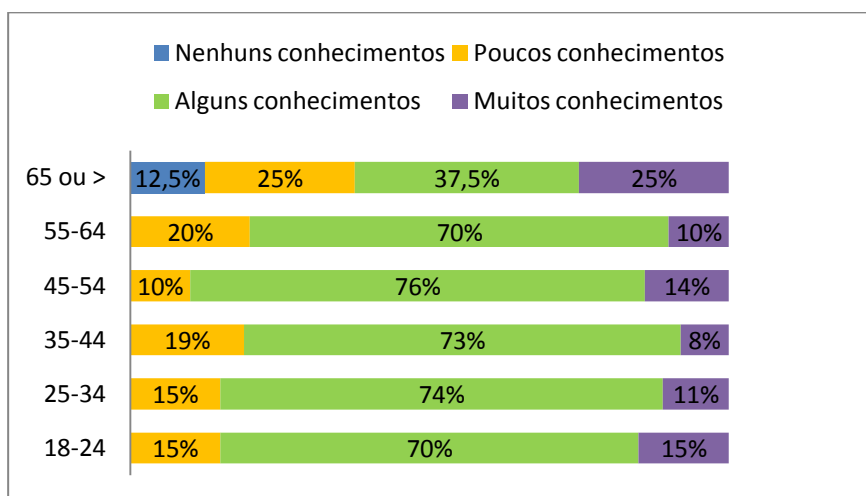


Gráfico 10- Questão 1: Distribuição percentual da autoavaliação de conhecimentos de acordo com as faixas etárias

Questão 2- Áreas de conhecimentos

Na questão 2 os inquiridos tiveram oportunidade de selecionar a área ou áreas relativas ao património local sobre as quais consideravam ter maior conhecimento. Os 122 inquiridos apresentaram um total de 327 respostas, verificando-se assim que em média, cada indivíduo escolheu duas ou mais opções de resposta. Das opções apresentadas, a “gastronomia” foi a que deteve maior número de respostas, sendo que 100 (82%) dos 122 inquiridos selecionaram esta opção. A segunda opção mais escolhida foi a que dizia respeito ao folclore, com 50 respostas (41%) verificando-se no entanto, uma distância bastante significativa em questões numéricas e percentuais da 1ª opção relativa à gastronomia. Apenas com menos uma resposta seguiu-se a opção “património natural” com 49 inquiridos (40,2%) a apontar ter conhecimentos sobre o mesmo. As áreas do património que obtiveram resultados inferiores foram as que diziam respeito ao “artesanato” e ao “património construído” com 27 (22,1%) e 28 (23%) respostas respetivamente.

Nos níveis intermédios situaram-se as opções de “história local” com 38 respostas (31,1%) e “lendas, cantares, rezas e mezinhas” com 35 (28,7%) respostas.

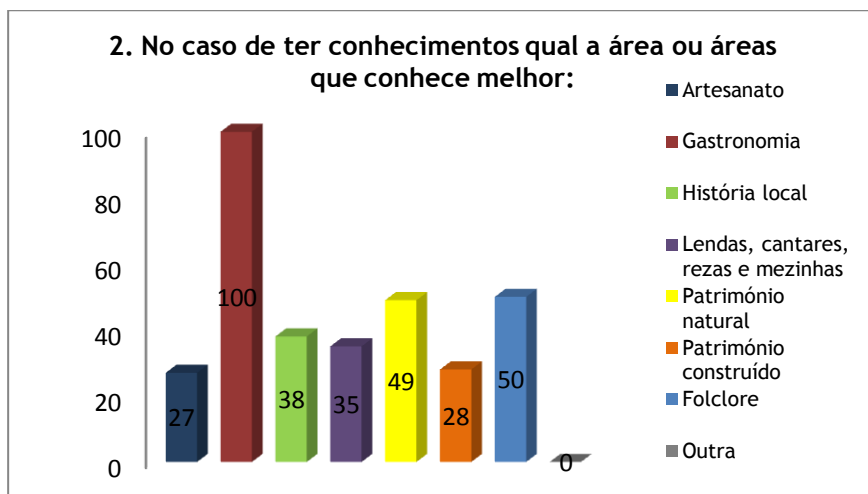


Gráfico 11- Questão 2: Áreas de conhecimentos relativamente ao património local

No que respeita aos dados por sexo verifica-se que as 64 mulheres inquiridas apresentaram um total de 170 respostas, enquanto os 58 homens que fizeram parte do estudo apresentaram um total de 157 respostas. Em ambos os sexos cada indivíduo escolheu em média 2 ou mais respostas. Os valores apresentados entre os sexos revelam não existir uma diferença muito significativa em questões de conhecimento nas várias áreas selecionadas. As áreas como a gastronomia, história local, lendas, cantares, rezas e mezinhas e património natural, são aquelas onde se verifica um maior número de respostas femininas. Quanto aos homens verifica-se um maior número de respostas do que as mulheres nas áreas do artesanato, património construído e folclore. Em termos numéricos o artesanato contou com 13 respostas femininas e 14 masculinas, a gastronomia contou com 54 respostas por parte das mulheres e 46 por parte dos homens. No que diz respeito à história local verificou-se que 21 mulheres e 17 homens selecionaram esta hipótese. No património imaterial relacionado com lendas, cantares, rezas e mezinhas foram contabilizadas 19 respostas femininas e 16 masculinas. O património construído, como já foi referido, teve um maior número de respostas masculinas, contabilizando-se 15 contra as 13 femininas. Também o folclore contou com a resposta de 26 homens e de 24 mulheres. Nenhum inquirido apresentou uma sugestão na categoria de outra opção.

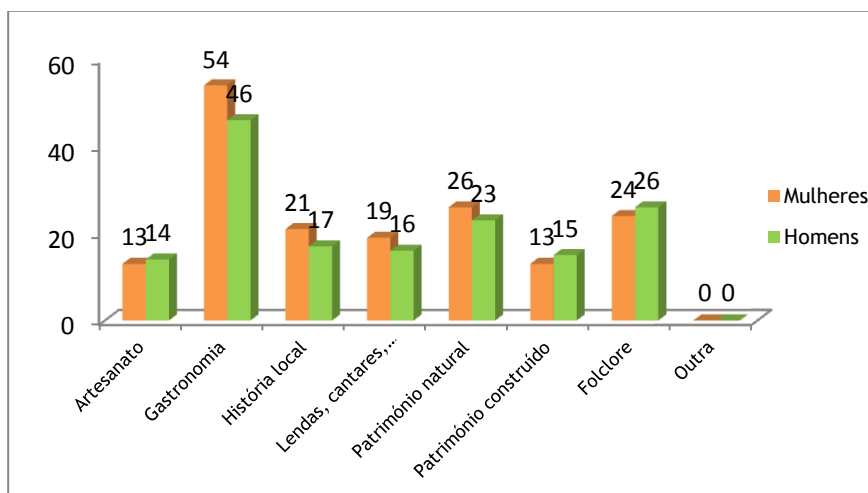


Gráfico 12- Questão 2: Áreas de conhecimentos relativos ao património local por sexo

Fazendo a análise a esta questão, de acordo com as habilitações literárias, verifica-se que o total das 327 opções selecionadas se distribuiu da forma que se passa a descrever.

O indivíduo inquirido sem frequência a nenhum nível de ensino selecionou 5 opções sendo as mesmas “gastronomia”, “lendas, rezas, cantares e mezinhas”, “património natural”, “património construído” e “folclore”.

Os 15 inquiridos com habilitações literárias ao nível do 1º ciclo, selecionaram um total de 48 opções. Este grupo considerou ter mais conhecimentos ao nível da gastronomia com 12 respostas neste sentido, seguindo-se as opções relacionada com o património cultural oral e folclore com 8 respostas selecionadas em cada uma delas. A terceira opção mais selecionada foi o “património natural”, seguindo-se em quarto lugar as opções “artesanato” e “património construído”. Apenas 4 inquiridos consideraram ter conhecimentos ao nível da história local, sendo deste modo a opção menos selecionada por este grupo.

Quanto ao grupo correspondente aos inquiridos com o 2º ciclo de habilitações literárias verifica-se que 5 dos 8 inquiridos consideram possuir conhecimentos tanto ao nível da gastronomia como do folclore. As opções “história local”, “lendas, rezas e mezinhas” e “património natural”, contabilizaram cada uma delas 2 respostas. A opção “artesanato” foi apenas escolhida por um indivíduo. A opção “património construído” não foi selecionada por nenhum elemento deste grupo.

Dos 26 inquiridos no grupo de indivíduos com habilitações ao nível do 3º ciclo selecionaram, 24 selecionaram a opção gastronomia, sendo a área onde a grande maioria dos elementos deste grupo considera possuir conhecimentos. O folclore é a segunda opção mais escolhida com 11 respostas nesse sentido. Ocupando o terceiro lugar as opções “história local” e “património natural” foram selecionadas por 9 indivíduos em cada uma delas. Dos 26 elementos deste grupo 8 consideram ter conhecimentos ao nível do património cultural oral, selecionando a opção “lendas, cantares, rezas e mezinhas”. Foram contabilizadas 6 respostas na opção “artesanato” e 5 na opção “património construído”, sendo deste modo, as duas opções menos selecionadas por este grupo de inquiridos.

Quanto às opções selecionadas pelos indivíduos com habilitações ao nível do ensino secundário do total dos 47 sujeitos que constituem este grupo, 37 selecionaram a opção “gastronomia”, sendo assim a respostas mais escolhida por este conjunto de inquiridos. O “património natural” foi a segunda opção mais selecionada totalizando 20 respostas neste sentido. A opção “folclore” foi a terceira mãos selecionada contabilizando 16 respostas. A “história local” foi considerada por 13 elemento, sendo por isso, a quarta opção mais escolhida. Do total de 47, 10 indivíduos consideram possuir conhecimentos ao nível da artesanato e 9 ao nível das “lendas, cantares, rezas e mezinhas”. A opção menos selecionada por este grupo foi o “património construído” contabilizando apenas 6 respostas nesse sentido.

Ao nível do ensino superior, dos 25 inquiridos, 21 consideraram possuir conhecimentos sobre a gastronomia. As opções património natural e património construídos foram as segundas mais escolhidas por este grupo contabilizando cada uma delas 11 respostas nesse sentido. A terceira opção mais selecionada por este grupo foi a “história local” com 10 respostas. As duas áreas

onde este grupo de inquiridos manifestou possuir menos conhecimentos foi ao nível do património cultural oral com 7 respostas e ao nível do artesanato com 5 respostas.

É de salientar que para a generalidade dos grupos a gastronomia é a área onde consideram ter mais conhecimentos sendo o artesanato a área onde a maioria dos grupos considera ter menores conhecimentos.

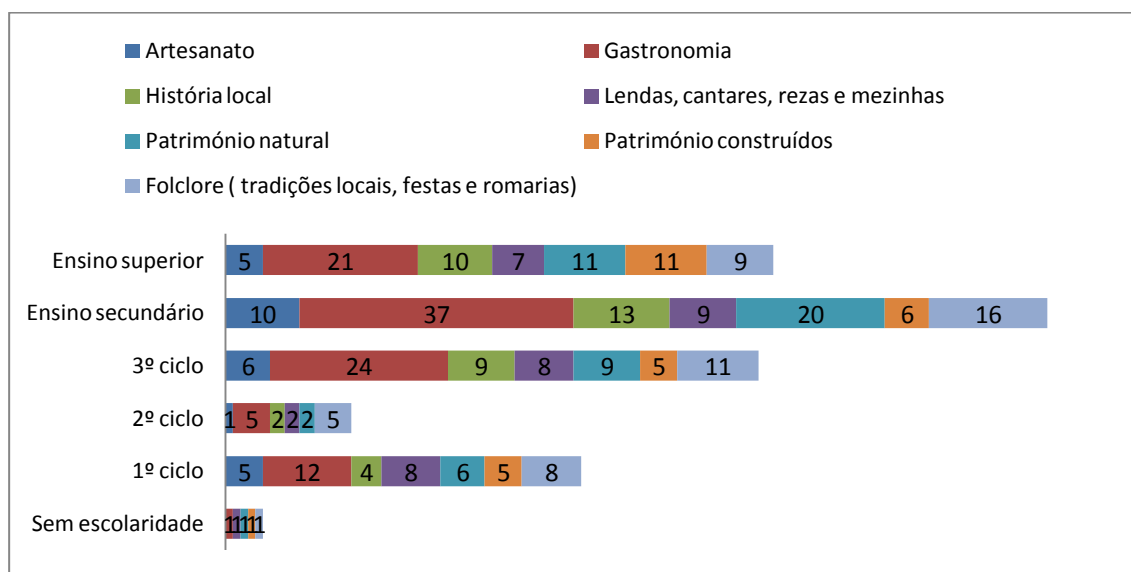


Gráfico 13- Questão 2: Áreas de conhecimentos relativos ao património cultural e natural da região de acordo com as habilitações literárias

Na análise a esta questão de acordo com as faixas etárias é possível verificar que para todos os grupos, com exceção daquele que diz respeito aos indivíduos com 65 ou mais anos, a gastronomia é a área sobre a qual consideram ter maiores conhecimentos. Os inquiridos do grupo relativo a idades mais elevadas consideram possuir mais conhecimentos na área do património oral onde se incluem as lendas, cantares, rezas e mezinhas e folclore totalizando 5 respostas neste sentido em cada uma das opções. Neste grupo de inquiridos dois elementos selecionaram a opção “artesanato” e outros dois a opção “história local” sendo estas as duas respostas menos escolhidas por este grupo etário.

O grupo com idades compreendidas entre os 55 e os 64 anos apresentou 17 respostas na opção gastronomia, sendo a área do folclore a segunda mais selecionada por este grupo (7 respostas). As restantes opções apresentaram valores aproximados nomeadamente, 6 respostas para as opções, “história local” e “lendas, cantares, rezas e mezinhas”, 5 para as opções “património natural” e “património construído” e 4 para a opção “artesanato”.

Relativamente aos inquiridos com idades entre os 45 e os 54 anos foram contabilizadas 18 respostas na opção gastronomia, seguindo-se as opções de “património natural” e “folclore” com 14 respostas em cada uma das referidas opções. A área do património oral, “lendas, cantares, rezas e mezinhas” bem como a área do “património construído” foram selecionadas por 8 inquiridos. As opções “história local” e “artesanato” foram as menos selecionadas dentro do grupo contando com 7 e 6 respostas respetivamente.

No grupo de indivíduos inseridos na faixa etária dos 35 aos 44 anos foram registadas 19 respostas na opção “gastronomia”, 10 na opção “folclore”, 8 na opção “património natural”, 7 nas opções “história local”, “património construído” e “lendas, cantares, rezas e mezinhas”. Tal como em

outros grupos, também neste a opção “artesanato” foi a menos selecionada registando 5 respostas.

Doss inquiridos com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos, 24 selecionaram a opção gastronomia. As restantes opções apresentaram valores bastante próximos, “património local” e “folclore” registaram 9 respostas, “história local”, “lendas, cantares, rezas e mezinhas” e “património construído” registaram cada uma 7 respostas. A opção “artesanato” foi selecionada por 6 elementos deste grupo.

Quanto aos inquiridos mais jovens, verifica-se que tal como nos anteriores a opção gastronomia é a mais selecionada apresentando 18 respostas neste sentido. As opções “história local” e património natural registaram 9 respostas em cada uma delas. Neste grupo 9 inquiridos selecionaram a opção “património natural”. A opção “folclore” registou 5 respostas e a opção “artesanato” 4. As opções menos selecionadas por este grupo foram “património construído” e “lendas, cantares, rezas e mezinhas”.

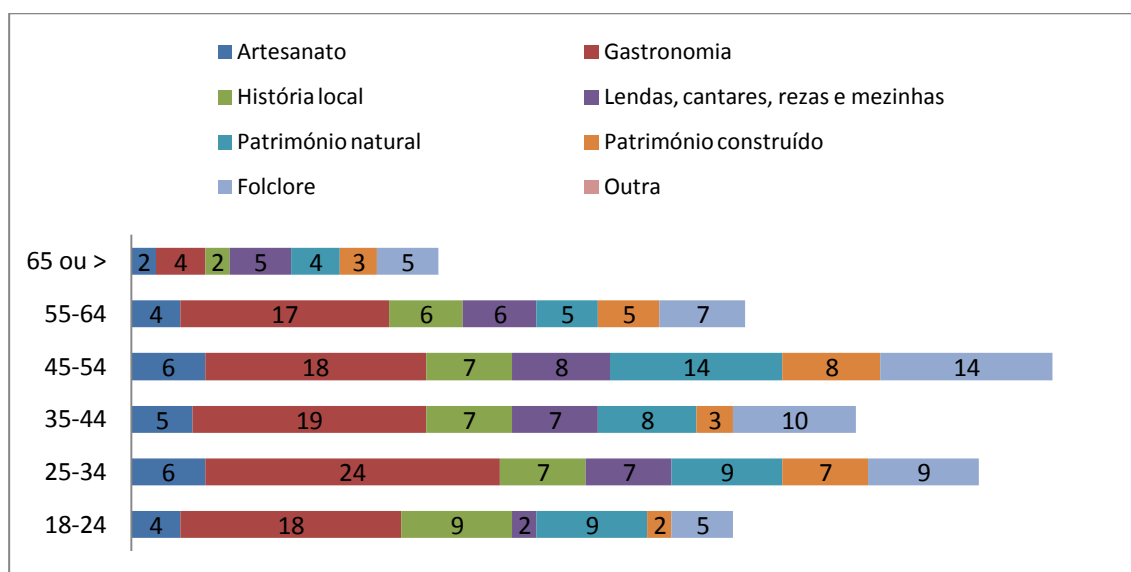


Gráfico 14- Questão 2: Áreas de conhecimentos relativos ao património cultural e natural da região de acordo com as faixas etárias

Questão 3- Interesse em alargar conhecimentos sobre o património local

Na questão 3 tentou verificar-se o interesse dos inquiridos em alargar os seus conhecimentos relativamente ao património local. Dos 122 participantes 83 (68%) afirmaram estar interessados em adquirir mais conhecimentos enquanto 39 (32%) manifestaram não ter interesse em fazê-lo.

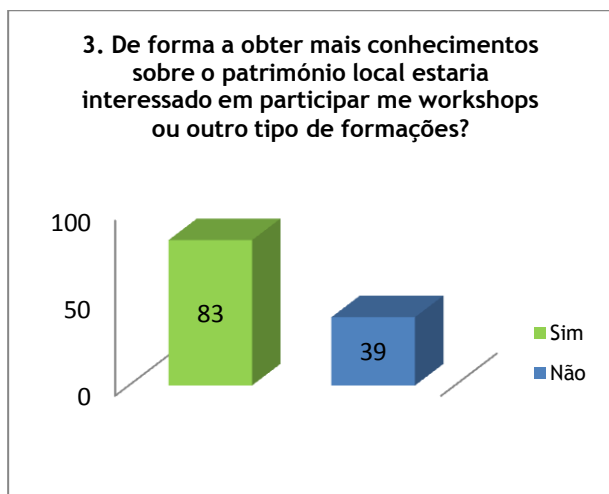


Gráfico 15- Questão 3: Interesse em alargar conhecimentos sobre o património local

Quanto à distribuição das respostas por géneros constatou-se que, em ambos os grupos, a maioria dos inquiridos estaria interessado em adquirir conhecimentos, No entanto, no sexo masculino verificou-se que a diferença entre interessados em alargar conhecimentos e não interessados era pouco significativa. O grupo de homens com interesse em aprender mais contou com 31 (53,4%) elementos contra os 27 (46,6%) que demonstraram não estar interessados em aprender mais sobre o tema. Verifica-se assim, no grupo masculino, que o que separa o grupo motivado para desenvolver conhecimentos do que não tem essa motivação é apenas um total de 4 respostas, ou seja, 6,9%. No grupo das mulheres a diferença entre respostas afirmativas e negativas é considerável, podendo afirmar-se que os elementos femininos apresentaram um nível de interesse em aprender mais sobre o património local superior aos elementos masculinos. No total de 64 inquiridas, 52 (81,3%) responderam afirmativamente à questão contra 12 (18,8%) que responderam o contrário.

Nos gráficos que se seguem podem ser verificados tanto os valores numéricos como percentuais.

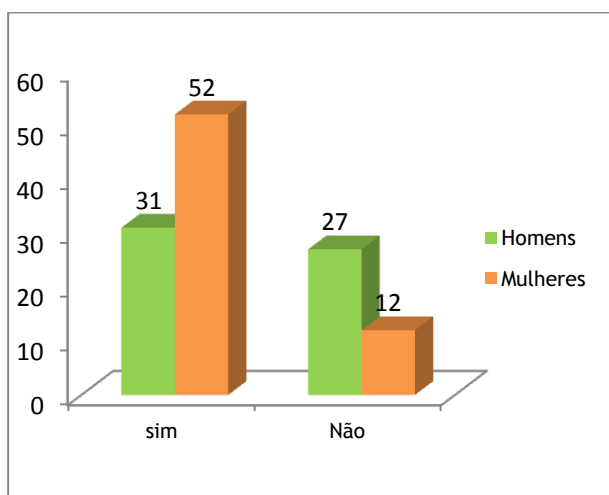


Gráfico 16- Questão 3: Interesse em alargar conhecimentos sobre o património local de acordo com o sexo

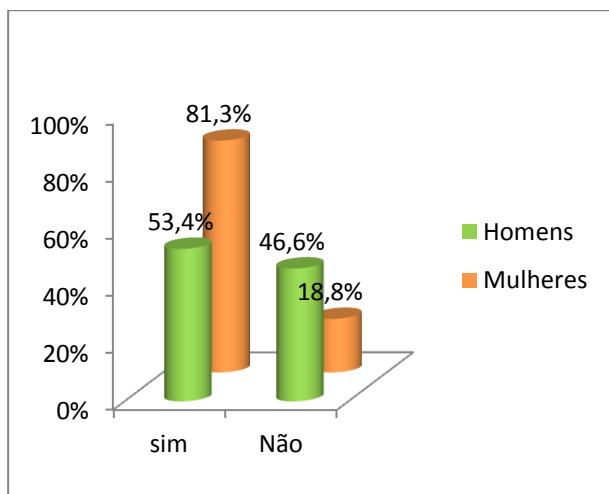


Gráfico 17- Questão 3: Análise percentual do interesse em alargar conhecimentos sobre o património local de acordo com o sexo

Na análise a esta questão, mediante as habilitações literárias, é necessário mais uma vez fazer uma ressalva excepcional à resposta do inquirido sem habilitações literárias que apesar de ser apenas uma foi contabilizada como 100% neste grupo de respostas. Feita referência a esta exceção analisemos então os restantes grupos de habilitações literárias. Os dois grupos que apresentaram maior interesse em realizar formações ou workshops que lhe permitissem alargar conhecimentos na área do património foram aqueles que possuíam maiores habilitações literárias. Os inquiridos com formação ao nível do ensino superior contabilizaram 76% de respostas neste sentido a par dos inquiridos com habilitações ao nível do ensino secundário com uma percentagem um pouco inferior (74%). Os participantes com habilitações ao nível do 1º ciclo apresentaram uma percentagem de 60% de inquiridos também com interesse em alargar os seus conhecimentos sobre o património local. Os inquiridos com formação ao nível do 3º e 2º ciclos foram os que apresentaram menos recetividade em participar em formações sobre o património da freguesia. Nestes dois casos, apesar de serem os que manifestam menos interesse, verifica-se que em ambas as situações 50% (2º ciclo) ou mais (54% - 3º ciclo) está interessado em participar.

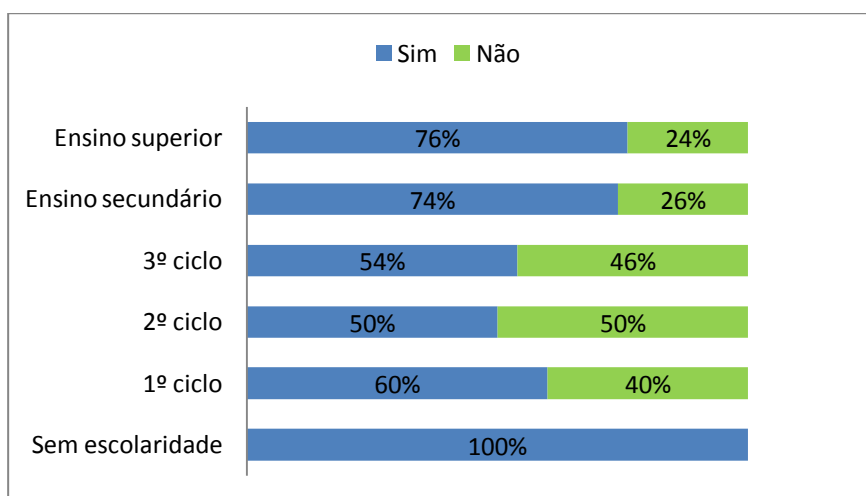


Gráfico 18- Questão 3: Análise percentual do interesse em alargar conhecimentos sobre o património local de acordo com as habilitações literárias

Na análise de respostas de acordo com a faixa etária é possível verificar que o grupo que manifesta maior interesse em adquirir mais conhecimentos sobre o património cultural e natural da região é o que diz respeito aos inquiridos com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos com 81 % de respostas positivas. Ao contrário deste grupo, os indivíduos com idades compreendidas entre os 55 e os 64 anos são os que manifestam menos interesse em participar em workshops ou formações que lhes ampliem os conhecimentos ao nível do património local.

O grupo etário entre os 45 e os 54 anos apresenta uma percentagem significativa (76%) de indivíduos com interesse em participar em formações sobre o património da região. Com 70% de respostas positivas, o grupo de indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, é o terceiro a manifestar mais interesse em obter mais conhecimentos sobre o tema através de formações ou workshops. A faixa etária dos 35 aos 44 anos apresentou um total de 65% de indivíduos com respostas positivas, ficando assim em quarto lugar.

Os grupos etários com idades mais elevadas foram os que manifestaram menores percentagens de indivíduos interessados em alargar conhecimentos na área do património local através de formações ou workshops. Daqueles que apresentam 65 ou mais anos um total de 62,5% ainda demonstram interesse em aprofundar os seus conhecimentos. No grupo dos 55 aos 64 anos a percentagem de indivíduos que não demonstraram estar interessados em tais ações de formação atinge os 55%. Por esta razão este é o grupo menos recetivo a este tipo de iniciativas.

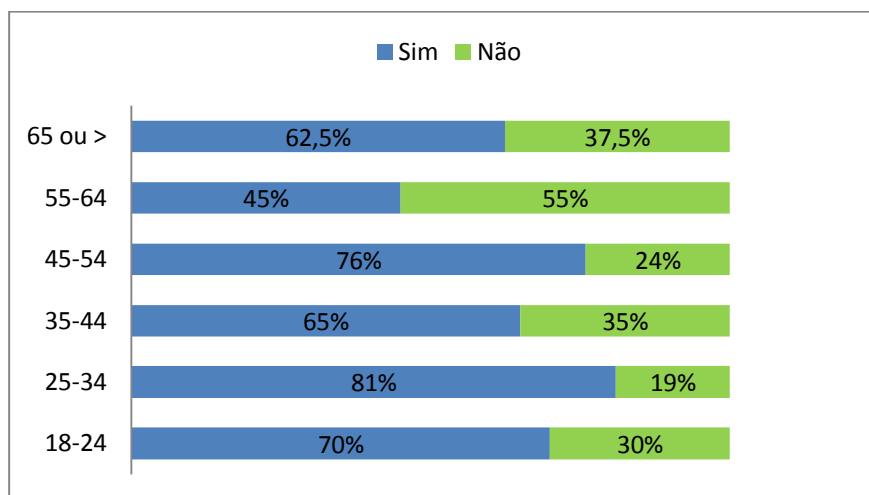


Gráfico 19- Questão 3: Análise percentual do interesse em alargar conhecimentos sobre o património local de acordo com a faixa etária

Questão 4- Interesse em contribuir para um melhor acolhimento turístico da região através da participação em formações sobre o tema.

Na questão 4 tentou verificar-se o interesse dos inquiridos em participar em formações na área do turismo de forma a contribuírem para um melhor acolhimento turístico na região. Dos 122 participantes 83 (68%) afirmaram estar interessados em adquirir mais conhecimentos enquanto 39 (32%) manifestaram não ter interesse em fazê-lo.

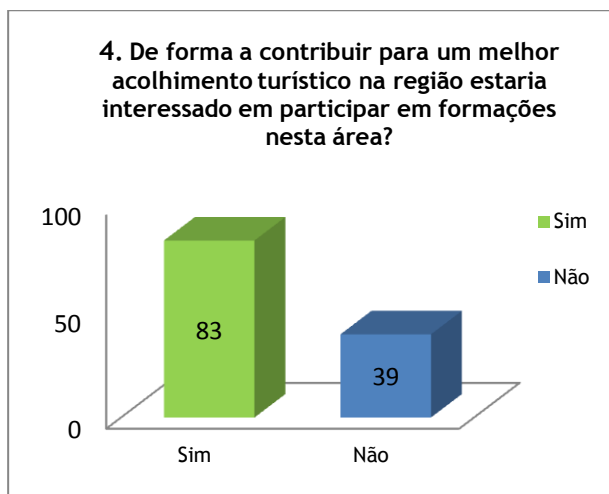


Gráfico 20- Questão 4: Interesse participar em formações subordinadas ao tema do acolhimento turístico

Tanto na questão 3 como na questão 4 os resultados totais foram iguais mas a sua distribuição por géneros revela que os homens estão mais interessados em adquirir conhecimentos na área do turismo do que na área do património local. Os resultados masculinos apontam para 34 respostas afirmativas contra 24 negativas. Apesar do número de homens interessados em realizar este tipo de formação ter aumentado um pouco relativamente à questão anterior, tendo passado de 31 para 34, as mulheres continuam a manifestar um interesse superior ao dos homens ainda que se tenha verificado uma redução de respostas femininas positivas nesta questão em relação à anterior. Nesta questão 49 mulheres manifestaram interesse contra 15 que não revelaram estar motivadas para desenvolver conhecimentos na área do turismo.

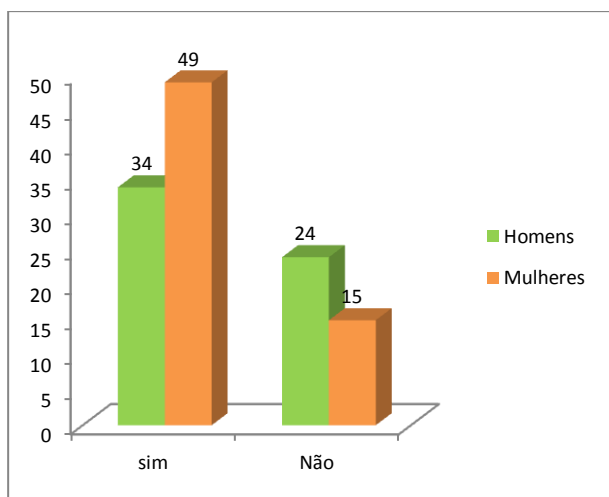


Gráfico 21- Questão 4: Interesse participar em formações na área do turístico de acordo com o sexo

Numa análise em termos percentuais, verifica-se que efetivamente os elementos do sexo feminino manifestaram maior interesse em obter conhecimentos na área em questão. O sexo feminino apresentou uma percentagem de 76,6%, um valor superior em quase 20% à percentagem apresentada nos resultados do sexo masculino que se revelou na ordem dos 58%. Em termos de inquiridos que não mostraram interesse em participar em formações na área do turismo de modo a contribuir para um melhor acolhimento turístico na região foram registados 41,4% de indivíduos do sexo masculino e 23,4% do sexo feminino.

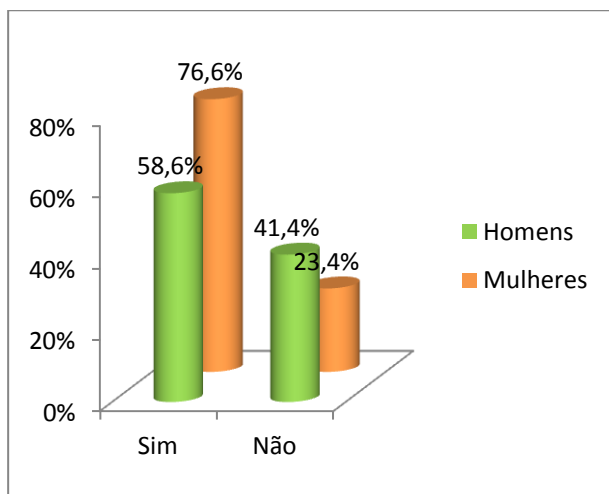


Gráfico 22- Questão 4: Análise percentual de acordo com o sexo

Quanto às respostas de acordo com as habilitações literárias é possível verificar que, fora a percentagem apresentada no nível “sem escolaridade” onde já foi referido diversas vezes tratar-se de uma única resposta que totaliza os 100%, o grupo com habilitações ao nível do ensino secundário foi aquele que manifestou um maior interesse em participar em formações na área do acolhimento turístico totalizando uma percentagem de 79% neste sentido. Com uma diferença de 10 pontos percentuais o grupo do 3º ciclo foi aquele que se seguiu em termos de interesse em adquirir conhecimentos nesta área. Os inquiridos com habilitações ao nível do primeiro ciclo apresentaram uma percentagem de 67% de indivíduos com interesse em participar nem formações centradas na temática do acolhimento turístico. Com 52% e 50% os grupos com habilitações ao nível do ensino superior e ao nível do 2º ciclo, respetivamente, foram aqueles que manifestaram menos percentagem de inquiridos interessados em adquirir conhecimentos na área me questão.

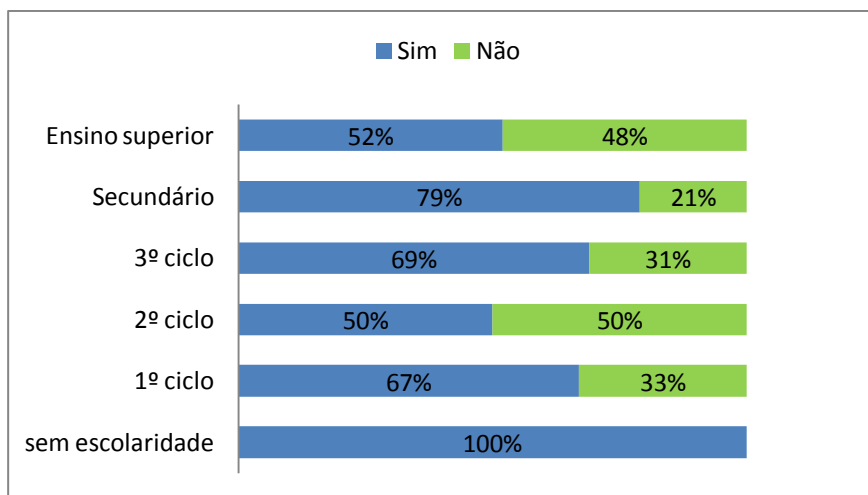


Gráfico 23- Questão 4: Análise percentual de acordo com as habilitações literárias

Na análise por faixas etárias é possível constatar que, na maior parte dos casos, quanto maior a idade menor é o interesse em participar em formações na área do acolhimento turístico. Esta exceção só se verifica no grupo com idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos de idade que manifesta maior interesse (67%) do que os que se incluem na faixa dos 35 aos 44 anos (65%).

Na faixa etária dos 18 aos 24 anos a percentagem de indivíduos interessados em alargar conhecimentos atinge os 80%, seguindo-se com 78% o grupo de indivíduos com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos.

Os grupos com menos interesse em alargar conhecimentos são os que incluem os inquiridos dos 55 aos 64 anos com 55% e os sujeitos com 65 ou mais anos de idades com 50%.

É interessante verificar que em todos os grupos e inclusivamente nos que apresentam idades mais elevadas, 50% ou mais dos inquiridos, estavam dispostos a alargar os seus conhecimentos.

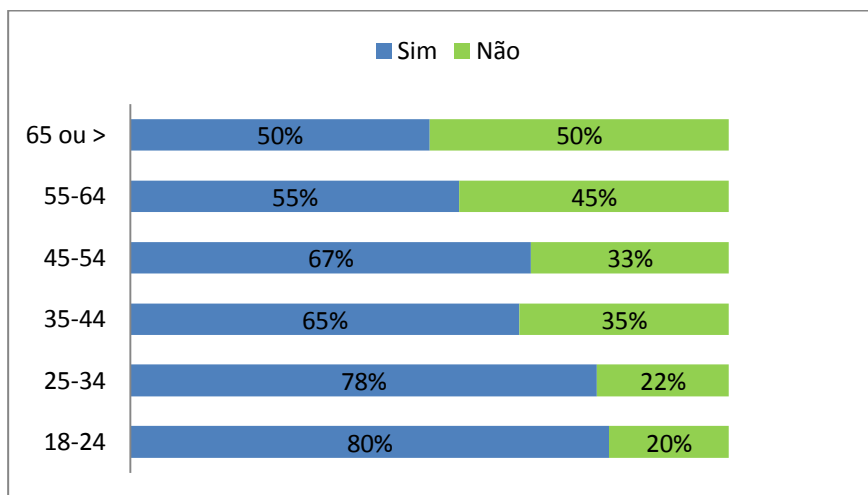


Gráfico 24- Questão 4: Análise percentual de acordo com as faixas etárias

Questão 5- Disponibilidade para fazer voluntariado ou prestar serviços remunerados que permitissem ao turista/visitante conhecer o património local.

Na questão 5 tentou averiguar-se a disponibilidade/ interesse por parte dos inquiridos em realizar voluntariado ou prestar serviços que permitissem a um visitante ou turista conhecer o património e a região. Dos 122 inquiridos 76 (62,3%) manifestaram estar disponíveis para realizar algum tipo de atividades e 46 (37,7%) manifestaram não estar disponíveis, quer para fazer voluntariado, quer para prestar serviços.

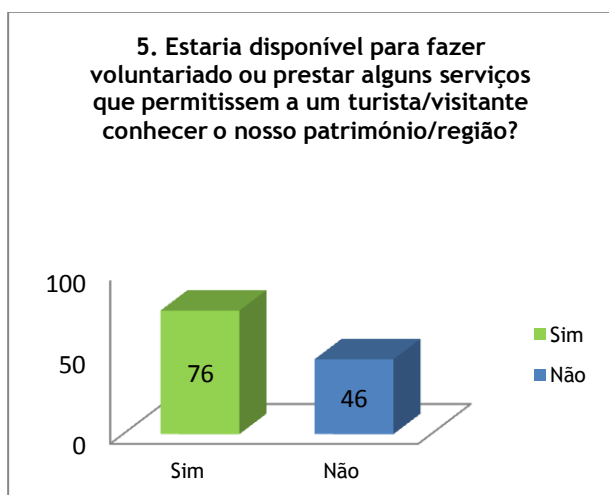


Gráfico 25- Questão 5: Disponibilidade para fazer voluntariado ou prestar serviços que permitissem ao turista/visitante conhecer o património/região

Ao analisarmos as respostas, de acordo com os géneros, verifica-se que os valores entre sexos se aproximam. Foram obtidas 37 respostas positivas no género masculino e 39 no género feminino. Quanto às respostas negativas no sexo masculino contabilizaram-se 21 e 25 no sexo feminino.

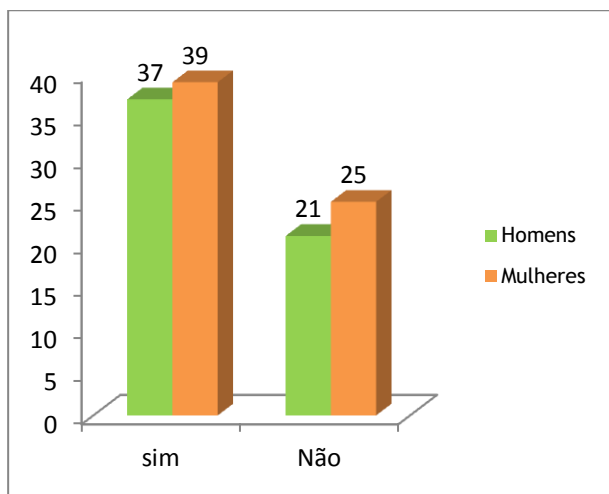


Gráfico 26- Questão 5: Disponibilidade para fazer voluntariado ou prestar serviços que permitissem ao turista/visitante conhecer o património/região de acordo com o sexo

Apesar de se verificar um número superior de respostas positivas se analisarmos percentualmente os dados, comparando os grupos, verifica-se que os homens apresentaram 63,8% de indivíduos que responderam “sim” enquanto as mulheres apresentaram 60,9% de respostas positivas. Quanto às respostas negativas o sexo masculino apresentou 36,2% e o feminino 39,1%.

Com base nos dados percentuais pode afirmar-se que comparativamente os indivíduos do sexo masculino estão mais recetivos a fazer voluntariado ou prestar serviços no sector turístico que os elementos do sexo feminino inquiridos.

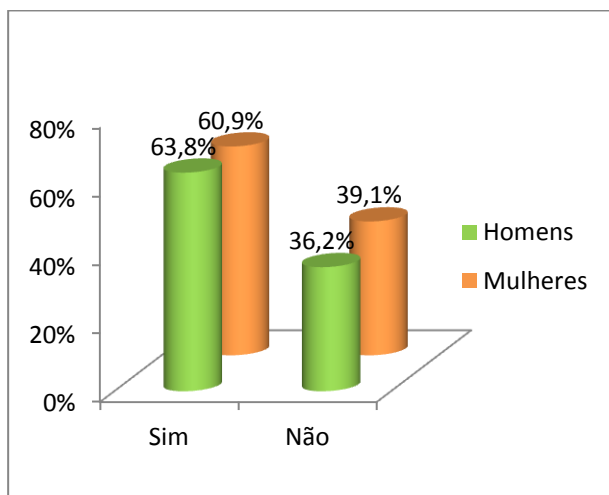


Gráfico 27- Questão 5: Análise percentual de acordo com o sexo

Analisando esta questão tendo em consideração as habilitações literárias verifica-se, excetuando o já sobejamente referido caso do inquirido sem habilitações literárias, que os indivíduos com habilitações ao nível do 3º ciclo apresentaram uma taxa de 69% de elementos disponíveis para fazer voluntariado ou prestar alguns serviços que dessem a conhecer o património da região a visitantes ou turistas. Os grupos que se seguem são os que dizem respeito aos inquiridos com habilitações ao nível do ensino superior e secundário, ambos com uma percentagem de 64% de indivíduos disponíveis para prestar serviços ou realizar voluntariado junto dos turistas ou visitantes. Os grupos menos recetivos quer a realizar atividades em regime de voluntariado quer

em regime de prestação de serviços foram os dos indivíduos com habilitações ao nível do 2º e 1º ciclo com percentagens na ordem dos 50% e 47% respetivamente.

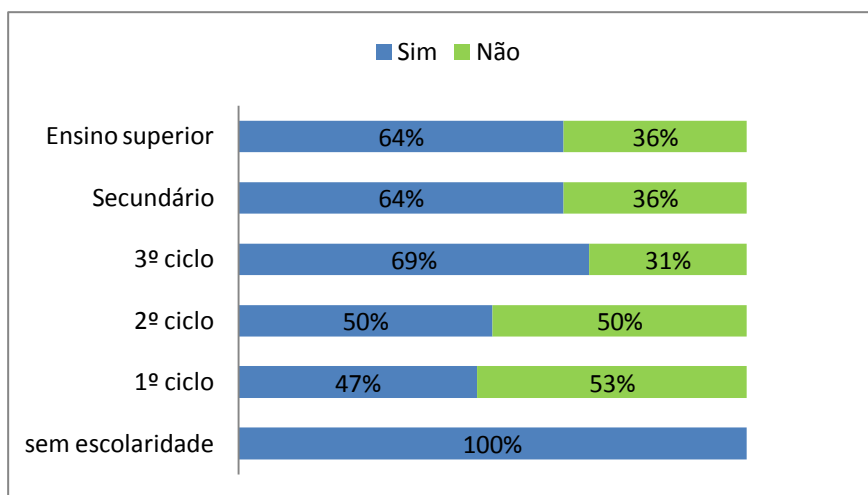


Gráfico 28 - Questão 5: Análise percentual de acordo com as habilitações literárias

Quanto às faixas etárias é possível verificar que os inquiridos que manifestaram maior interesse em prestar serviços ou fazer voluntariado junto dos turistas foram aqueles com idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos (76%). O grupo com a segunda maior percentagem de respostas nesse sentido diz respeito aos indivíduos com idades entre os 25 e os 34 anos (67%). Apresentando uma percentagem de 65%, o grupo com idades entre os 18 e os 24 anos foi o terceiro mais recetivo a realizar algum tipo de voluntariado ou prestar serviços junto dos turistas. Com uma percentagem de cerca de 63% os inquiridos com 65 ou mais anos manifestaram maior interesse do que o grupo com idades entre os 35 e 44 anos (54%). O grupo de inquiridos na faixa dos 55 aos 64 anos foram os que demonstraram menos interesse quer em prestar serviços quer em fazer atividades em regime de voluntariado junto dos turistas.

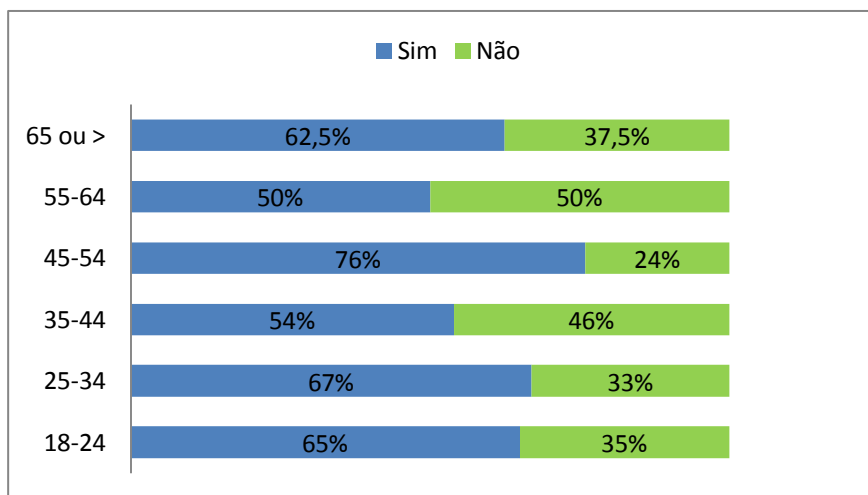


Gráfico 29- Questão 5: Análise percentual de acordo com as faixas etárias

Questão 6- Diferentes tipos de contributo a proporcionar ao turista

Na questão 6 tentou averiguar-se que atividades os inquiridos estavam dispostos a realizar junto dos turistas.

Os 76 indivíduos que responderam a esta questão selecionaram, em média, 2 ou mais opções totalizando 191 respostas.

A opção mais selecionada foi a que dizia respeito às visitas turísticas contabilizando 39 respostas correspondentes a 51,3% dos inquiridos.

A segunda opção mais escolhida foi a de prestar informações sobre o património local com 29 respostas, ou seja, 38,2% dos inquiridos. Foram obtidas 26 respostas, correspondentes a 34,2% dos indivíduos, na opção, proporcionar experiências rurais, sendo esta a terceira mais selecionada. Seguiu-se a opção de refeições típicas/provas gastronómicas com 25 respostas equivalentes a 32,9% dos indivíduos. As atividades de diversão e lazer obtiveram 24 respostas respeitantes a 31,6% dos inquiridos. Do total dos inquiridos 19, ou seja 25%, consideraram, a possibilidade de facultar alojamento aos turistas. Totalizaram-se 18 respostas, correspondentes a 23,7% em que os participantes consideraram a hipótese de levar os turistas ou visitantes a manifestações de expressões artísticas. Com um total de 9 respostas(11,8%) a opção, demonstração de técnicas artesanais, foi a contabilizou o resultado mais reduzido a par da opção, “outra” com 2 respostas (2,6%) neste campo. As possibilidades apresentadas por 2 dos inquiridos que selecionaram a opção “outra”, passaram por, passeios de BTT e roteiros fotográficos.

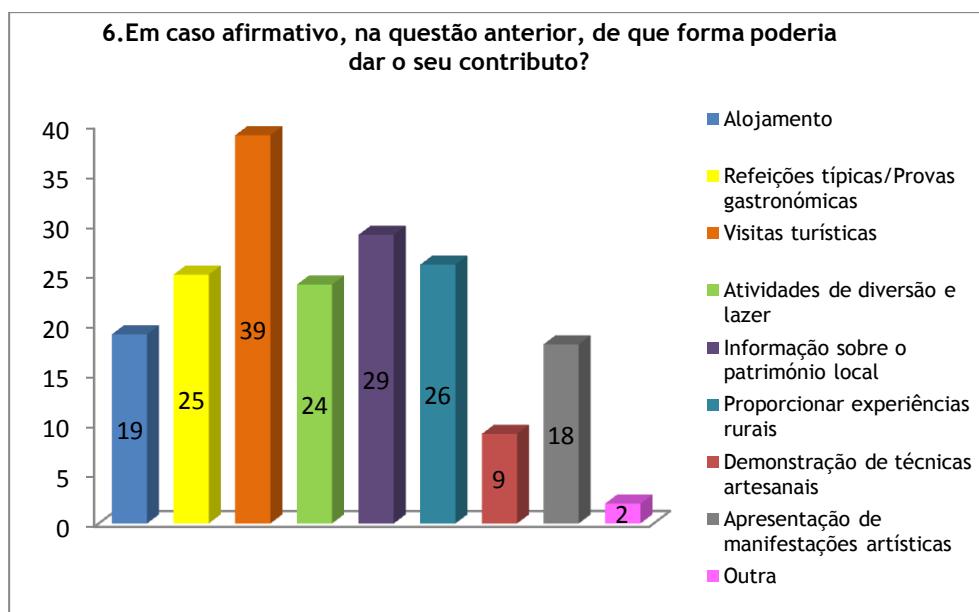


Gráfico 30- Questão 6: Diferentes tipos de contributos a proporcionar ao turista

Relativamente à distribuição de respostas por sexo verifica-se que as mulheres estão mais recetivas a prestar alojamento, proporcionar experiências rurais, demonstrar técnicas artesanais e levar os turistas ou visitantes a apresentações de cariz cultural. Os elementos do sexo masculino revelaram maior interesse em realizar provas gastronómicas, visitas turísticas e dar informações sobre o património local. Verificou-se um igual número de respostas na opção de proporcionar atividades de diversão e lazer e na opção “outra”. Neste último caso a opção apresentada pelo elemento feminino foi “roteiros fotográficos” e a opção apresentada pelo elemento masculino foi passeios de BTT.

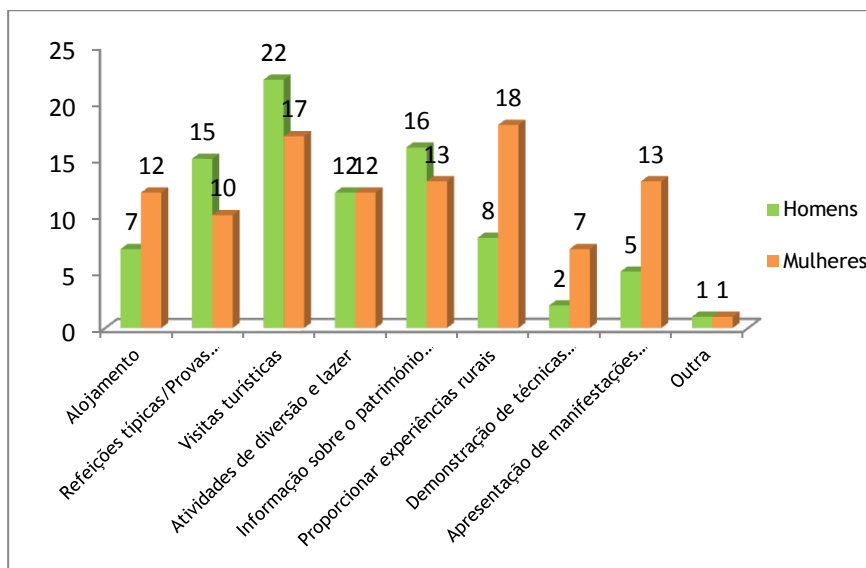


Gráfico 31- Questão 6: Diferentes tipos de contributos a proporcionar ao turista de acordo com o sexo

Do total das 191 respostas obtidas, ao nível das habilitações literárias é possível verificar que nos três níveis com formação mais elevada, 3º ciclo, ensino secundário e ensino superior, a atividade mais selecionada pelos inquiridos foi a respeitante às “visitas turísticas”. A segunda opção mais escolhida pelos elementos com formação ao nível do ensino superior foi “atividades de diversão e lazer” seguindo-se a opção “informações sobre o património local”. No caso dos inquiridos com habilitações ao nível do ensino superior a segunda opção mais selecionada foi “informações sobre o património local” seguindo-se a opção “proporcionar experiências rurais”.

No grupo com habilitações ao nível do 3º ciclo as respostas mais selecionadas foram “visitas turísticas” e “provas gastronómicas”, seguindo-se as opções “alojamento” e “proporcionar experiências rurais”. Nos restantes grupos as opções selecionadas foram variadas passando por “alojamento”, “proporcionar experiências rurais” e “informações sobre o património local” no caso do 2º e 1º ciclos, destacando-se a opção “refeições típicas/provas gastronómicas” neste último grupo.

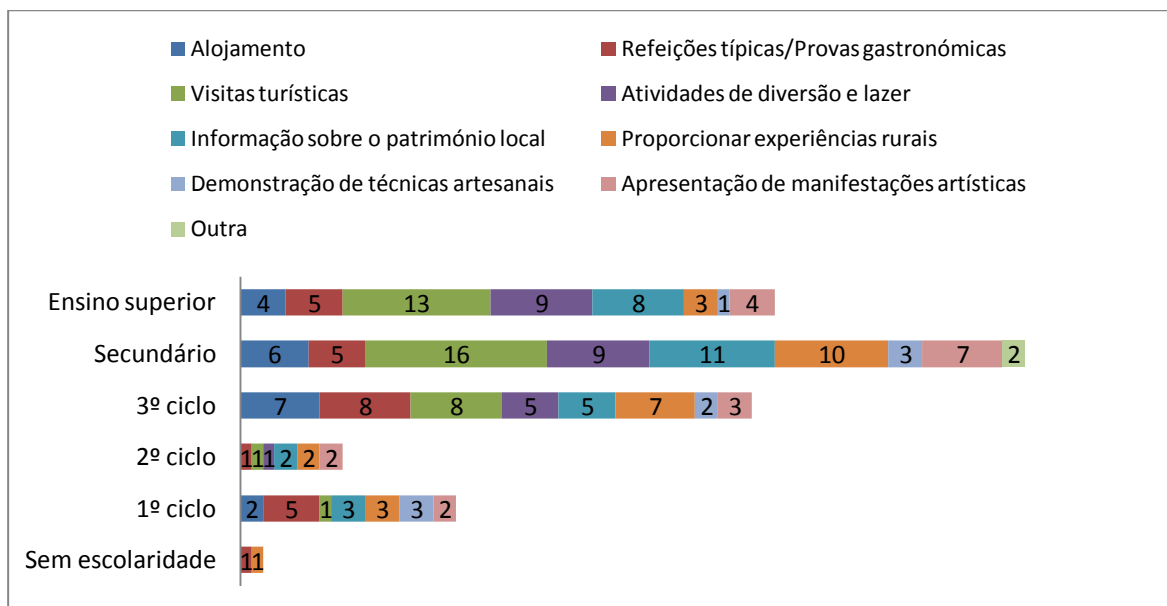


Gráfico 32 - Questão 6: Diferentes tipos de contributos a proporcionar aos turistas de acordo com as habilitações literárias

Na análise de resultados obtidos de acordo com as faixas etárias verifica-se que o grupo mais jovem se disponibiliza para realizar “visitas turísticas” e “atividades de diversão e lazer”, no grupo dos inquiridos com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos os participantes disponibilizam-se para realizar também “visitas turísticas” e “refeições típicas/provas gastronómicas”. Aqueles com idades compreendidas entre os 35 e os 44 e entre os 45 e os 54 também optam por realizar “visitas turísticas” e “informações sobre o património local”, sendo que, este último grupo também se disponibiliza para “proporcionar experiências rurais”. Aqueles com idades entre os 55 e os 64 anos ou com 65 ou mais anos preferem realizar “refeições típicas/provas gastronómicas” e proporcionar experiências rurais (grupo com 65 ou mais anos), seguindo-se a opção “informações sobre o património local” no caso dos indivíduos entre os 55 e os 64 anos.

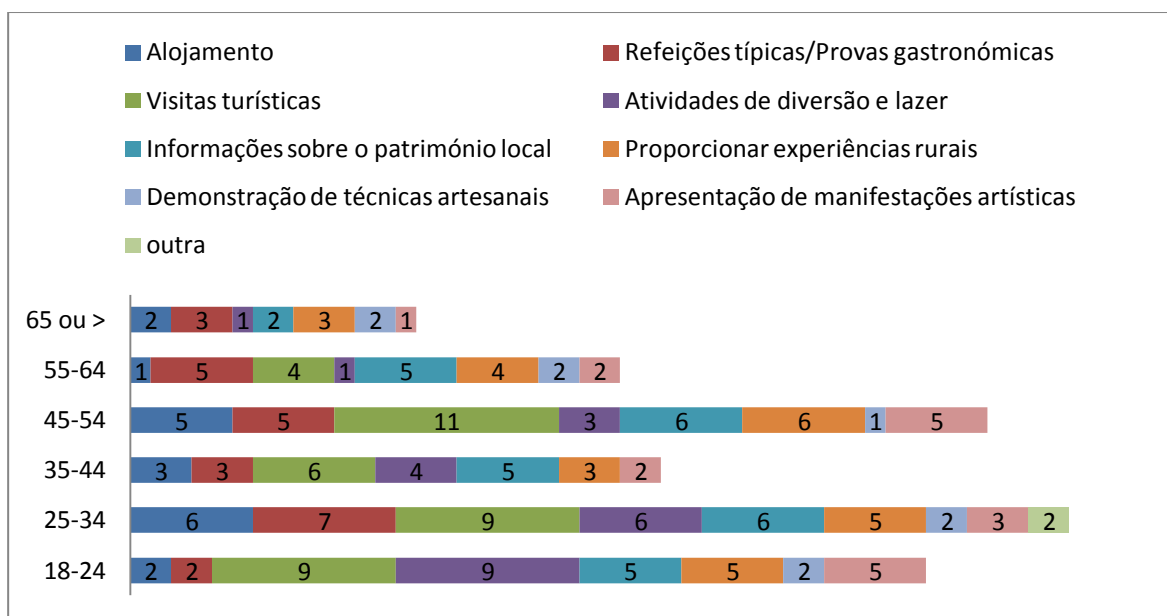


Gráfico 33- Questão 6: Diferentes tipos de contributos a proporcionar aos turistas de acordo com as faixas etárias

Questão 7- Regime de realização das atividades propostas

Nesta questão tentou verificar-se qual o número de inquiridos que cobriam valor pelas atividades ou serviços e qual o número de inquiridos que realizariam atividades ou serviços gratuitamente.

No que diz respeito ao regime de realização das atividades, 54 (71,1%) dos 76 inquiridos afirma que as realizaria de forma gratuita enquanto 22 (28,9%) afirma que cobraria um valor pelas atividades ou serviços.

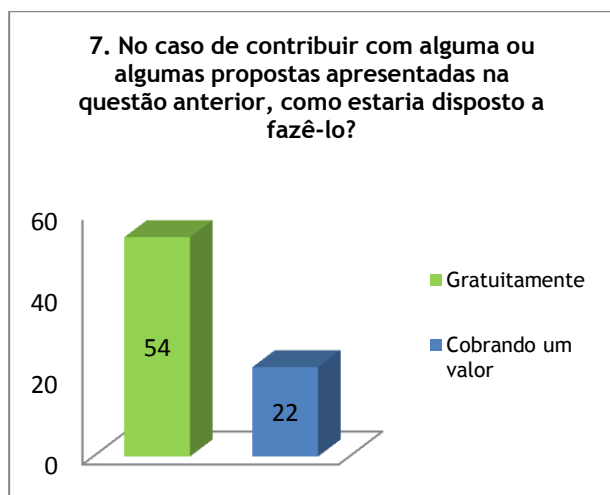


Gráfico 34- Questão 7: Regime de realização das atividades propostas

Em termos de géneros a distribuição é muito similar em ambas as opções. No caso dos inquiridos que fariam as atividades gratuitamente registaram-se 29 respostas femininas e 25 masculinas. No grupo que cobraria um valor foram contabilizadas 10 respostas femininas e 12 masculinas.

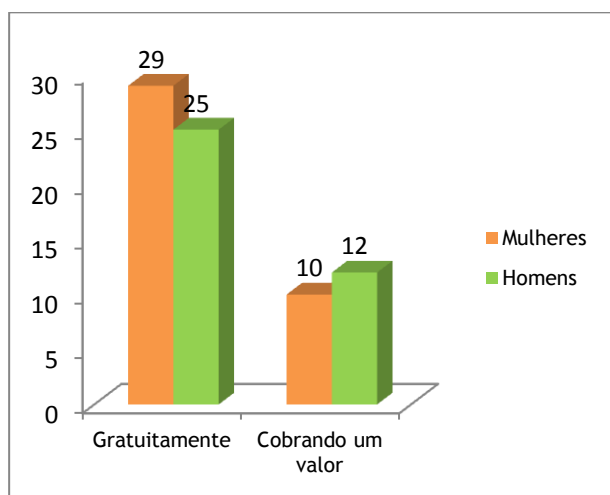


Gráfico 35- Questão 7: Regime de realização das atividades propostas de acordo com o sexo

Quanto ao regime de realização de atividades verifica-se que a maioria dos grupos, com exceção aos elementos com habilitações literárias ao nível do ensino superior, se propõe a realizar as mesmas a título gratuito. Esta opção atinge os 100% no caso do inquirido sem escolaridade, por se tratar apenas de uma resposta, e no caso dos inquiridos com habilitações ao nível do 2º ciclo.

Os inquiridos com habilitações ao nível do ensino secundário apresentam um total de 80% de respostas que apontam para a possibilidade de realizar algumas atividades com os turistas num regime gratuito. Com 78% de respostas apontando o regime gratuito, o grupo de inquiridos com habilitações ao nível do 3º ciclo, é o terceiro com a maior percentagem de respostas sentido.

Os inquiridos com habilitações ao nível do 1º ciclo e os inquiridos com habilitações ao nível do ensino superior são os que apresentam percentagens menores de indivíduos interessados em realizar atividades a título gratuito com 57% e 44% respetivamente.

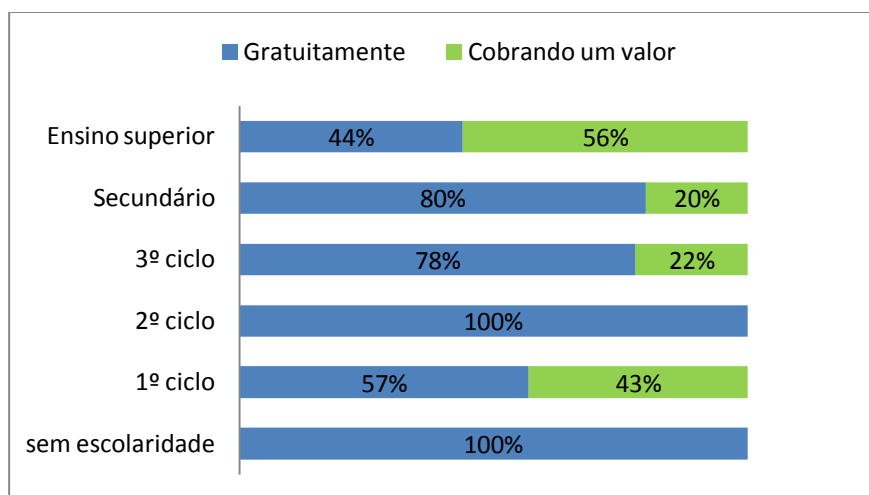


Gráfico 36- Questão 7: Análise percentual do regime de realização de atividades de acordo com as habilitações literárias

Relativamente a esta questão é possível verificar que as faixas etárias que manifestaram uma maior percentagens de respostas que apontando a possibilidade de realizar atividades com os turistas a título gratuito são, os mais velhos, com 65 ou mais anos (100%), e os mais jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos (85%).

O grupo onde mais indivíduos referiram que cobriam um valor pelas atividades que desenvolvessem são aqueles com idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos (43%), seguindo-se o grupo com idades entre os 55 e 64 anos com 40% de respostas nesse sentido. No total dos inquiridos com idades compreendidas entre os 45 e os 54, 31 % manifestaram o desejo de cobrar um valor nas atividades desenvolvidas. Dos indivíduos com idades entre os 24 e os 34, 28% referiram a possibilidade de cobrar um valor no caso de prestar algum serviço ou fazer atividades com os turistas.

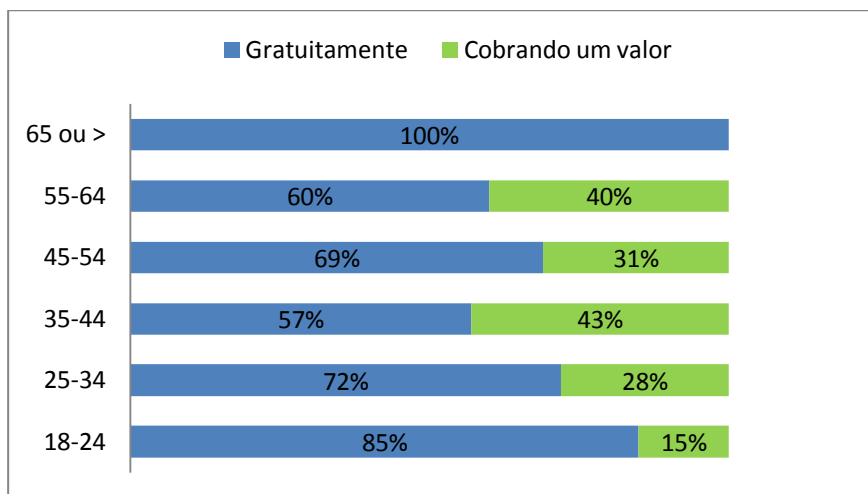


Gráfico 37- Questão 7: Análise percentual do regime de realização de atividades de acordo com as faixas etárias

Questão 8- Opinião sobre o turismo enquanto mais-valia para a região

Nesta questão tentou averiguar-se a opinião dos inquiridos sobre o turismo enquanto mais-valia para a região.

Dos 122 inquiridos 100 responderam afirmativamente, considerando que o turismo é de facto uma mais-valia para a região. Apenas 2 inquiridos responderam negativamente.

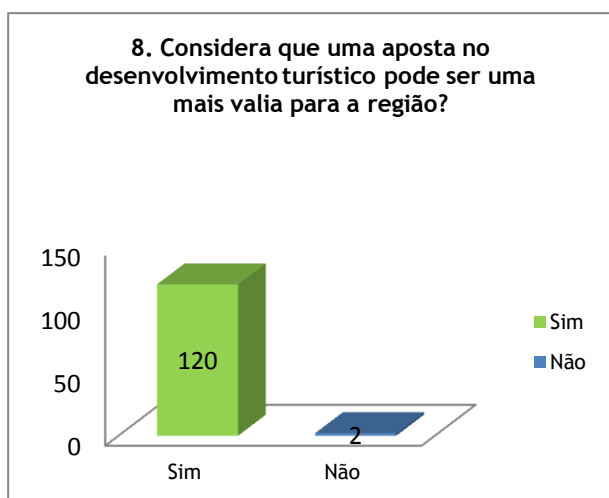


Gráfico 38- Questão 8: Opinião sobre o turismo enquanto mais-valia para a região

Quanto à distribuição por sexo, verifica-se que as 2 respostas que consideram que o turismo não é uma mais valia para a região são de elementos do sexo masculino.

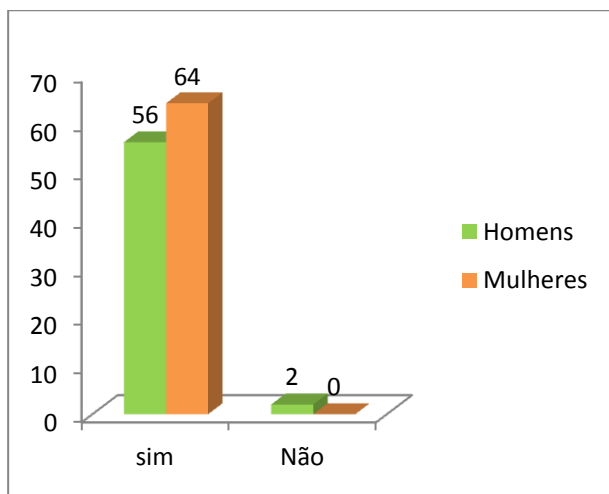


Gráfico 39- Questão 8: Opinião sobre o turismo enquanto mais-valia para a região de acordo com o sexo

Também na análise a esta questão de acordo com as habilitações literárias é possível verificar que a maioria dos grupos apresentam percentagens de 96% ou mais de inquiridos que consideram que o turismo é uma mais valia para a região. Os únicos grupos onde não se atinge a percentagem de 100% de respostas neste sentido é no grupo com habilitações ao nível do ensino secundário onde 2% dos indivíduos não considera o turismo como uma mais valia para o território e o grupo com habilitações ao nível do 3º ciclo onde surgem 4% de inquiridos que também partilham da mesma opinião.

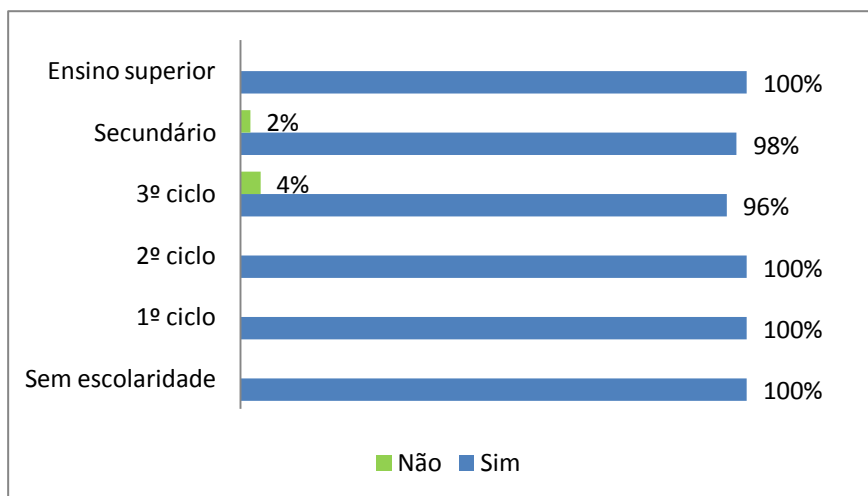


Gráfico 40- Questão 8: Análise percentual sobre opinião relativamente ao turismo enquanto mais-valia para a região de acordo com as habilitações literárias

Nesta questão em todas as faixas etárias a totalidade das respostas foi dada no sentido de que o turismo é uma mais valia para a região. Verificou-se apenas uma exceção no grupo de inquiridos com idades entre os 35 e os 44 anos onde 8% dos inquiridos discordaram desta opinião.

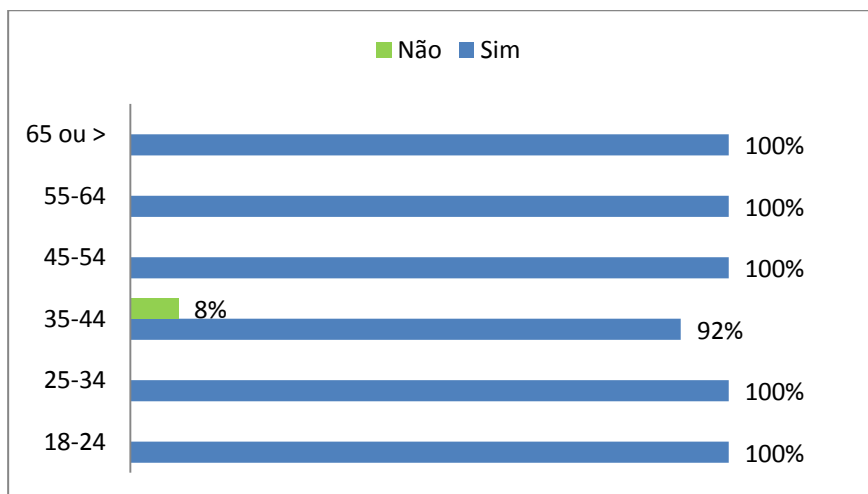


Gráfico 41- Questão 8: Análise percentual sobre opinião relativamente ao turismo enquanto mais-valia para a região de acordo com as faixas etárias

Questão 9- Opinião sobre a importância da população local no desenvolvimento turístico da região.

Nesta questão o objetivo foi perceber qual a opinião dos participantes relativamente à importância da população local no desenvolvimento turístico da região.

Dos 122 inquiridos consideraram que a população local tem um papel muito importante, ao passo que 42 consideraram o papel da comunidade importante. Relativamente à opção pouco importante, foram contabilizadas 7 respostas neste sentido. Nenhum inquirido considerou que a população não tinha qualquer importância para o desenvolvimento do turismo na região.

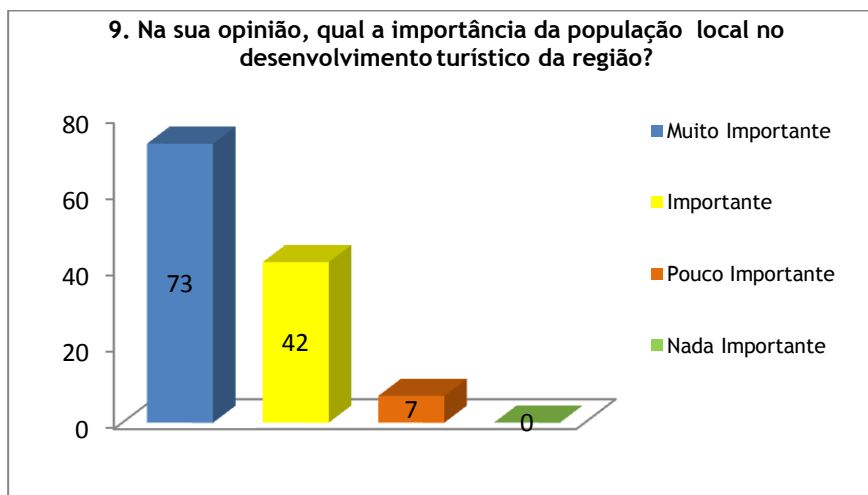


Gráfico 42- Questão 9: Opinião sobre a importância da população local no desenvolvimento turístico da região

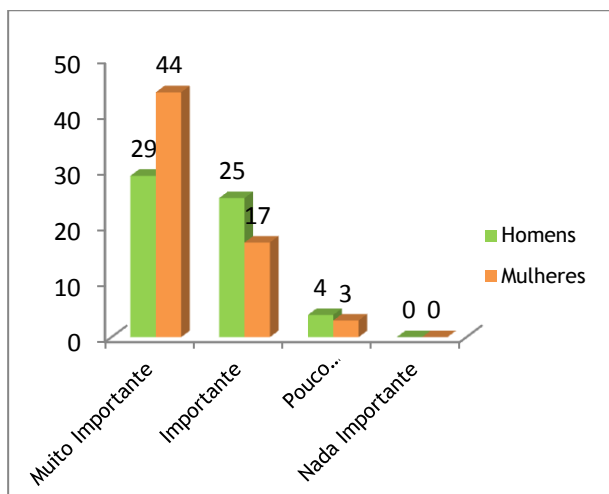


Gráfico 43- Questão 9: Opinião sobre a importância da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com o sexo

O grupo respeitante aos indivíduos com escolaridade ao nível superior é o que apresenta a maior percentagem de respostas (84%) considerando que a população local é muito importante para o desenvolvimento turístico da região. O grupo com escolaridade ao nível do 2º ciclo foi o segundo a apresentar maior percentagem de respostas também neste sentido (62,5%). As percentagens obtidas nos restantes grupos considerando a população local com elevada importância para o desenvolvimento turístico foram de 61,7% no ensino secundário, 46,7 no 1º ciclo e 42,3% no 3º ciclo.

Nenhum grupo considerou a população como “nada importante” para o desenvolvimento turístico, no entanto em todos os grupos, com exceção do grupo respeitante aos inquiridos com habilitações ao nível do ensino superior, foram registadas opiniões considerando a população local pouco importante. No grupo de habilitações ao nível do ensino secundário foram contabilizadas 2,1% de opiniões neste sentido, 11,5% caso dos inquiridos com habilitações ao nível do 3º ciclo, 12,5% ao nível do 2º ciclo e 6,6% ao nível do 1º ciclo. De ressaltar que a percentagem de 100% registada no grupo sem escolaridade corresponde á opinião de um único inquirido.

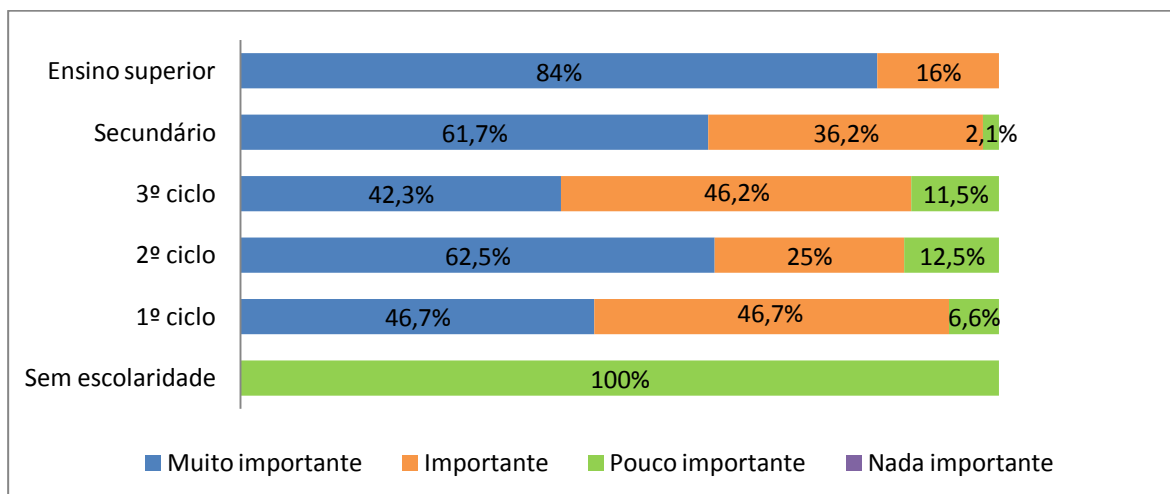


Gráfico 44- Questão 9: Análise percentual sobre a importância da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com as habilitações literárias

Ao analisar a questão de acordo com as faixas etárias verifica-se que os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos distribuem as suas opiniões considerando a população como “muito importante” (45%) e “importante” (55%).

A faixa etária seguinte, dos 25 aos 34 anos, distribui as suas opiniões relativas à importância da população local para o desenvolvimento turístico da região em 70,4% como “muito importante”, 22,2% como “importante” e 7,4% como “pouco importante”. Este é o grupo onde se apresenta a maior percentagem de inquiridos considerando o papel da comunidade como muito importante nas questões do desenvolvimento turístico.

O grupo de inquiridos com idades entre os 35 e os 44 anos dividiram as suas opiniões entre as opções “muito importante”(58%), “importante” (38%) e “pouco importante” (4%).

Apenas no grupo de indivíduos com idades entre os 45 e os 54 anos se verificaram opiniões considerando que a população local não é “nada importante” para o desenvolvimento turístico da região (5%). As restantes opiniões destes grupo distribuíram-se pelas restantes opções designadamente, 67% para a opção “muito importante”, 19% para a opção “importante” e 9% para a opção “pouco importante”.

Os inquiridos com idades entre os 55 e os 64 anos, tal como os mais jovens (18-24), apenas selecionaram duas opções para as suas respostas. A opção “muito importante” contou com 55% do total de respostas deste grupo e a opção “importante” os restantes 45%.

No grupo de inquiridos com 65 ou mais anos registaram-se 50% de respostas considerando a população local “muito importante” para o desenvolvimento turístico, 25% considerando-a “importante” e outros 25% considerando-a “pouco importante”.

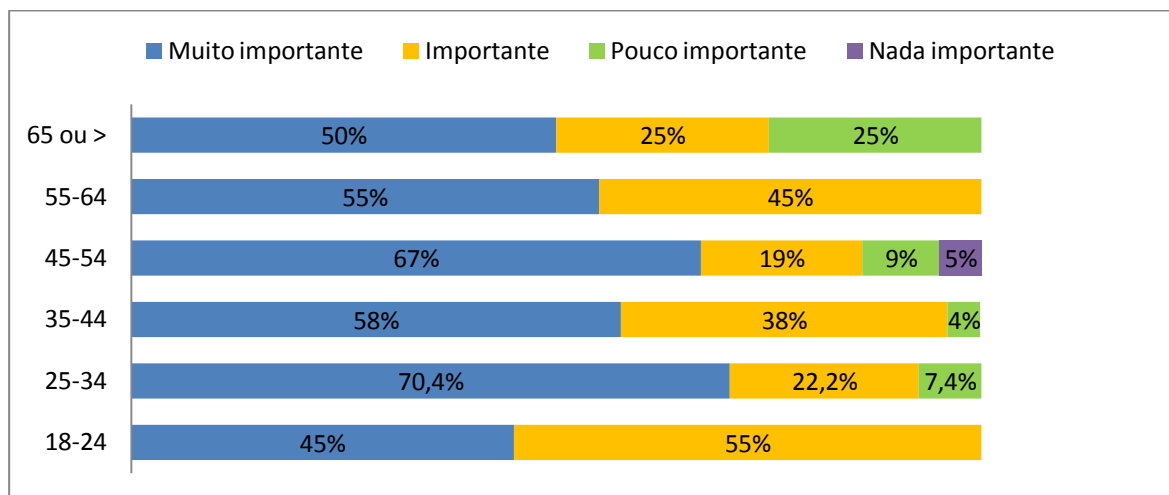


Gráfico 45- Questão 9: Análise percentual sobre a importância da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com as faixas etárias

Questão 10- Opinião sobre o envolvimento da população local no desenvolvimento turístico da região.

Nesta questão tentou averiguar-se a opinião dos inquiridos relativamente ao envolvimento da população local no desenvolvimento turístico da região.

Dos 122 inquiridos 11 consideraram que a comunidade é muito envolvida, em contrapartida, 19 consideraram que a comunidade não é nada envolvida. A opção pouco envolvida registou 92 respostas, sendo deste modo a opinião da esmagadora maioria dos inquiridos.

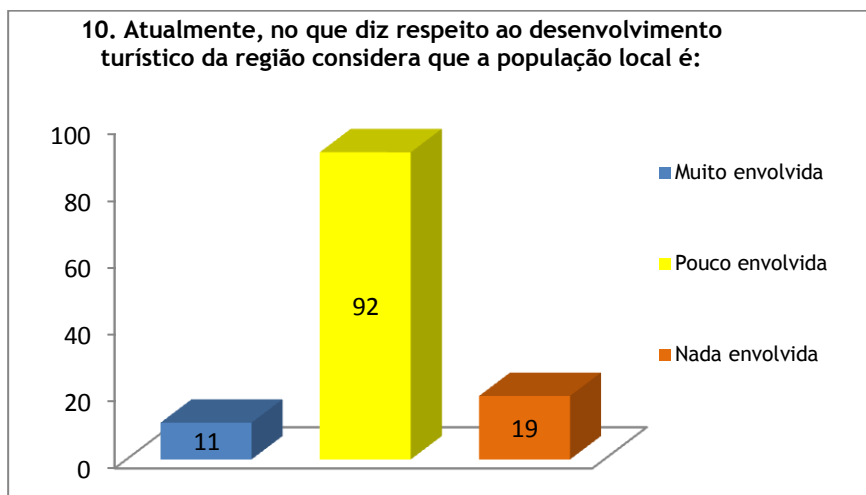


Gráfico 46- Questão 10: Opinião sobre o envolvimento da população local no desenvolvimento turístico da região

Relativamente às respostas obtidas nesta questão em termos de género é possível verificar que em ambos os grupos as respostas se distribuem da mesma forma pelas várias opções.

Tanto para os homens como para as mulheres a opção mais seleccionada é que a população local é “pouco envolvida” no desenvolvimento turístico da região. Neste caso somaram-se 43 respostas no sexo masculino e 49 no sexo feminino. A segunda opção mais escolhida por ambos os grupos foi “nada envolvida”. Para 12 homens e 7 mulheres não existe um envolvimento dos locais ao nível do desenvolvimento no sector turístico. Com uma opinião oposta, considerando que a população é “muito envolvida” registaram-se 3 respostas no sexo masculino e 8 no sexo feminino.

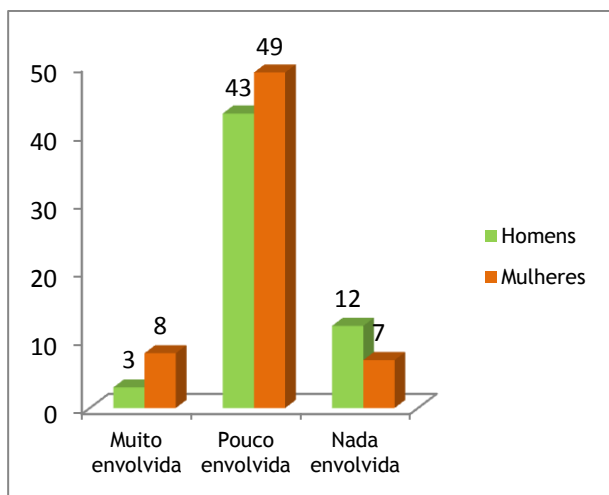


Gráfico 47- Questão 10: Opinião sobre o envolvimento da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com o sexo

A análise a esta questão de acordo com as habilitações literárias permite-nos verificar que em todos os grupos a maioria dos inquiridos seleccionou a opção “pouco envolvida”. No caso do grupo sem escolaridade os 100% apresentados correspondem a uma única resposta. No grupo com habilitações ao nível do 1º ciclo 93,3% dos inquiridos considera que a população local é pouco

envolvida no desenvolvimento turístico da região. No grupo com habilitações ao nível do 2º ciclo 62,5% dos inquiridos partilha dessa opinião bem como 73,1% no caso dos inquiridos com habilitações ao nível do 3º ciclo. Nos grupos com as habilitações mais elevadas esta opinião totalizou 74,5% de opiniões no caso dos inquiridos com formação secundária e 72% com formação superior.

Foram registadas opiniões considerando que a população local não era envolvida nas questões do desenvolvimento turístico da região em todos os grupos exceto no grupo sem escolaridade e no grupo de 1º ciclo. No caso dos inquiridos com habilitações ao nível do 2º ciclo a percentagem de respostas atingiu os 25%, já naqueles com habilitações ao nível do 3º ciclo registaram-se 15,4%. No caso dos inquiridos com habilitações ao nível do ensino secundário a percentagem nesta opção atingiu os 19,1% enquanto naqueles com habilitações ao nível do ensino superior o total contabilizado atingiu os 16%.

Com opiniões opostas, considerando que a população é “muito envolvida e participativa” registou-se uma percentagem de 6,7% indivíduos no grupo com escolaridade ao nível do 1º ciclo, 12,5% no grupo respeitante à escolaridade ao nível do 2º ciclo, 11,5% no grupo de escolaridade ao nível do 3º ciclo. Os Inquiridos com habilitações ao nível do ensino secundário e superior apresentaram percentagens na ordem dos 6% e 12% respetivamente.

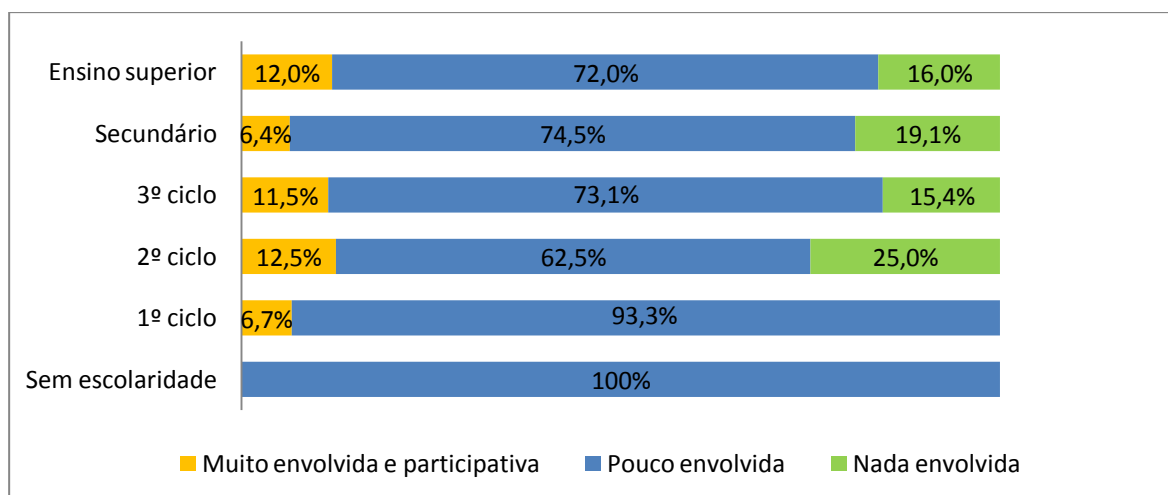


Gráfico 48- Questão 10: Análise percentual sobre o envolvimento da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com as habilitações literárias

Na análise da questão através da variável idade é possível constatar que o grupo com 65 ou mais anos é aquele onde se verifica a maior percentagem de inquiridos considerando que a população local é pouco envolvida nas questões do desenvolvimento turístico da região sendo que todas as respostas obtidas neste caso convergiram no mesmo sentido.

Nos restantes grupos etários verifica-se igualmente uma percentagem elevada de indivíduos que partilham desta opinião. O segundo grupo a apresentar uma maior percentagem de opiniões a considerando o pouco envolvimento da população é aqueles que diz respeito aos inquiridos entre os 18 e os 24 anos, neste caso 85% dos inquiridos manifestam essa opinião. O grupo que engloba os sujeitos com idades entre os 55 e os 64 anos é o terceiro a apresentar uma maior percentagem de respostas neste sentido com um total de 80% de respostas selecionando esta opção.

No caso dos restantes grupos as percentagens variaram entre os 62% e os 73%. No grupo com idades entre os 35 e os 44 anos, 73% dos inquiridos consideraram que a população era pouco envolvida, no grupo dos 25 aos 34 anos esta opção totalizou 70% das respostas e por último, no grupo dos inquiridos com idades entre os 45 e os 54 anos esta percentagem foi de 62%.

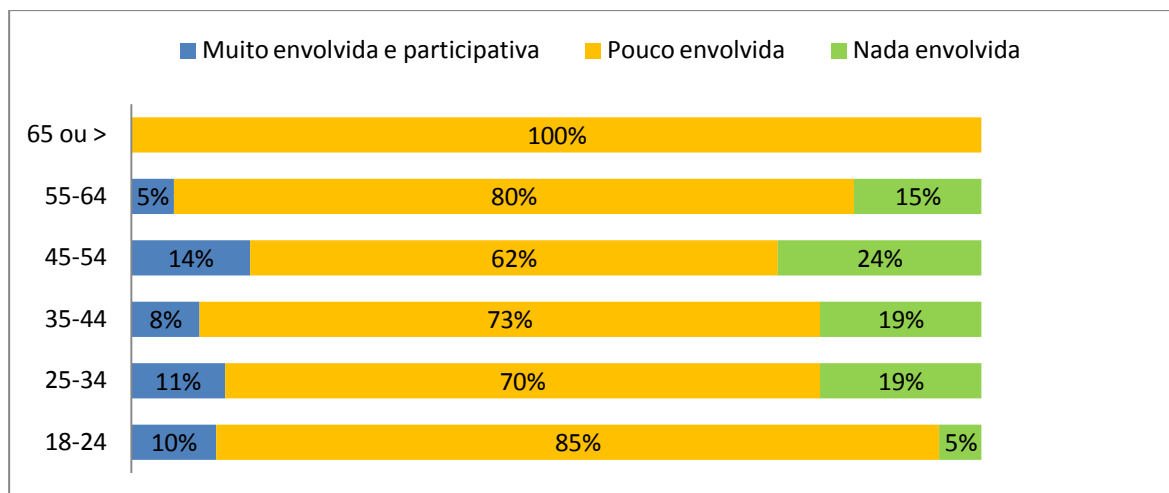


Gráfico 49- Questão 10: Análise percentual sobre o envolvimento da população local no desenvolvimento turístico da região de acordo com as faixas etárias

Questão 11- Opinião sobre fatores que motivam os turistas a visitar a freguesia

A questão 11 tentava recolher a opinião dos inquiridos relativamente aos fatores que motivam turistas ou visitantes a deslocarem-se à freguesia da Sertã, cada inquirido podia selecionar mais que uma opção. Os 122 inquiridos apresentaram um total de 404 respostas o que significa que cada indivíduo selecionou em média de 3 ou mais opções.

Dos 122 inquiridos 113 consideraram que a gastronomia é um dos fatores de atração local, deste modo esta opção foi a que contabilizou um maior número de respostas. A segunda opção mais selecionada foi a que fazia referência ao património natural. Esta opção registou um total de 77 respostas. A terceira opção mais selecionada foi a respeitante aos espaços e equipamentos de lazer com 59 respostas registadas. Seguiu-se a opção alusiva aos eventos culturais que foi selecionada por 48 inquiridos. As restantes opções registaram menor número de respostas como é o caso dos eventos desportivos, selecionados por 28 inquiridos, ou o caso das atrações de cariz religioso selecionadas por 24 inquiridos. Relativamente à opção alusiva ao património construído foram registadas 23 respostas. A opção referente ao alojamento registou apenas 10 respostas. Na opção “outros fatores” foram apresentadas duas respostas, designadamente artesanato e festas populares.

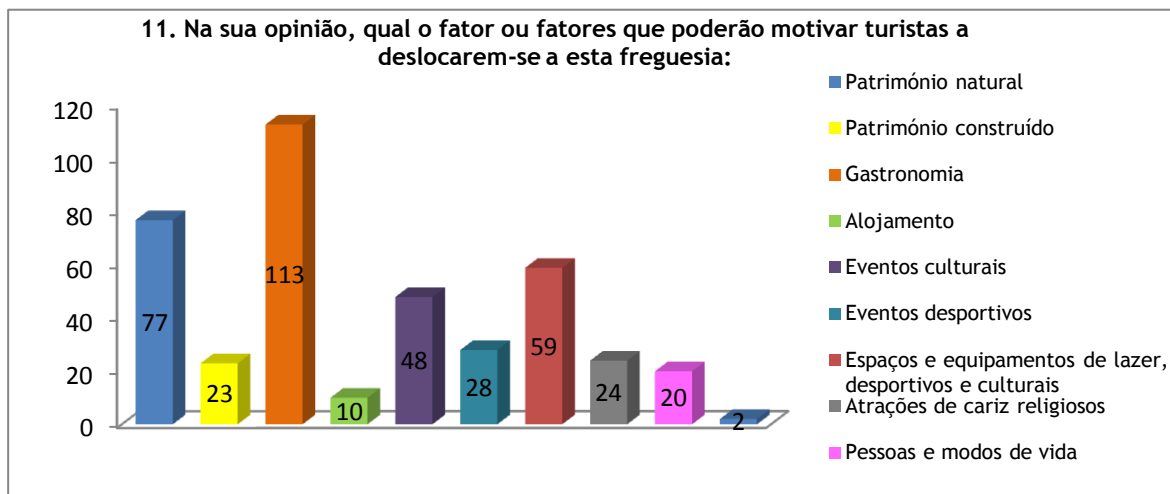


Gráfico 50- Questão 11: Opinião sobre fatores que motivam os turistas a visitar a freguesia

A maioria dos inquiridos independentemente do sexo considera que a gastronomia é o fator que mais motiva os visitantes ou turistas a visitar a freguesia. Ambos os sexos consideram que o segundo fator é o património natural e o terceiro os espaços e equipamentos culturais. Nesta questão é possível verificar que as mulheres selecionaram mais opções que os homens, enquanto os elementos do sexo masculino totalizaram 163 respostas as mulheres totalizaram 241 o que poderá significar que os elementos do sexo feminino consideram as características da região mais apelativas para turistas ou visitantes do que os elementos do sexo masculino. Esta diferença é visível nas restantes opções onde em alguns casos as respostas femininas chegam a ser o dobro em relação às masculinas.

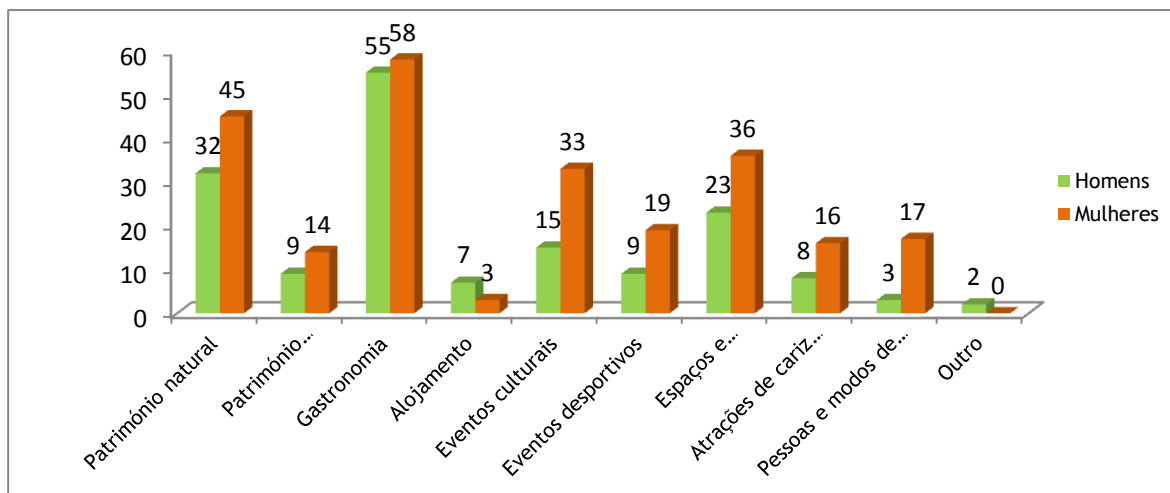


Gráfico 51- Questão 11: Opinião sobre fatores que motivam os turistas a visitar a freguesia de acordo com o sexo

Analisando esta questão de acordo com as habilitações literárias é possível verificar que para o indivíduo sem escolaridade os fatores que motivam os turistas ou visitantes a conhecer a região são, o património natural, a gastronomia, os eventos culturais, os eventos desportivos e os espaços e equipamentos de lazer.

Os quatro grupos com inquiridos com habilitações mais elevadas (ensino superior, ensino secundário, 3º e 2º ciclos) selecionaram mais vezes, como fatores que motivam os turistas a conhecer a região, a gastronomia, o património natural e os espaços e equipamentos de lazer.

Para o grupo com habilitações ao nível do 1º ciclo, as três opções mais selecionadas foram, a gastronomia, o património natural e os espaços e equipamentos de lazer.

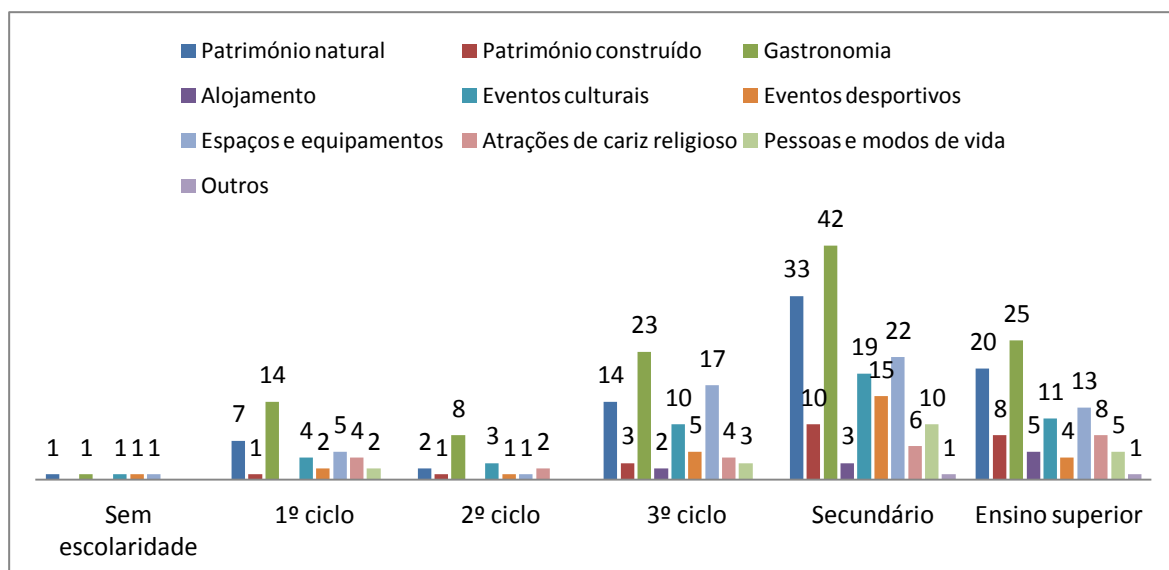


Gráfico 52- Questão 11: Opinião sobre os fatores que motivam os turistas a visitar a freguesia de acordo com as habilitações literárias

Na análise a esta questão de acordo com as idades dos inquiridos verifica-se que independentemente dessa variável todos os grupos selecionaram mais vezes a opção gastronomia.

A segunda opção mais escolhida pelos grupos com idades compreendidas entre os 18 e os 24anos, entre os 25 e os 34, entre os 45 e os 54 e os 55 e os 64 anos é o património natural. Os grupos de indivíduos com idades entre os 35 e os 44 anos ou aqueles com 65 ou mais anos selecionaram em segundo lugar a opção “espaços e equipamentos de lazer” sendo que no grupo dos indivíduos com 65 ou mais anos a opção “eventos culturais” obteve o mesmo número de respostas.

No grupo com idades entre os 35 e os 44 anos a terceira opção mais selecionada foi o património natural.

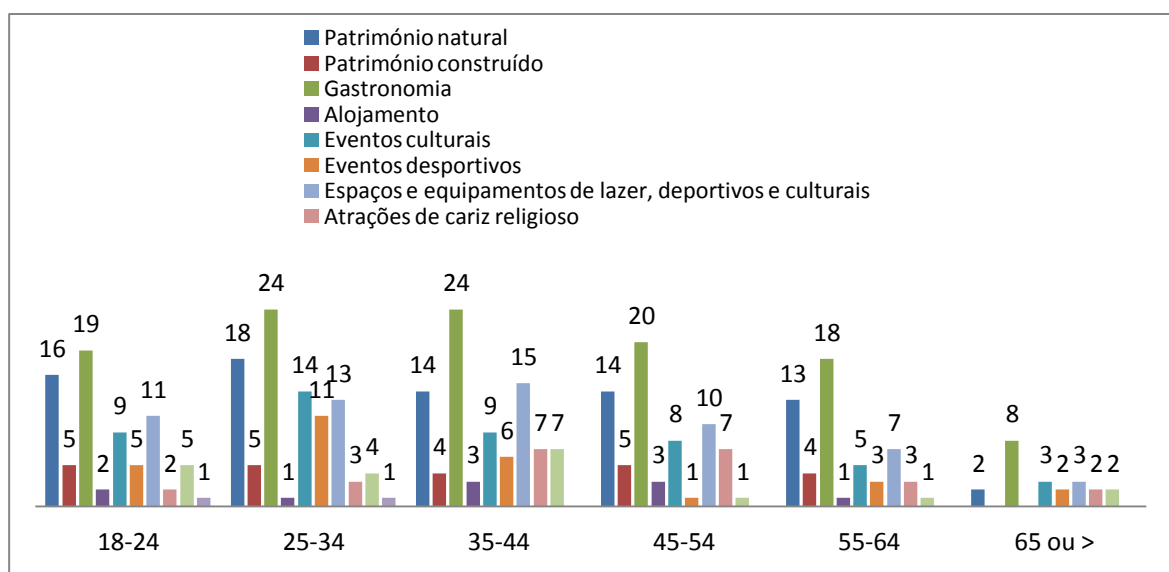


Gráfico 53- Questão 11: Opinião sobre os fatores que motivam os turistas a visitar a freguesia de acordo com as faixas etárias

1.3 Síntese Interpretativa

Numa análise geral aos resultados obtidos é possível verificar que a maioria dos inquiridos considera possuir alguns conhecimentos sobre o património cultural e natural da região sendo que esta autoavaliação apresenta valores ou percentagens mais significativos nos elementos do sexo feminino, no grupo com habilitações ao nível do ensino secundário e no grupo com idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos.

A área sobre a qual os inquiridos consideram possuir mais conhecimentos é a gastronomia tendo esta opção obtido 100 respostas no total das 122. Como já foi referido, o facto de um número elevado de inquiridos, independentemente do sexo, habilitações ou idades escolher esta opção pode estar relacionado com o facto de existirem alguns eventos ao longo do ano, sendo o Festival Gastronómico do Bucho e do Maranhão aquele com maior destaque e impacto no território, que promovem e valorizam a gastronomia local. Estes eventos de certa forma permitem que a população local contacte mais diretamente com este tipo de património e assim adquira também mais conhecimentos sobre o mesmo. O facto de estas iguarias serem confeccionadas pelos habitantes, sendo comum as gerações anteriores ensinarem às gerações posteriores o modo de confeção, pode também estar na origem destes conhecimentos mais alargados sobre a gastronomia local.

Quando questionada sobre a possibilidade de participar em workshops, ou formações que permitissem aos inquiridos alargar os seus conhecimentos na área do património natural, a maioria respondeu que estava interessada em fazê-lo, sendo que neste caso esta percentagem apresenta valores bastante superiores de respostas positivas vindas do sexo feminino. Os elementos com habilitações ao nível do ensino superior são os que manifestam maior interesse em participar em formações na área (excluindo o caso particular da resposta oriunda do inquirido sem escolaridade), verificando-se também um maior interesse nos inquiridos com idades compreendidas entre os 25 e 34 anos.

No que diz respeito a formações sobre acolhimento turístico, a maioria dos inquiridos respondeu que estava interessada em participar, verificando-se que, mais uma vez as mulheres se destacam apresentando uma maior receptividade que os homens. Em termos de habilitações literárias é o grupo com escolaridade ao nível do ensino secundário que manifesta uma maior interesse em ampliar os conhecimentos na área em questão. O grupo com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos é aquele que manifesta maior interesse em aprender mais sobre acolhimento turístico.

Quando questionados sobre a possibilidade de realizar atividades voluntariamente, ou em regime de prestação de serviços, junto dos turistas ou visitantes que se deslocassem à região a maioria dos inquiridos respondeu que estava aberto a essa possibilidade. As mulheres voltam a apresentar uma maior receptividade do que os homens. Os inquiridos com habilitações ao nível do 3º ciclo foram os que apresentaram também o maior número de respostas afirmativas, bem como o grupo de inquiridos com idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos.

Quando questionados sobre o tipo de atividade a realizar junto dos turistas, a maioria das respostas incidiu sobre a opção “visitas turísticas” seguindo-se “informações sobre o património local” e “experiências rurais”, sendo que nesta questão as duas primeiras opções foram mais selecionadas por homens e a terceira por mulheres. Os inquiridos com habilitações ao nível do

ensino secundário foram aqueles que mais selecionaram a opção “visitas turísticas. Registou-se também um maior número de respostas sobre esta opção nos indivíduos com idades entre os 45 e 54 anos.

Quando questionados sobre de que forma realizariam as atividades, se a título gratuito ou cobrando um valor, a maioria respondeu que o faria gratuitamente. As mulheres apresentam uma maior percentagem de respostas referindo a realização das atividades a título gratuito bem como os inquiridos com habilitações ao nível do 2º ciclo (excluindo a resposta do inquirido sem escolaridade) e aqueles que pertencem ao grupo dos 65 ou mais anos.

Relativamente à questão em que se tentava saber a opinião dos inquiridos sobre a mais-valia do desenvolvimento turístico para a região, a esmagadora maioria considerou que este era de facto uma vantagem para a região. Estas percentagens com ordens superiores a 90% foram registadas em todos os grupos independentemente do sexo, das habilitações ou das idades. Apenas 8% dos indivíduos com idades entre os 35 e 44 anos consideraram o contrário bem como 4% de indivíduos com escolaridade ao nível do 3º ciclo.

Na questão levantada sobre a importância da população local para o desenvolvimento turístico da região, a maioria dos inquiridos considerou que esta tinha um papel muito importante. Na análise à variável sexo, constata-se que as mulheres apresentam um número superior de respostas neste sentido. Também os indivíduos com habilitações ao nível do ensino superior apresentaram uma maior percentagem de respostas considerando a população muito importante neste setor, bem como, o grupo de sujeitos com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos.

Quando questionados sobre o envolvimento da população local ao nível do desenvolvimento turístico na atualidade a maioria dos inquiridos respondeu que esta se envolvia pouco. As mulheres apresentaram um número de respostas, neste sentido, superiores à dos homens neste sentido. Os inquiridos com habilitações ao nível do 1º ciclo foram os que apresentaram uma percentagem superior de respostas considerando o fraco envolvimento da população local (excluindo a resposta do inquirido sem escolaridade) bem como o grupo de sujeitos com idades iguais ou superiores a 65 anos, onde esta opinião registou os 100%.

Na última questão tentou fazer-se um levantamento de opiniões relativamente ao fator ou fatores que, na opinião dos inquiridos, motivavam os visitantes ou turistas a deslocarem-se à freguesia. Uma vez mais a gastronomia foi apontada como principal motivação, seguindo-se o património natural. Estes dois elementos foram selecionados independentemente do sexo, das habilitações literárias ou das idades.

Com base nos dados obtidos podemos afirmar que as mulheres apresentam, de um modo geral, maior recetividade em participar num projeto como o que se pretende desenvolver do que os homens. As variáveis como a idade ou escolaridade não parecem interferir nas respostas apresentadas dado que ao longo das várias perguntas do inquérito se foram destacando grupos diferentes.

CAPÍTULO V - Projeto de Animação Patrimonial e Turismo Apropriado

Nome do Projeto: À PORTA.com
Local de Implementação: Freguesia da Sertã
Objetivo Geral: Criar um projeto de Animação Patrimonial com os habitantes locais que vise o desenvolvimento, a médio e longo prazo, do turismo da região assente no modelo de Turismo Apropriado
Público-alvo: Comunidade e Turistas/Visitantes
Período de implementação das etapas base: 2 anos
Duração do projeto: Projeto de duração contínua

1. Descrição sumária do projeto À PORTA.com

O projeto a desenvolver visa mobilizar os habitantes locais da freguesia da Sertã a participar num projeto comunitário de Animação Patrimonial que possa levar posteriormente a um modelo de Turismo Apropriado na região. A ideia inicial é fomentar a valorização e preservação do património local através de um projeto artístico e posteriormente criar um projeto turístico. Quanto ao projeto turístico, o objetivo principal passa por permitir que exista um enriquecimento recíproco entre a população local e os turistas nas interações fomentadas pelo projeto. Deste modo, espera-se que cada pessoa possa contribuir de alguma forma para o enriquecimento da experiência do turista enquanto este vai conhecendo o território, pretendendo-se também que o contacto com o turista fomente um enriquecimento aos habitantes locais.

À PORTA.com é o nome do projeto cujas letras significam, Animação Patrimonial na Origem do Turismo Apropriado. O conceito que o projeto pretende desenvolver tentou ser transportado para o nome selecionado. Quando recebemos uma visita vamos recebe-la à porta da nossa casa, neste caso, os habitantes locais também recebem os turistas ou visitantes que vão ter a sua casa em busca de atividades e serviços, como se passará a explicar posteriormente. O termo “.com” usado no nome foi escolhido propositadamente pois remete quer para esta ideia de estar efetivamente com alguém e também para a ideia de se tratar de um site de internet como é o caso.

Este projeto será implementado ao longo das várias etapas por uma equipa constituída por dois Técnicos Superiores de Animação Cultural e um Técnico Superior de Turismo Ambiental e Rural. A esta equipa juntar-se-ão, de acordo com as necessidades específicas de cada fase do projeto, um Antropólogo Cultural e um Cineasta.

A par desta equipa multidisciplinar, e de forma a promover a participação ativa das coletividades da freguesia, o projeto será desenvolvido também, sempre que se verifique a pertinente, com a colaboração de indivíduos que representem as principais associações e grupos culturais locais.

Tendo também em consideração o apoio que se espera obter por parte da autarquia serão também criadas parcerias, sempre que necessário, com os técnicos do município responsáveis

por equipamentos culturais locais como por exemplo a Biblioteca e a Casa da Cultura bem como com os técnicos responsáveis pelo sector turismo.

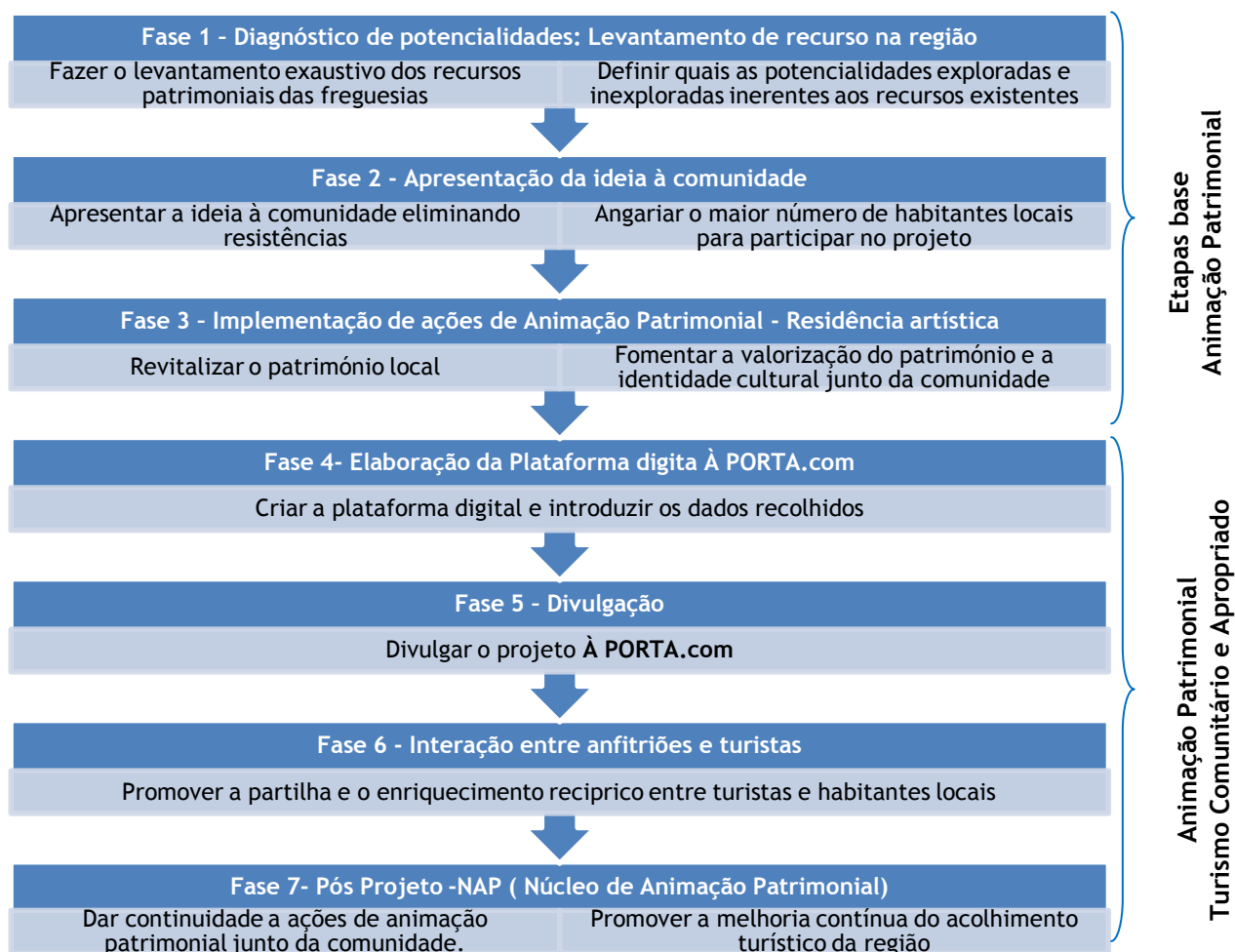
Para o sucesso do projeto “À PORTA.com” será necessário implementar uma série de fases com objetivos específicos.

1.1 Fases do projeto À PORTA.com

O projeto será dividido em seis fases sendo que as três primeiras, consideradas as etapas base, são desenvolvidas como Animação Patrimonial e as que se seguem são desenvolvidas já numa ótica de turismo apropriado e comunitário.

No final das primeiras três etapas haverá lugar a uma avaliação de forma a aferir os resultados obtidos e objetivos atingidos dentro da comunidade. No final das últimas três etapas será feita uma nova avaliação que permitirá fazer uma análise global ao projeto.

É estabelecido um período de dois anos para a implementação das três primeiras etapas que, como se explicará mais à frente, vão desde o levantamento de recursos, ações de animação patrimonial até à angariação de habitantes para integrar o projeto. Salienta-se que o projeto não tem uma data de término, uma vez que se pretende que a ideia se desenvolva a médio e longo prazo. No seu decurso, após a implementação das etapas base, serão desenvolvidas outras atividades e ações com o objetivo de fomentar uma melhoria continua no acolhimento turístico e valorização do património local por parte da comunidade.



Fase 1 - Diagnóstico de potencialidades: Levantamento de recurso na região (Matriz-história)

Objetivos específicos:

- Fazer o levantamento exaustivo dos recursos patrimoniais da freguesia
- Perceber quais as potencialidades exploradas e inexploradas inerentes aos recursos existentes

Descrição:

Nesta fase, a equipa fará um levantamento exaustivo dos recursos existentes na freguesia.

O levantamento de recursos patrimoniais passará por diferentes formas de pesquisa sendo dado grande ênfase à pesquisa nos locais junto da comunidade. Esta fase inicial servirá de contacto com os habitantes locais na recolha de informação e também para estabelecer uma pré-ação de sensibilização para o projeto a implementar futuramente. Nesta etapa será fundamental contactar o Posto de Turismo da Sertã de forma a unir esforços e obter todas as informações necessárias sobre a oferta turística da região e outros projetos existentes no âmbito do turismo.

Ações:

- Levantamento dos recursos patrimoniais das freguesias através de pesquisa em diversas fontes de informação

Fase 2 - Apresentação da ideia à comunidade/ Angariação de habitantes locais.

Criação de parcerias com associações e grupos culturais locais

Objetivos específicos:

- Apresentar a ideia à comunidade eliminando resistências
- Criar parcerias com associações e grupos locais fomentando a participação ativa destes elementos no projeto
- Angariar o maior número de habitantes locais para participar no projeto

Descrição:

Após o levantamento exaustivo dos recursos patrimoniais, será levada a cabo uma fase de sensibilização junto da comunidade onde seja explicado em que consiste o projeto, de forma a promover a mobilização do maior número possível de participantes

Tratando-se de uma ideia onde a comunidade tem um papel de extrema importância é necessário apostar num esclarecimento aprofundado sobre o que se pretende e eliminar alguma resistência inicial.

É muito importante que a equipa saiba motivar a comunidade e seja capaz de mostrar quais os impactos positivos que o projeto poderá ter no território.

Após a ação de sensibilização e mobilização da comunidade, será feito um levantamento dos habitantes locais interessados em participar no projeto.

Para além deste contacto com a população em geral far-se-á uma apresentação do projeto junto de associações e grupos culturais da freguesia de modo a que desde cedo estes atores locais sejam incluídos no projeto.

A ideia passa por criar uma oferta turística na região baseada nos recursos existentes e num modelo de turismo apropriado. No projeto entende-se por recursos um leque muitíssimo variado de possibilidades que vão desde o património natural, cultural, recursos humanos-população local, habitações, empresas, atividades rurais, modos de vida, entre muitos outros.

Ações a implementar:

- Apresentação da ideia em locais diversos: Junta de Freguesia; Associações Locais; Grupos locais de cariz cultural; religioso, desportivo ou outro; Escolas, entre outros
- Angariação de habitantes locais, grupos culturais e associações para integrar o projeto

Fase 3 - Implementação de ações de Animação Patrimonial - Residência Artística

Objetivos específicos:

- Revitalizar o património local através de um projeto artístico
- Fomentar a valorização do património e a identidade cultural junto da comunidade

Descrição:

Esta fase é muito importante e poderá levar vários meses. Serão sobretudo desenvolvidas várias atividades de animação patrimonial que visam sobretudo a promoção e valorização do património junto dos habitantes locais.

Neste sentido, serão desenvolvidas várias atividades educativas de cariz informal nomeadamente troca de saberes, partilha de experiências, de forma que os habitantes possam transmitir de uns

para os outros os seus conhecimentos. Serão planeadas visitas guiadas organizadas pelos próprios habitantes, de forma a darem a conhecer à comunidade informações sobre os pontos de interesse da freguesia.

Haverá espaço para a implementação de workshops de artesanato local onde serão convidados os artesãos locais, que darão a conhecer o seu trabalho e as técnicas associadas ao desenvolvimento da sua arte.

Também serão desenvolvidas recolhas e recreações de tradições antigas associadas ao folclore e à agricultura, nomeadamente danças, cantares, costumes, entre outras. Estas recreações serão apresentadas de uns habitantes aos outros.

Nesta etapa será promovida uma residência artística para a qual será convidado um cineasta que deverá desenvolver um filme/documentário sobre o património da freguesia com a participação ativa dos habitantes locais.

O artista será instalado num espaço cedido pela Câmara Municipal da Sertã e ao longo de dois meses levará a cabo várias iniciativas que deverão mobilizar a comunidade a participar no filme/documentário.

Este filme será usado posteriormente na plataforma digital como meio de publicitação da freguesia aos futuros turistas/visitantes.

Ações:

- Produção de um filme/documentário com um cineasta
- Atividades de cariz prático onde os habitantes apresentem de uns para os outros os seus saberes sobre o património local material e imaterial

Fase 4 - Elaboração da Plataforma À PORTA.com - Contacto com parceiros:

Objetivos específicos:

- Criar a plataforma digital e introduzir os dados recolhidos criando um perfil para cada habitante inscrito.

Descrição:

Nesta fase, serão contactadas empresas que desenvolvam software adequado, ou pessoas em nome individual que queiram ser parceiros deste projeto. O objetivo é que estes parceiros criem a plataforma online onde sejam, posteriormente, introduzidos todos os dados recolhidos no terreno. Existe também a possibilidade de criar parcerias com escolas onde sejam ministrados cursos superiores na área de programação e sistemas informáticos.

Serão ainda contactadas escolas onde sejam ministrados os cursos de cinema e fotografia ou empresas que queiram estabelecer parceria com o projeto para recolha de imagens e vídeo e edição dos mesmos para que possam ser usados, quer na plataforma, quer em diferentes situações que seja necessário. As imagens a recolher serão essencialmente sobre pessoas e modos de vida, saberes fazer, património etnográfico, cultural e natural.

Haverá necessidade de estabelecer parcerias com escolas ou empresas na área da publicidade de forma a ser criado o logotipo do projeto.

Após a plataforma online estar concluída serão introduzidos os dados recolhidos e criação dos perfis dos habitantes.

Os dados recolhidos têm que ver com o que cada pessoa da comunidade anfitriã pode oferecer a quem visita o território (de forma a melhor esclarecer este ponto serão apresentados mais à frente casos práticos que ilustram que tipo de informação é adicionada ao perfil).

Será também criada uma parceria com escolas, empresas ou pessoas em nome individual, que queiram integrar o projeto criando a sinalética associada ao projeto que será usada nas freguesias. As placas sinaléticas devem ter uma linguagem “universal” e apelativa que permita aos turistas uma interpretação quase intuitiva da mesma.

Finalmente proceder-se-á à distribuição e aplicação da sinalética pela freguesia. Relativamente à sinalética, cada habitante que decida participar terá uma placa de identificação na sua empresa ou residência indicando que tipo de serviços/produtos oferece (esta situação também será ilustrada mais à frente).

Ações:

- Contactar uma empresas/escolas que esteja disponível para criar a plataforma e imagem de marca sendo nossa parceira neste projeto.
- Criação da plataforma e introdução dos dados
- Contactar uma empresa/escola que esteja disponível para participar na recolha de vídeos e fotografias da freguesia
- Contactar uma empresa/escola que esteja disponível para criar a sinalética
- Criação da sinalética e sua aplicação na freguesia

Fase 5 - Divulgação/Comercialização

Objetivos específicos:

- Divulgar o projeto À PORTA.com

Descrição

Esta fase será bastante importante pois é a partir da divulgação que os possíveis turistas tomarão conhecimento do projeto.

Serão contactadas organizações e redes nacionais e internacionais ligadas ao sector do turismo de forma a dar a conhecer o projeto. As entidades selecionadas foram aquelas que através de pesquisas nos respetivos sites revelaram maior preocupação com formas de turismo justo, solidário e comunitário.

Na lista de possíveis contactos internacionais encontram-se:

- AITR -Asociación Italiana de Turismo Responsable, Itália
- ATES - Association de Tourisme Équitable et Solidaire
- ATR - Acción por un turismo responsable, Espanha
- EARTH -European Alliance for responsible Tourism and Hospitality

- REDTURS - Rede de turismo comunitario da America Latina
- RITA -Rede iberoamericana de turismo para el uso responsable de los recursos naturales
- TRES - Turismo Responsable e Solidale Europa
- UNWTO - United Nations World Travel Organization

A par das entidades citadas será fundamental contactar entidades nacionais tais como:

- Turismo de Portugal
- Turismo Centro de Portugal
- PRIVETUR - Associação Portuguesa de Turismo em Espaço Rural

Divulgação através da internet

Deverão ser estudadas nesta fase as melhores estratégias de marketing turístico que levem a uma promoção eficaz do projeto.

O contacto com as entidades acima referidas permitirá por um lado dar a conhecer o projeto e por outro lado fomentar a divulgação do mesmo através dos sites destas entidades. A divulgação através destas entidades passa por criar links e banners electrónicos nos seus sites que levem os utilizadores a consultar a nossa plataforma. Deste modo a internet será um instrumento poderoso e valiosíssimo para a divulgação do projeto.

As redes sociais são formas de divulgação que para além da vantagem de serem económicas apresentam a mais-valia de fomentar a disseminação de informação. Deste modo apostar-se-á fortemente nestes instrumentos como meios de publicitação do projeto.

Apesar do projeto fugir um pouco ao conceito convencional de produto turístico será importante apostar numa divulgação junto de operadores turísticos e agências de viagens de forma a criar parcerias com este tipo de empresas.

Ações:

- Elaboração de estratégias de marketing eficazes e eficientes
- Divulgar o projeto através de redes sociais
- Criar banneres eletrónicos e hiperligações em páginas relacionadas com o setor turístico
- Criar uma newsletter mensal divulgando a autenticidade da região e experiências de animação patrimonial que podem ser realizadas pelos turistas

Fase 6- Interação entre anfitriões e turistas

Objetivos específicos:

- Promover o enriquecimento recíproco entre turistas e habitantes locais

Descrição:

Esta é a fase em que a freguesia já se encontrará apta a receber os turistas e visitantes numa filosofia de turismo apropriado. Nesta etapa desenrolar-se-á o contacto entre turistas e anfitriões.

Nesta fase será fundamental fomentar um clima de partilha entre turistas e habitantes locais na medida em que a experiência de turismo apropriado assenta na filosofia de que ambos os grupos devem tirar proveito deste contacto, enriquecendo-se, quer a nível pessoal, quer a nível social.

Ações:

- Apoiar os habitantes locais sempre que necessário nas experiências, atividades ou serviços que se disponibilizaram a oferecer de forma a gerar um bom acolhimento turístico e fomentar o sentido de partilha entre turistas e anfitriões.

Fase 7- Pós Projeto

Objetivos específicos:

- Dar continuidade a ações de animação patrimonial que promovam e divulguem o património local junto da comunidade.
- Criar um evento anual, com a participação da comunidade, que vise a dinamização do património local com base em residências artísticas.
- Promover a melhoria contínua do acolhimento turístico da região e fomentar a qualidade dos serviços turísticos
- Oferecer assessoria técnica para criação de novos produtos/serviços assentes na filosofia do turismo comunitário e apropriado

Descrição:

Após a implementação de todas as fases, anteriormente descritas, do projeto no terreno, será fundamental dar continuidade à ideia a vários níveis, de forma a permitir uma melhoria contínua da plataforma, dos recursos oferecidos a quem visita a região e do acolhimento turístico por parte da comunidade local.

Dando continuidade ao projeto espera-se criar um pequeno espaço onde os habitantes se possam deslocar para obter informações sobre o projeto À PORTA.com, bem como os turistas que necessitem de algum esclarecimento ou apoio na organização das experiências que querem usufruir na região.

Será igualmente importante realizar uma residência artística anual, para a qual sejam convidados diferentes artistas, desde músicos, atores, encenadores, pintores, entre outros.

Esta residência artística deverá ser o ponto de partida para a criação de um evento anual no qual a comunidade trabalhe com o artista convidado em torno de um aspeto do património local. Desta residência artística poderão resultar diferentes propostas que poderão ir desde as artes performativas, como por exemplo, a criação de uma peça de teatro com os habitantes, à realização de uma exposição de trabalhos artísticos desenvolvidos pela comunidade com o apoio do artista convidado.

Esta residência artística anual tem como objetivo manter ativa a revitalização do património através das artes.

Ao longo do ano serão também apresentados espetáculos, exposições e outras performances artísticas de modo a que a comunidade tenha acesso a estes bens culturais e sempre que seja possível participe ativamente nos mesmos.

Ações:

- Criar um gabinete de apoio e assessoria técnica a habitantes locais que queiram desenvolver projetos em torno do património existente.
- Dinamizar várias atividades de Animação Patrimonial nomeadamente, serões de partilha de histórias, lendas, mezinhas de modo a fomentar também o convívio e o fortalecimento de laços dentro da comunidade.
- Desenvolver anualmente uma residência artística da qual resulte um projeto artístico comunitário
- Organizar sessões de esclarecimento, formações, workshops sobre o património local sendo também promovidas formações no âmbito do acolhimento turístico.
- Estruturar um espaço onde estarão disponíveis, histórias, lendas, tradições locais, saberes fazer e outros dados relevantes, recolhidos previamente junto dos habitantes locais, de forma a criar um arquivo em diferentes formatos (áudio, vídeo, registo escrito, etc.).

2. Público - A quem se destina o projeto?

Em primeiro lugar, como já foi referido inúmeras vezes, o primeiro público-alvo é a própria comunidade, associações e grupos culturais locais.

Tratando-se de um projeto de animação patrimonial, serão sempre os habitantes locais os elementos principais para os quais se direciona o projeto. No entanto, caso o projeto de animação patrimonial se desenvolva da forma esperada, mais cedo ou mais tarde, a freguesia será procurada por visitantes e turistas e deste modo surge um segundo público-alvo que é consequência do trabalho desenvolvido com a comunidade. Assim sendo, o segundo público-alvo são turistas ou visitantes que revelem interesse em conhecer as freguesias através de uma forma de turismo apropriado. Este projeto destina-se a um nicho de mercado mais direcionado para um modelo de turismo alternativo, no qual o turista procura uma experiência mais autêntica e próxima com a comunidade e com o território que visita.

3. Como funciona a plataforma À PORTA.com

A plataforma funciona como um site interativo onde se pretende que quem a visita possa ficar com uma ideia geral sobre a freguesia. Os conteúdos introduzidos na plataforma serão selecionados criteriosamente, uma vez que este site será o primeiro contacto entre possíveis visitantes/turistas e a região. Neste caso, será fundamental que a plataforma exiba um layout apelativo, interativo e dinâmico. No fundo, tentar-se-á criar um site que fomente a curiosidade dos visitantes sobre este território e que suscite o desejo de vir conhecer a região e experimentar as experiências que esta tem para oferecer.

A plataforma poderá ser acedida de quatro formas diferentes:

Administradores - Este é o papel assumido pelos membros da equipa À PORTA.com. Os administradores selecionam e colocam os conteúdos na plataforma. Os administradores gerem também a informação colocada pelos outros utilizadores da plataforma e auxiliam os mesmos sempre que for necessário.

Habitantes - Estes utilizadores têm de estar registados na plataforma. O seu registo implica a criação de um perfil que funcionará à semelhança dos perfis existentes nas redes sociais. Em cada perfil cada utilizador poderá colocar informações, fotografias, vídeos sobre os produtos, serviços ou experiências que oferece ou vende aos turistas.

Turistas - Estes utilizadores têm de estar registados na plataforma. O seu registo implica a criação de um perfil que funcionará à semelhança dos perfis existentes nas redes sociais. Estes perfis permitem que quem visitou a região possa falar da sua experiência, colocar vídeos e fotos dos locais que conheceu e que interaja com os habitantes da freguesia.

Os perfis de Turistas e Habitantes servem para que ambos os grupos possam manter-se em contacto.

Visitantes - Estes não precisam de estar registados na plataforma e acedem à informação disponibilizada. É a primeira forma de contacto com a plataforma uma vez que se trata de um simples visitante do site.

4. Impactos previstos no território

Calcula-se que a implementação de um projeto desta natureza fomente outras atitudes na população e provoque mudanças no território. Neste ponto, serão apresentados os impactos sociais, culturais, ambientais e económicos que se esperam alcançar, em consequência do projeto apresentado.

4.1 Impactos sociais

A nível social espera-se que o projeto proporcione algumas alterações dentro da comunidade nomeadamente:

- Minimização do isolamento dos seniores residentes na freguesia da Sertã
- Reforço das relações interpessoais entre os habitantes locais
- A rentabilização de pessoas desempregadas num projeto que as faça sentir elementos ativos na comunidade

4.2 Impactos culturais

- Valorização do património local como elemento da identidade cultural local e recurso turístico da região
- Capacitação dos habitantes locais na interpretação do seu património

- Revitalização de tradições adormecidas ou esquecidas
- Aumento da oferta cultural com base numa filosofia participacionista onde a comunidade é simultaneamente consumidora e produtora de bens culturais
- Intercâmbio cultural (partilha de conhecimentos entre turistas e anfitriões)

4.3 Impactos ambientais

- Proteção do património natural da região
- Valorização do património natural enquanto recurso turístico da região
- Proteção de plantas e árvores endógenas em detrimento de espécies invasoras

4.4 Impactos económicos

- Rentabilização económica de edifícios desabitados
- Aumento da produção e venda de produtos endógenos
- Aumento da procura de serviços turísticos na região

5. Viabilidade Financeira do Projeto

O projeto deverá adotar estratégias que lhe permitam assegurar a sustentabilidade financeira do mesmo. Essencialmente, os fundos necessários para a implementação do projeto serão conseguidos através de programas de apoio ao investimento, apoio por parte da CMS e ainda à criação e venda de alguns produtos e serviços associados ao projeto.

Poderão vir a ser realizadas candidaturas de apoio ao investimento em alguns dos seguintes programas (que apresentem mais vantagens, melhores taxas de incentivo,):

- LEADER - Ligações Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural
- PRODER - Programa de Desenvolvimento Rural
- QREN- Quadro de Referência Estratégico Nacional
- REGFIN- Regime Geral dos Financiamentos do Turismo de Portugal, I.P.
- SIVETUR - Sistema de Incentivos a Produtos à Vocação Estratégica

Quanto a receitas obtidas através da venda de produtos ou serviços disponibilizados destacam-se:

- Download para dispositivos tecnológicos (Smartphone, iPad, iPod, GPS, etc.) de circuitos, percursos, itinerários e rotas temáticas pela região.

Este serviço permitirá que cada turista ou excursionista que aceda à plataforma possa fazer download (mediante um pagamento) de circuitos, percursos, itinerários e rotas temáticas.

Ainda é possível criar estes circuitos, percursos, itinerários e rotas temáticas personalizadas de acordo com os interesses do turista sendo que neste caso o preço será mais elevado.

- Elaboração de pacotes para turistas e excursionistas (alojamento, refeição, atividades)

A filosofia do projeto é que o turista chegue à freguesia e parta à descoberta dos lugares e pessoas, daí o conceito de bater à porta das casas e estar à porta com., no entanto, existem

sempre turistas que preferem ter algo previamente definido. Para estes casos o À PORTA.com cria pacotes onde se define previamente o alojamento, as refeições e as atividades de acordo com os interesses do turista e disponibilidade dos anfitriões. Estes pacotes são pagos, como qualquer pacote criado por um operador turístico.

➤ Venda de produtos endógenos através da plataforma

O interesse da plataforma À PORTA.com é manter os turistas e visitantes fidelizados com o destino, nesse sentido, uma das formas de o conseguir é permitir que o turista ou excursionista após a visita ao local possa manter a relação com as pessoas e os produtos da região. Deste modo o projeto permite que os produtos locais sejam adquiridos através da plataforma.

O azeite provado no lagar de um anfitrião pode ser comprado, quer no momento em que a experiência ocorre, quer posteriormente quando o turista já está de novo em casa.

Esta estratégia permite, por exemplo, que os turistas adquiram produtos que ajudaram a produzir. Por exemplo um turista que participou na vindima pode posteriormente adquirir esse vinho através da plataforma.

➤ Integração de outros destinos na plataforma

Esta fonte de lucros advém da introdução de outros destinos na plataforma. Se o projeto for bem sucedido será reconhecido e outros municípios ou regiões poderão apresentar interesse em promover esta forma de turismo.

No caso de esta situação ocorrer a plataforma funcionará por zonas. Neste caso o turista procura o destino e dentro do destino encontra os dados da região.

➤ Aplicação do projeto em outras regiões

É possível que outras regiões queiram aplicar projetos semelhantes e necessitem de assessoria técnica em todo o trabalho prévio desde a pesquisa, ao contacto com a comunidade, métodos de aplicação do projeto de acordo com as características territoriais, formações sobre a plataforma, entre outras. Neste caso, mediante pagamento será disponibilizada esta assessoria técnica durante todo o processo.

➤ Publicidade

Outra estratégia de gerar dinheiro consiste na publicidade a restaurantes, hotéis, ou outros serviços turísticos na plataforma. Quanto a este método será sempre feito com rigor, cuidado estético e criteriosamente de forma a não descaracterizar a plataforma.

6. Cronograma

Fases do Projeto	Ações por fase	Meses 1º Ano de Implementação												Meses do 2º Ano de Implementação											
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Fase 1	Levantamento dos recursos patrimoniais das freguesias através de pesquisa em diversas fontes de informação	■	■	■	■	■	■																		
Fase 2	Apresentação da ideia em locais diversos: Junta de Freguesia; Associações Locais; Grupos locais de cariz cultural; religioso, desportivo ou outro; Escolas						■	■																	
	Angariação de habitantes locais para integrar no projeto						■	■																	
Fase 3	Organização e implementação de atividades de cariz prático onde os habitantes apresentem de uns para os outros os seus saberes sobre o património local material e imaterial Residência artística (R.A.) - Produção de filme/documentário sobre a freguesia								■	■	■	■	R. A.	■	■										
Fase 4	Contactar várias empresas/escolas e encontrar quem esteja disponível para criar a plataforma e imagem de marca sendo nossa parceira neste projeto.												■	■	■										
	Criação da plataforma e introdução dos dados															■	■								
	Contactar uma empresa/escola que esteja disponível para criar a sinalética												■	■	■										
	Criação da sinalética e sua aplicação na freguesia															■	■								
Fase 5	Divulgação da plataforma																	■	■	■	■	■	■	■	
Fase 6	Apoiar os habitantes locais no acolhimento turístico																	■	■	■	■	■	■	■	
Fase 7	Continuação da implementação do projeto de Animação Patrimonial e Turismo Apropriado																							∞	

7. Recursos

7.1 Recursos humanos

Para a implementação do projeto serão necessários alguns recursos humanos que componham uma equipa multidisciplinar que estejam aptos a trabalhar nas diferentes etapas e valências do projeto. Passaram a indicar os elementos e suas respetivas funções.

Técnicos	Nº	Duração da prestação de serviços	Fase	Funções
Técnico Superior de Animação Cultural	2	24 meses + continuidade do projeto (apenas 1)	Todas	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilizar a comunidade em torno do projeto de Animação Patrimonial e Turismo Apropriado • Apresentar o projeto aos vários parceiros e à comunidade • Angariar habitantes locais para integrar na plataforma • Planificar, implementar e avaliar atividades de animação patrimonial • Apoio nas diferentes fases do projeto
Antropólogo Cultural	1	6 meses	Fase 1	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar o levantamento da história e património etnográfico da região • Proceder ao registo em diferentes suportes da informação recolhida
Cineasta	1	1 a 2 meses	Fase 3	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir um documentário sobre a freguesia (património cultural material e imaterial)
Técnico Superior de Turismo Ambiental e Rural	1	24 meses + continuidade do projeto	Todas	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar o levantamento dos recursos turísticos da freguesia • Elaborar percursos, rotas, circuitos, itinerários temáticos pela freguesia • Elaborar pacotes turísticos • Prestar formações no âmbito do turismo à comunidade • Trabalhar em equipa com os técnicos de Animação.

7.2 Recursos logísticos

- Espaço para servir de sede do projeto - Apresentar o projeto à Camara Municipal pedir apoio através da cedência do edifício subvalorizado junto às margens da ribeira da Sertã, situada no centro da vila. Este espaço com boas condições de conservação seria o local ideal pois para além da sua localização geográfica também se situa numa zona muito apelativa e apreciada por quem visita a vila.
- Equipamentos materiais básicos- Mesas e cadeiras (aproveitar os equipamentos da referida escola)

Nota: Os recursos matérias aparecem no orçamento de forma a evitar repetição desnecessária de informação

8. Orçamento

Recursos Humanos	Nº de Técnicos	Duração da prestação de serviços	Valor Mensal	Valor Total
Técnico Superior de Animação Cultural	2	24 meses	2 400 euros	57 600 euros
Técnico Superior de Turismo Ambiental e Rural	1	24 meses	1 200 euros	28 800 euros
Antropólogo Cultural	1	6 meses	1 200 euros	7 200 euros
Cineasta	1	1 a 2 meses	3 000 euros	3 000 euros
Total				96 600 euros

Recursos Materiais	Quantidade	Especificidade	Valor unitário	Valor Total
Computador	3	...	1 100 euros	3 300 euros
Impressora Multifunções	1	---	100 euros	100 euros
Material de escritório - desgaste, consumíveis, etc.	x	Papel, tinteiros de impressora, canetas, etc.	X	500 euros
Placas identificativas	100	Placas a sinalizar locais onde se pratica turismo apropriado	10 euros	1 000 euros
Total				4 900

Orçamento total

	Montante
Recursos Humanos	96 600 euros
Recursos Materiais	4 900 euros
Manutenção técnica da plataforma	1 000 euros
Publicidade	3 000 euros
Ajudas de custo (combustível e deslocações de funcionários em viatura própria)	2 000 euros
Total	107 500 euros

9. Exemplos Práticos:

Para um melhor entendimento do projeto a partir do momento em que é criada a plataforma À PORTA seguem-se alguns exemplos práticos.

Exemplo 1

O senhor António e a senhora Arminda são dois habitantes da freguesia da Sertã que, quando o projeto lhes foi apresentado, decidiram integrar o mesmo.

Resolveram que uma boa forma de contribuir para enriquecer a experiência do turista na nossa região era proporcionar-lhe a oportunidade de participar na apanha da azeitona.

O casal decide oferecer esta experiência ao turista a título gratuito, pois ambas as partes beneficiam com a situação. O turista vive uma experiência única e o casal tem mais uma ajuda nesta tarefa agrícola.

Este casal será inscrito na plataforma digital onde será criado um perfil onde apresentará a sua oferta ao turista.

Exemplo 2

Após conhecer o projeto, Rosa decide integrar-se na plataforma, como conhece muito bem a vila da Sertã e em particular todo o património religioso que caracteriza a localidade, decide fazer voluntariado como acompanhante de turistas que estejam interessados em conhecer melhor esta riqueza da região.

É criado um perfil na plataforma para Rosa onde será inserida a sua disponibilidade para acompanhar turistas nestas visitas.

Exemplo 3

Olinda fabrica queijos artesanalmente e decide proporcionar aos turistas que visitam a região, uma vez por semana, uma manhã onde poderão assistir e confeccionar queijos.

Olinda vive numa aldeia e passa muito tempo sozinha, pensa que esta experiência lhe poderá trazer bons momentos de convívio combatendo um pouco a solidão dos dias.

Olinda oferece esta atividade aos turistas sem cobrar nenhum valor no entanto a contrapartida é que os turistas comprem alguns dos queijos confeccionados.

Será criado um perfil para Olinda onde se apresentará a sua oferta.

Exemplo 4

Manuela e Carlos são um jovem casal, devido ao desemprego que assola a região são obrigados a emigrar. Antes de partir contactam À PORTA para que a casa que vão deixar fechada possa ser usada durante a sua ausência.

O casal decide contribuir para a plataforma disponibilizando a sua residência para pernoitas cobrando um montante por estadia e deste modo rentabilizar de alguma forma o imóvel, que de outra forma, ficaria fechado o ano inteiro.

Será criado um perfil para o casal onde será introduzida a sua residência como local de estadia para turistas.

Exemplo 5

Alberto é um jovem que adora macro fotografia. Decide contribuir para a plataforma organizando, em conjunto com mais dois amigos, alguns passeios pelas zonas verdes onde os turistas possam fotografar a fauna e a flora da região.

Os jovens decidem cobrar x euros a cada turista que queira participar na atividade.

Exemplo 6

A Filarmónica União Sertaginense decidiu integrar na plataforma de modo a conseguir angariar alguns fundos para a aquisição de instrumentos novos.

Neste caso é oferecida uma visita à sede da Filarmónica União Sertaginense em troca de uma doação sem valor estabelecido. Nesta visita o turista poderá ouvir a história deste grupo cultural da região, ver alguns dos instrumentos centenários em exposição e fotografias históricas. No final da visita terá ainda a possibilidade de assistir a um ensaio da banda.

Exemplo 7

O senhor Jaime tem um rebanho de ovelhas das quais retira lã e leite. Considera que muitas pessoas que nunca tiveram contacto direto com estas animais poderiam gostar da experiência de ordenhar ou até fazer a tosquia. Inscreve-se na plataforma de forma a proporcionar esta vivência aos turistas. Em contrapartida cada turista deverá comprar alguns produtos artesanais confeccionados pela sua esposa com a lã de ovelha.

Os exemplos apresentados servem apenas para ilustrar um sem fim de situações que poderão surgir, sendo as possibilidades tão mais variadas quanto maior for o número de habitantes inscritos na plataforma.

A plataforma também está disponível para ter a participação de empresas ligadas ao sector turístico tais como hotéis, restaurantes, empresas de animação e outras. As empresas poderão usufruir da plataforma como espaço de divulgação dos seus produtos e serviços.

Para cada empresa também será criado um perfil onde será identificado o tipo de serviço ou produtos prestados e outras informações pertinentes.

Para além da plataforma digital onde estão inseridas todas as informações dos habitantes que integram o projeto, serão criadas placas sinaléticas que cada habitante aplicará na sua residência/empresa identificando o tipo de serviço que pode oferecer ao turista. Deste modo, à medida que o turista passeia pela freguesia vai descobrindo estas placas que identificam oportunidades de interagir com os habitantes locais.

Em cada placa será criada também uma legenda com a disponibilidade de cada atividade/serviço e seu custo (caso exista).

Suponhamos que um habitante disponibiliza experiências rurais no âmbito da agricultura e que essa experiência é a vindima, na sua placa aparecerá o período do ano em que é possível realizar essa atividade.

Exemplo:



Ilustração 1: Habitante que disponibiliza experiências rurais - contacto com animais

Fonte: http://www.123rf.com/photo_18809493_farmer-gardener-fisherman-poultry-lumberjack-hunter-village-job-occupation-sign-pictogram-symbol-ico.html



Ilustração 2: Habitante que disponibiliza experiências rurais - agricultura

Fonte: http://www.123rf.com/photo_18809493_farmer-gardener-fisherman-poultry-lumberjack-hunter-village-job-occupation-sign-pictogram-symbol-ico.html



Ilustração 3: Habitante que disponibiliza refeições

Fonte: Autoria própria - adaptação de imagens obtidas em http://www.123rf.com/photo_18809493_farmer-gardener-fisherman-poultry-lumberjack-hunter-village-job-occupation-sign-pictogram-symbol-ico.html e em <http://www.shutterstock.com/pic.mhtml?id=84490012>



Ilustração 4: Habitante que disponibiliza alojamento

Fonte: Autoria própria - adaptação de imagens obtidas em http://www.123rf.com/photo_18809493_farmer-gardener-fisherman-poultry-lumberjack-hunter-village-job-occupation-sign-pictogram-symbol-ico.html e em <http://www.shutterstock.com/pic.mhtml?id=84490012>

Considerações Finais

O trabalho de projeto apresentado tentou promover a visão de que o património natural e cultural dinamizado pela comunidade pode contribuir para o desenvolvimento endógeno do seu território. Esta premissa partiu da revisão da literatura, na qual se constatou a existência de vários autores corroborando esta ideia.

Durante a revisão bibliográfica foi também possível constatar que tanto na área da Animação Comunitária, na Educação Patrimonial e no Turismo Apropriado, as bases conceptuais deste projeto, às quais se junta a Animação Patrimonial e a Animação Artística, a comunidade assumia para os vários autores um papel fulcral no desenvolvimento e implementação de projetos em diferentes âmbitos.

Com base nesta fundamentação e com os conhecimentos prévios sobre a Sertã esboçaram-se os primeiros traços de um projeto, cuja finalidade se centra em permitir que a comunidade assumia um papel de destaque na valorização e preservação do património autóctone e assim se possibilite a médio e a longo prazo a implementação de um modelo de turismo apropriado. No entanto, para perceber se uma ideia desta natureza faria sentido aplicar numa freguesia como a da Sertã, e de forma a estruturar algo adequado ao território e à comunidade, foi necessário o levantar de questões e o encontrar das suas respostas.

Após a revisão da literatura prévia e antes de avançar para o terreno foi importante definir estratégias de atuação, escolher metodologias a adotar tendo em consideração os recursos e tempo disponíveis.

Desta feita, optou-se pela aplicação de métodos quantitativos para proceder à recolha de dados primários no território.

Primeiramente foi necessário compreender qual o nível de conhecimento que a população inquirida considerava possuir sobre o património local e quais as áreas sobre as quais detinham mais conhecimentos. A este respeito foi possível verificar que, de um modo geral, os inquiridos, consideraram ter alguns conhecimentos, sendo que a área da gastronomia foi aquela onde a maioria considerou deter mais saberes. Esta questão tornou-se fundamental para perceber qual o ponto de partida para um projeto como aquele que foi proposto.

Certamente que se os resultados obtidos indicassem que a maioria dos inquiridos consideravam possuir poucos ou nenhuns conhecimentos sobre o tema, seria necessário apresentar mais propostas que visassem a aquisição de conhecimentos por parte da comunidade em relação ao património da freguesia.

Outra questão de extrema importância foi tentar compreender qual o nível de receptividade da população inquirida em aplicar esses conhecimentos de forma a participar num projeto de animação patrimonial.

A este respeito a população inquirida demonstrou estar recetiva para o fazer, caso contrário, seria importante criar estratégias no projeto que promovessem a recetividade da população a esta ideia.

Foi igualmente importante perceber de que forma os inquiridos estariam interessados em participar num projeto de animação patrimonial. Só através destas respostas se tornou possível apresentar propostas de serviços e atividades a serem desenvolvidas pela comunidade junto dos turistas ou visitantes.

Estas respostas obtidas às questões de partida foram conseguidas através da recolha de dados primários que consistiu na aplicação de inquéritos por questionário a 122 habitantes, representando 2% da população da freguesia da Sertã, A sua análise foi realizada considerando as seguintes variáveis: idade, género e habilitações literárias.

Mediante a revisão da literatura, as características do território e os resultados obtidos nos inquéritos aplicados, o esboço inicial começa a adquirir contornos mais nítidos e adequados à realidade estudada, tendo como resultado final o projeto À PORTA.

Limitações do Trabalho de Projeto

O trabalho apresentado foi condicionado por alguns fatores que de forma direta ou indireta contribuíram para as limitações que se passam a descrever.

Quanto à fundamentação teórica deve apontar-se o facto de não ter sido encontrada, ao longo das pesquisas, bibliografia específica sobre o conceito de Animação Patrimonial.

Pode considerar-se que esta forma de animação existe, na medida em que lhe é feita referência em meios de divulgação de eventos centrados no património ou em escassos documentos que surgiram sobre animação e património em fontes informais como sites e blogs.

Esta carência de informação oriunda de fontes e autores fidedignos levou à tentativa de conceptualização desta forma de dinamização do património, no entanto, assume-se que sobre este conceito ainda muito haverá a escrever e a refletir.

Ainda sobre a fundamentação teórica e suas limitações, há que dizer que teria tido todo o interesse para o trabalho, a apresentação dos impactos causados pelo modelo de Turismo Apropriado no caso prático apresentado sobre o Havai. Sobre este assunto foram realizadas várias pesquisas em diferentes fontes não tendo sido encontrada qualquer informação a este respeito. Numa última tentativa de obter informações sobre o assunto foi contactado, via internet, o próprio autor do conceito de Turismo Apropriado, Gabriel J. Cherem, no entanto, até à conclusão deste trabalho de projeto, não foi devolvida qualquer resposta.

Um outro fator que condicionou o trabalho, desta vez ao nível das pesquisas sobre o território, foi a limitação temporal que inviabilizou a aplicação de metodologias de pesquisa de cariz qualitativo. A possibilidade da aplicação de entrevistas a habitantes locais, a recolha em áudio ou vídeo de manifestações da identidade cultural, certamente em muito teriam contribuído para uma caracterização mais aprofundada no que respeita à etnografia da freguesia.

Consciente da necessidade de cumprir com os prazos estabelecidos, e porque em estudos desta natureza por vezes tem de se tomar opções de acordo com o tempo e recursos disponíveis,

optou-se por adotar apenas as metodologias quantitativas no que diz respeito ao levantamento de informações junto da comunidade.

Consequência também das limitações temporais foi o facto de não ter sido possível implementar o projeto e proceder à avaliação do mesmo ao nível dos impactos sobre o território.

A implementação de um projeto como o que foi apresentado implica um trabalho de campo no mínimo de dois anos devido, por um lado, aos recursos que seriam necessários mobilizar e por outro, ao papel que é conferido à comunidade. O protagonismo atribuído aos habitantes locais exige todo um trabalho prévio de motivação e capacitação dos mesmos, quer para a preservação, quer para a valorização e posterior dinamização do património. A somar a todo este processo tem ainda de se adicionar o tempo de preparação da comunidade para o contacto com os turistas.

Sugestões para investigações ou trabalhos de projeto futuros

Importa que no futuro sejam realizados trabalhos científicos que melhorem e complementem o trabalho apresentado.

No âmbito da Animação Patrimonial importa apresentar duas sugestões: uma de dimensão teórica e outra teórico-prática.

No âmbito da dimensão teórica sugere-se um aprofundamento da reflexão sobre este tema de forma a combater a carência vigente ao nível da conceptualização do conceito.

No âmbito teórico-prático sugere-se um estudo/levantamento sobre as atividades práticas que têm vindo a ser implementadas no âmbito da animação patrimonial. Neste caso aponta-se como importante compreender qual o impacto destas atividades ou projetos nas comunidades e seus territórios.

Sugere-se também a aplicação de metodologias de investigação-ação neste campo de forma a criar projetos de raiz junto de comunidades e avaliar igualmente os impactos provocados a curto, médio e longo prazo.

No âmbito do Turismo Apropriado será necessário um aumento de pesquisas e reflexão sobre este tema de forma ampliar a informação sobre o mesmo na literatura científica portuguesa.

Considera-se, igualmente, importante realizar um levantamento de territórios que tenham adotado este modelo de turismo alternativo e quais os impactos deste modelo de prática turística junto das comunidades anfitriãs.

Para uma continuidade deste trabalho de projeto, propõe-se, também, a aplicação de metodologias de investigação-ação neste campo, de forma a acompanhar o projeto junto da comunidade e avaliar igualmente o impacto, a nível cultural, social e económico, provocado a curto, a médio e a longo prazo.

Projeto À PORTA - O futuro

Pelas limitações anteriormente apresentadas e, como já foi referido, não foi possível proceder à implementação do projeto idealizado. Todavia, por se acreditar na viabilidade e cariz inovador do projeto, espera-se prosseguir com os procedimentos necessários para que num futuro próximo seja possível materializar esta ideia no território.

Considera-se que o modelo de animação e turismo que se defende neste projeto poderá contribuir para a revitalização do património existente e para o desenvolvimento local da região.

Bibliografia

ANTENA 1 (2011). “Sertã, a música fica no meio”. Emissão da Antena 1 de 30 de setembro de 2011, reportagem de Mário Galego, 14:00h -14:30h. Recuperado em 27 de outubro de 2013. Obtido em <http://www.youtube.com/watch?v=rj03AqlG3RA>.

Augustin, J.& Lefebvre, A.(coords.) (2004). *Perspectives territoriales pour la culture*. Pessac: Maison des Sciences de l’Homme D’Aquitaine.

Bento, A. (2008). Cidadania (re)construção de outros percursos de socialização comunitária a partir da experimentação artística, cultural, educativa e social. In VENTOSA,V. (coord.). *Los agentes de la animación sociocultural* (533-542).Madrid: Editorial CCS.

Bento, A. (2011). O Teatro na Animação Sociocultural. In PEREIRA e LOPES (coords.) *As fronteiras da Animação Sociocultural*. (257-267).Amarante: Intervenção.

Biblioteca Padre Manuel Antunes. (sd).*Biblioteca Municipal da Sertã*. Recuperado em 10 de agosto de 2013. Obtido em <http://biblioteca.cm-serta.pt/biblioteca/a-biblioteca/hist%C3%B3ria>.

Bosco, A. (2007).Teatro Social e comunidade. In LOPES, PEREIRA e VIEITES (coords.) *Teatro e Intervenção Social*. (19-26). Amarante: Intervenção.

Buarque, S. (2002).*Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planeamento*. Rio de Janeiro: Garamond. Recuperado em 15 de Maio de 2011. Obtido em http://www.google.com/books?hl=ptPT&lr=&id=wOUQAQAIAAJ&oi=fnd&pg=PA11&dq=desenvolvimento+local&ots=vEzBisliYG&sig=u1JXayFp_vws1o6bipf6fpaLONo#v=onepage&q&f=false.

Bucho, D. (2010). *Património, Animação e Turismo*. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre.

Bursztyn, Bartholo & Delamaro (2009).Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In Bartholo, Sansolo e Bursztyn, (orgs). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (76-91).Rio de Janeiro: Letra e Imagem.

Calhaz, M. (sd).*Biografia Miguel Calhaz*. Recuperado em 26 de outubro de 2013. Obtido em <http://miguelcalhaz.com/bio/>.

CAMÂMARA MUNICIPAL DA SERTÃ [CMS].(2007). *Plano Estratégico do Concelho da Sertã*. Recuperado em 9 de Agosto de 2013. Obtido em: <http://www.cm-serta.pt/conteudos/default.asp?ID=144>.

Caride, J. (2000). Culturas, animação sociocultural e desenvolvimento comunitário. In GÓMEZ,MARTINS e VIEITES (coords.).*Animação Teatral teoria e prática*. (47-55).Porto: Campo das Letras.

Caride, J. (2007). Por uma nova animação democrática numa democracia animada: sobre os velhos e os novos desafios da animação sociocultural como prática participativa. In PERES e Lopes (coords.). *Animação Sociocultural. Novos Desafios.* (63-75). Amarante: APAP.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação. Guia para a Auto-aprendizagem.* Lisboa: Universidade Aberta.

Cherem, G. (2000). Interpretação Comunitária: A chave para o turismo apropriado. In Goeldner, Ritchie & McIntosh. *Turismo - Princípios, Práticas e Filosofias* (206-209). São Paulo: Artmed Editora, S.A.

Cunhal, A. (1996). *A Arte, o Artista e a Sociedade.* Lisboa: Editorial Caminho.

Dias, J. (2002a). *Contos e Lendas da Beira. Recolhas de Jaime Lopes Dias.* Coimbra: Alma Azul.

Dias, J. (2002b). *Crenças e Superstições da Beira. Recolhas de Jaime Lopes Dias.* Coimbra: Alma Azul.

Dias, J. (2003). *Cozinha e Alimentação na Beira Baixa.* Coimbra: Alma Azul.

Domingues, C. (1990). *Dicionário Técnico de Turismo.* Lisboa: Publicações Dom Quixote.

FARIA, A. (Coord.), (2010). *Roteiros dos Museus e Espaços Museológicos da Região Centro.* Coimbra: Dalldesign. Recuperado em 1 de setembro de 2013. Obtido em: <http://roteiromuseus.ccdrc.pt/book/index.html#/2/zoomed>.

Firmino, M. (2007). *Turismo Organização e Gestão.* Lisboa: Escolar Editora.

Fortuna, C. (2010). Novos trilhos da cultura: Como não falar da cidade?. In Santos e Pais (coords). *Novos Trilhos Culturais. Práticas e Políticas.* (173-181). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Goeldner, Ritchie & McIntosh (2000). *Turismo - Princípios, Práticas e Filosofias.* São Paulo: Artmed Editora, S.A.

G Produções Culturais (2012). *Marco Figueiredo.* Recuperado em 27 de outubro de 2013. Obtido em: <http://www.gproducoes.com/index.php/artistas/mfigueiredo>.

Greenarq. (2011). *2010 | Requalificação Paisagística da Serrada, Sertã.* Recuperado em 2 de setembro de 2013. Obtido em: <http://www.greenarq.net/pt/projects/project/requalificacao-paisagistica-da-serrada-sertae>.

Grunberg, E. (2007). *Manual de atividades práticas de educação patrimonial.* Brasília: IPHAN. Recuperado em 12 de julho de 2013. Obtido em: http://educacaopatrimonial.files.wordpress.com/2010/08/maualatividadespraticas_evelina_03mar08web.pdf.

Guia de Verão - Guia das Praias Fluviais e Zonas de Lazer (2013). Lisboa: Blanche, Lda

Instituto Nacional de Estatísticas [INE].(2011a).*Censos 2011 Portugal*. Recuperado em 25 de Julho de 2013.Obtido em:http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros.

Instituto Nacional de Estatísticas [INE].(2008).*Estatísticas do Turismo 2007*. Recuperado em 23 de Agosto de 2013.Obtido em:http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=26455798&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt.

Instituto Nacional de Estatísticas [INE]. (2011b) *Reorganização administrativa territorial autárquica*. Recuperado em 14 de dezembro de 2012. Obtido em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=rau2012_municipio_ficha&ddcc=0509.

Inovação Projetos e Iniciativas [IPI].(2004).*Agenda 21 local Município da Sertã*. Recuperado em 11 de agosto de 2013. Obtido em: http://www.cm_serta.pt/conteudos/default.asp?ID=140.

Inovação Projetos e Iniciativas [IPI].(2008). *Dinâmicas populacionais e projecções demográficas*. Recuperado em 27 de agosto de 2013. Obtido em: http://www.cm-serta.pt/UserFiles/file/Dinamicas_Populacionais_e_ProjecDemo/Parte5_ProjDemograficas-Projeccoes-Serta.pdf.

Inovação Projetos e Iniciativas [IPI].(2009).*Relatório de Sustentabilidade Câmara Municipal da Sertã*. Recuperado em 28 de agosto de 2013. Obtido em: http://www.cm-serta.pt/UserFiles/file/pdf/Relatorio_Sustentabilidade.pdf.

Irving, M. (2009).Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária. In Bartholo, Sansolo & Bursztyn, (orgs). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (108-122).Rio de Janeiro: Letra e Imagem.

Jacinto, P. (2003). A animação turística como oportunidade à empresarialidade: o caso da região duricense. In Simões, Cristóvão (org.) *Turismo em Espaços Rurais e Naturais* (243-252) Coimbra: Edições IPC.

Jafari, J.(ED).(2003). *Encyclopedia of Tourism* .New York: Routledge. Recuperado em 16 de agosto de 2013.Obtido em:<http://books.google.pt/books?id=2awscRAqdo4C&pg=PA27&dq=APPROPRIATE+TOURISM&hl=ptPT&sa=X&ei=C3QOUt3RJkBF7Aas04GIAQ&ved=0CGoQ6AEwCDgK#v=onepage&q=APPROPRIATE%20TOURISM&f=false>.

Kuppers, P. (2007) *Community Performance. An introduction*. New York: Routledge. Recuperado em 15 de novembro de 2013. Obtido em: http://books.google.pt/books?id=yEALLR2A5LAC&pg=PR1&lpg=PR1&dq=community+performance+an+introduction+by+petra+kuppers&source=bl&ots=F-2H_vPwtP&sig=kv8crbU4d42o67.

Lauret,J.& Cohen,O. (2009) Tout ce qui apporte l'education artistique. *Beaux Arts- Hors série*. (8-11). s.l: Beaux Arts Editions.

Levantamento dos espaços patrimoniais do concelho da Sertã (s.d). s.l: s.e – Consultado no Fundo Local da Biblioteca Municipal Padre Manuel Antunes – Sertã.

Lickorish, L.& JENKINS, C. (2000). *Introdução ao Turismo*. Rio de Janeiro: Campus.

Lopes, M. (2008). *A Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção.

Lopes, D. & BENTO, J. (2009). Educação Ambiental como ferramenta na animação do EcoTurismo, com particular relevância nos espaços naturais e rurais do interior do País. In Peres, Lopes (Eds.). *Animação Turística* (26-34) Chaves: APAP.

Magalhães, F. (s.d). *Museus Património e Animação*. ESEC. Recuperado em 17 de Maio de 2011. Obtido em <https://www1.esec.pt/curso/ase/wpcontent/uploads/2010/04/animacao-de-museus.pdf>.

Mamberti, M. & Braga, R. (2004). *Arranjos produtivos turísticos e desenvolvimento local*. Rio Claro: UNESP. Recuperado em 4 de Maio de 2011. Obtido em: <http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/publicacoes/TextosPDF/mamberti01.pdf>.

Mangas, F. (2007, 2 de abril). Centenas de mãos fazem colcha para cobrir o castelo da Feira. *Diário de Notícias*. Recuperado em 17 de outubro de 2013. Obtido em: http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=655366&page=2.

Mateus, A. (COORD). (2008). *Médio Tejo e Pinhal Interior Sul -Programa Territorial de Desenvolvimento -Estratégia de Desenvolvimento 2020 -Plano de Acção 2007-2013*. Recuperado em 22 de Agosto de 2013. Obtido em: http://www.maiscentro.qren.pt/private/admin/ficheiros/uploads/PTD_MeDIO%20TEJO-PINHAL%20INTERIOR%20SUL.pdf.

Maximino, C. (2011). *Turismo Comunitário: enquadramento conceptual, organizacional e impacte*, Tese de mestrado, Universidade de Aveiro, 2011. Recuperado em 7 de agosto de 2013. Obtido em <https://ria.ua.pt/handle/10773/8302>.

Ministério da Cultura. (2001). Lei nº 107/01 de 8 de Setembro. *Diário da República*, Série I-A, nº 209, 5808-5829.

Moraes, C. (2010). Turismo de experiência e interpretação em museus. In NETTO, GAETA (orgs). *Turismo de experiência* (169-186). São Paulo: Editora Senac. Recuperado em 21 de agosto de 2013. Obtido em: http://books.google.pt/books?id=MXpl9TkRk38C&pg=PA169&dq=educa%C3%A7%C3%A3o+patrimonial&hl=ptPT&sa=X&ei=PHkXUpP9LeW47Aa5_oCoBg&redir_esc=y#v=onepage&q=educa%C3%A7%C3%A3o%20patrimonial&f=false.

Neto, J. (2009). *Elaboração e Avaliação de Projetos de Investimento: considerando o risco*. Rio de Janeiro: Elsevier. Recuperado em 1 de novembro de 2013. Obtido em

http://books.google.pt/books?id=4sK0dGRV7K0C&pg=PA27&dq=dados+primários&hl=pt-PT&sa=X&ei=BAI0Uo2ICKfR7Abn_YHIDg&ved=0CEMQ6AEwAzgK#v=onepage&q=dados%20prim%C3.

Noelli, F. (2004). *Educação patrimonial: relatos e experiências*. Educ. Soc.[online]. 2004, vol.25, n.89 .Recuperado em 23 de agosto de 2013.Obtido em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302004000400017&lng=en&nr m=iso>. ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302004000400017>.

Organização Mundial do Turismo [OMT] (1999).*Código Mundial de Ética do Turismo*. Recuperado em 4 de outubro de 2013. Obtido em <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>.

Pereiro, X. (2009). *Turismo Cultural- Uma visão antropológica*. Tenerife: Colección Pasos.

Pires,P. (2002).*Dimensões do Ecoturismo*. São Paulo: Editora Senac. Recuperado em 1 de outubro de 2013. Obtido em [d=ZkU6EiXujeIC&printsec=frontcover&dq=dimensões+do+ecoturismo&hl=en&sa=X&ei=EdI0UR6gCJKA7Qb8h4CADQ&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=dimens%C3%B5es%20do%20ecoturismo&f=false](http://books.google.pt/books?id=ZkU6EiXujeIC&printsec=frontcover&dq=dimensões+do+ecoturismo&hl=en&sa=X&ei=EdI0UR6gCJKA7Qb8h4CADQ&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=dimens%C3%B5es%20do%20ecoturismo&f=false)

Pose, H. (2008). A Animação Sociocultural e a gestão cultural: opções necessárias e complementares na acção local. In Pereira, Vieites, Lopes (coords.). *A Animação Sociocultural e os desafios do século XXI*. (53-61). Amarante: Intervenção.

Quivy,R. & Campenhoudt,L. (2008). *Manual de Investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reis, F. (2010).*Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado*. Lisboa: PACTOR.

Rey, M. (2008). Del Turismo social al ecoturismo. La perspectiva del animador. In Ventosa (coord.). *Los Agentes de la Animación Sociocultural*. (626-640) Madrid: Editorial CCS.

Santos, A. (2010).Construir, habitar, viajar: reflexões acerca da relação comunicação-turismo comunitário. In Netto e Gaeta (orgs.). *Turismo de Experiência*. (119-132).São Paulo: Editora Senac. Recuperado em 28 de setembro de 2013. Obtido em http://books.google.pt/books?id=MXpl9TkRk38C&pg=PA122&dq=turismo+comunitário&hl=en&sa=X&ei=t990Usa8NM2O7QbepoFw&redir_esc=y#v=onepage&q=turismo%20com.

Santos, D. (2011). *Dos modelos de desenvolvimento local aos projectos de animação cultural: conceitos, dimensões e desafios*. Recuperado em 25 de outubro de 2013. Obtido em http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1009/1/DS_comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf

Sarmiento, M. (2008).*Guia prático sobre a metodologia científica*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

Selinda BTT.(2013). *Selinda BTT- Quem somos*. Recuperado em 2 de novembro de 2013. Obtido em <http://www.selindabtt.com/>.

- Serrano, G. & Puya, M. (2006). *Qué es la animación sociocultural. Epistemología y valores*. Madrid: Narcea, S.A de Ediciones.
- Silva, A. (2009). Desenvolvimento Local e Animação Turística. In Peres, Lopes (Eds). *Animação Turística* (68-85) Chaves: APAP.
- Trilla, J. (2004). Conceito, exame e universo da animação sociocultural. In Trilla (coord.). *Animação Sociocultural. Teoria, Programas e Âmbitos*. (19-44) Lisboa: Instituto Piaget.
- Turismo Sertã, (sd). *Património Cultural*. Recuperado em 14 de agosto de 2013. Obtido em <http://turismo.cm-serta.pt/turismopt/patrim%C3%B3nio-cultural/artesanato>.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [UNESCO] (2005). *Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais 2005*. Paris: UNESCO. Recuperado em 5 de maio de 2011. Obtido em http://portal.unesco.org/en/ev.phpURL_ID=31038&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [UNESCO]. [s.d] *Património Cultural Imaterial*. Recuperado em 18 de Maio de 2011. Obtido em http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=9.
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [ORGANIZATION [UNESCO]. (1972). *Convenção para a protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Recuperado em 18 de Maio de 2011. Obtido em http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/docs/cul_doc.php?idd=5.
- Ventosa, V. (1996). *La expresión dramática como medio de animación en educación social: Fundamentos, técnicas y recursos*. Salamanca: Amarú Ediciones.
- Ventosa, V. (2001). *Expresión Musical, Educación y Tiempo Libre*. Madrid: Editorial CCS.
- Ventosa, V. (2009). Animação Turística e Animação sociocultural: relações e diferenças. In Peres, Lopes (Eds). *Animação Turística* (146-151) Chaves: APAP.
- Veríssimo, N. (2007). *Educação Patrimonial*. Funchal: Diário de Notícias. Recuperado em 1 de Maio de 2011. Obtido em <http://passosnacalcada.wordpress.com/2007/10/09/educacao-patrimonial/>.

Anexos e Apêndices

Em anexo constam os documentos que auxiliaram a investigação

Em apêndices estão inseridos os documentos elaborados pela autora que fazem parte integrante do estudo.

Anexo 2 - Lendas da Freguesia

a)A Lenda de Celinda

Segundo a lenda, o castelo da Sertã terá sido edificado em 74 a.C. por Quinto Sertório, general romano, que foi exilado por razões políticas. Veio para a Península Ibérica por volta do ano 80 a.C. e aliou-se aos Lusitanos após estes lhe terem prometido o seu apoio e o terem convidado a ser seu líder.

Nas lutas ocorridas na conquista da Lusitânia, houve um ataque romano ao castelo, durante o qual o chefe do castelo faleceu dando lugar a uma lenda ligada à origem do nome desta vila.

Ela conta-nos a bravura de Celinda, esposa do chefe do castelo, perante um dos ataques romanos. Conhecendo a infausta notícia da morte do marido, quando dentro do castelo fritava ovos numa sertage [frigideira quadrada], e sabendo da aproximação dos inimigos das muralhas, subiu às ameias e com este utensílio cheio de azeite fervente despejou-o sobre os atacantes para defender o castelo e vingar a morte do marido.

Atuando dessa forma obrigou-os a recuar, impedindo-os de entrar até que chegasse o indispensável reforço dos lugares vizinhos. Para memória de tão inaudita façanha se deu o nome à vila que, até então, tinha um nome desconhecido. (Turismo Sertã, s.d, em linha)

b)Lenda da Nossa Senhora dos Remédios

Andando à caça, um fidalgo foi acometido duma formidável serpente, que vivia no espesso mato que ali existia. Horrorizado com semelhante aparição, trepou para cima duma árvore e possuído de grande susto invocou o auxílio de N.^a Sr.^a dos Remédios e com tanta fé pediu a N.^a Sr.^a que esta o ouviu, porque logo se achou tão encorajado que logo carregou a espingarda e com tal firmeza e felicidade disparou sobre o horroroso animal, matando-o imediatamente. (Farinha *apud* Leal,1930,p.56)

c)A Lenda das Mouras da Ribeira da Sertã

Formosa por seus vales profundos e extensos, de margens belas e verdejantes, dominada por encosta de grande declive e de difícil acesso, a ribeira da Sertã, cercada de pinheirais extensos que, agitados pelo vento, gemem continuamente suas mágoas, é apreciável elemento de riqueza pelos lodeiros que forma nas suas margens e pela límpida água que oferece ao homem para dessedentamento da terra e das culturas. Vai já distante o tempo em que as serras que a cercam eram povoadas de matas virgens e de animais ferozes.

Hoje, tudo é conhecido. A acção do homem chegou a todos os recantos e, no desbravar dos montes e dos vales, numa das escarpas que do Mosteiro Fundeiro [junto à Senhora dos Remédios] vai até à ribeira, formação geológica, acção do homem primitivo ou uma e outra, ficou à vista uma gruta misteriosa de larga boca escura.

Pelo povo começou a correr que dela saíam, fora de horas, a deambular pelo campo, mouras esbeltas que, por sua desgraça, ali viviam encantadas.

Uma noite foram elas, durante a sua digressão, surpreendidas por um homem. Não podendo fugir, entregaram-lhe um grande lenço atado nas quatro pontas, cujo conteúdo ele não pode ver, e aconselharam-no a que o guardasse bem, porque nele encontraria a própria felicidade! Mas... que não o desatasse. Elas voltariam a aparecer-lhe.

Entre receoso e surpreso, agarrou bem o lenço e dirigiu-se lesto para casa a escondê-lo.

Passaram dias. Debalde voltou à procura das mouras até que, cansado de esperar, contou à mulher o sucedido.

Porque não havia ele de ver o que estava no lenço e voltar a atá-lo tal como o recebeu? - obtemperou a esposa.

Dito e feito! O lenço foi desatado e, dentro, encontrada pequena porção de carvão.

Ora, carvão daquele fazia ele todos os dias do mato que queimava e das próprias brasas da sua cozinha, e por isso guardou o lenço e deitou fora o conteúdo.

Na noite desse dia as mouras apareceram-lhe.

Tristes, seus rostos macerados, não balbuciaram palavra! O homem puxou do lenço que trazia dobrado no bolso, desdobrou-o e fez menção de o entregar, mas, nisto, umas falhucas de carvão que ainda continuavam agarradas ao lenço, desprenderam-se e, ao caírem no chão, tilintaram como moedas do melhor timbre.

Mais velozes que o vento, as mouras desapareceram! E o homem lá ficou a pensar como, por sua curiosidade e inconfidência, deixara de encontrar a própria felicidade, jungindo as infelizes ao degredo eterno. (Dias,2002a,p.108)

Anexo 3 - Rezas, Crenças e Superstições da freguesia

Os textos que se seguem foram retirados da obra “Crenças e Superstições da Beira - recolha de Jaime Lopes Dias, sempre que na obra se destacava o seu uso na zona da Sertã.

a) Para tirar o quebranto

O curandeiro ou curandeira acende uns pequenos paus de mouta e, fazendo três brasas tendo próxima uma tigela ou alguidar com água, deita uma brasa para a água e diz:

Deus te gerou,
Deus te tire o mal
Que por ti entrou.

Por cada uma das restantes brasas que deita na água repete as mesmas palavras.

Depois molha a mão na água onde deitou as brasas e passa-a três vezes por cima da pessoa ou animal doente.

Seguidamente toma uma toalha servida (não deve estar lavada) da cozinha, passa igualmente três vezes por cima da pessoa ou animal e repete as palavras acima referidas também três vezes. (Dias, 2002b, p.33)

b) Para curar o cobrão

A curandeira ou curandeiro pega numa faca de cozinha e faz menção de cortar o cobrão em cruz (sem tocar na pele do doente), andando com a faca à roda da erupção, ao mesmo tempo que diz as seguintes palavras:

Eu te corto, cobra cobrão:
A cabeça, o rabo e a raiz do coração
Que não cresças nem arreveses
Nem juntes o rabo com a cabeça.

Terminadas estas palavras, a curandeira ou curandeiro sacode a faca para o chão em menção de deitar fora o mal que à faca se tenha agarrado.

Tudo é repetido três vezes durante três dias, findo os quais se aguarda que a cura se verifique.

Se não se verificar, repete-se mais três dias e aguarda-se novamente. Se ainda não curar, repete-se mais três dias. (Dias, 2002b, p.45)

c) Para curar as quebraduras

Na povoação da Herdade, do concelho da sertã, levam as crianças quebradas na madrugada de S. João ao sítio onde haja carvalho novo e, depois de aberto o carvalho de alto a baixo, uma Maria passa a criança para as mãos de um João e diz:

-“Toma lá, João, este menino doente e dá-o para cá são.”

O carvalho é ligado em seguida. Se soldar, a criança melhora; se não soldar, não melhora. (Dias, 2002b, p.46)

d) Para atalhar o Zagre

O atalhador benze-se e repete três, cinco, sete ou nove vezes (sempre um número ímpar e conforme o estado de adiantamento da doença) as seguintes palavras:

-Tejo, Zêzere e Mondego passei, e o Zagre curei.

(Só tem poder de cura quem tiver passado estes três rios).

Fazem o tratamento todos os dias seguidos até passar a doença, não devendo o doente lavar-se ou mudar de roupa enquanto durar o tratamento. (Dias, 2002b, p.48)

e) Para curar a Bertoeja

Se o doente é homem, basta vestir uma camisa de mulher ainda quente: se é mulher, uma camisa de homem, igualmente quente. (Dias, 2002b, p.49)

f) Para amansar as crianças que são bravas

Colocam-se dentro de um cesto ou canastra, cobrem-nas com outro cesto ou canastra, e fazem saltar sete cabras por cima. (Dias, 2002b, p.49)

g) Para curar o cobranto

Deitam numa tigela cheia de água fria, uma a uma, cinco pedras de sal virgem e cinco brasas, ao mesmo tempo que queimam um ramo de alecrim e dizem, por cada vez:

Deus te fez, Deus te criou,
O mal para dentro de ti entrou,
A Virgem Maria to tirou.

Igualmente fazem três vezes uma cruz por cima do doente. (Dias, 2002b, p.49)

h) Para curar o mau olhado dos animais

Passam três vezes umas calças por cima dos animais doentes, dizendo:

-Se é cobranto ou mau olhado, eu to tiro da cabeça até ao rabo. (Dias, 2002b, p.50)

Orações

i) Responso a Santo António (oração usada quando se perde um objeto)

Santo António se levantou,
Suas mãozinhas lavou,
Seu cajadinho tomou,
Seu carreirinho andou,
Jesus Cristo encontrou.
-Onde vais tu António?
-Eu, Senhor, convosco vou.
-Tu comigo não irás,
Na terra ficarás.

Tudo o que for perdido
Guardarás e restituirás. (Dias, 2002b, p.50)

j)Oração contra os medos

Com as sagradas armas de Jesus Cristo vou armado,
Com o leite da Virgem Maria vou borrifado,
Com o sangue de Jesus Cristo lavo meu corpo,
Que eu não seja ferido, nem cativo, nem morto.

Por bons caminhos irei,
Bons e maus encontrarei.
Os bons me verão,
Os maus não me encontrarão;
Valha-me Jesus Cristo
E mais São Francisco. (Dias, 2002b, p.138)

l)Oração para momentos de trovoada

Cruz de Cristo seja sobre nós,
Cruz de Cristo responda por nós
E nos livre de todo o perigo
Que estiver para nós. (Dias, 2002b, p.139)

Apêndice 1

Inquérito aplicado aos habitantes da freguesia



Inquérito

O inquérito que se segue visa quantificar o nível de receptividade da população local para participar num projeto de animação turística com um forte envolvimento da comunidade. Através das questões tentar-se-á compreender se cada cidadão inquirido poderá estar disponível para proporcionar ao turista algumas experiências ou partilhar alguns conhecimentos sobre o património da na região.

Idade__ Sexo__ Freguesia:_____ Habilitações literárias_____

1- Considera que relativamente ao património cultural/natural da região tem:

Nenhuns conhecimentos[] Poucos conhecimentos[] Alguns conhecimentos[] Muitos conhecimentos[]

2- No caso de ter conhecimentos qual a área ou áreas que conhece melhor:

Artesanato[] Gastronomia[] História local[] Lendas, cantares, rezas e mezinhas[] Património natural[]
Património construído[] Folclore (tradições locais, festas, romarias, etc.)[] Outra[] Qual_____

3- De forma a obter mais conhecimentos sobre o património local estaria interessado em participar em workshops ou outro tipo de formações? Sim[] Não[]

4- De forma a contribuir para um melhor acolhimento turístico na região estaria interessado em participar em formações nesta área? Sim[] Não[]

5- Estaria disponível para fazer voluntariado ou prestar alguns serviços que permitissem a um turista/visitante conhecer o nosso património/região? Sim[] Não[]

6- Em caso afirmativo de que forma poderia dar o seu contributo?

Alojamento[] Refeições típicas/Provas gastronómicas[] Visitas turísticas[] Atividades de diversão e lazer[]
Informação sobre o património local [] Proporcionar experiências rurais (vindima, confeção do queijo, pastoreio, etc.) []
Demonstração de técnicas artesanais (latoaria, cestaria, bordados....) [] Apresentação de manifestações artísticas (dança, música, teatro, etc.) [] Outra[] Qual_____

7- No caso de contribuir com alguma ou algumas propostas apresentadas na questão anterior, como estaria disposto a fazê-lo: Gratuitamente [] Cobrando um valor []

8- Considera que uma aposta no desenvolvimento turístico pode ser uma mais-valia para a região? Sim[] Não[]

9- Na sua opinião, qual a importância da população local no desenvolvimento turístico da região?

Muito importante[] Importante[] Pouco importante[] Nada importante[]

10- Atualmente, no que diz respeito ao desenvolvimento turístico da região considera que a população local é:

Muito envolvida e participativa[] Pouco envolvida[] Nada envolvida[]

11- Na sua opinião qual o fator ou fatores que poderão motivar os turistas a deslocarem-se a esta freguesia:

Património natural[] Património construído[] Gastronomia[] Alojamento[] Eventos culturais[] Eventos desportivos[]
Espaços e equipamentos de lazer, desportivos e culturais (zonas verdes, piscinas, museus, etc.) []
Atrações de cariz religioso [] Pessoas e Modos de Vida[] Outro[] Qual_____

Bem-haja pela colaboração